

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
UNIGRANRIO
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

MARCIO CESAR FRANCO SANTOS

REFINARIA DE DUQUE DE CAXIAS (REDUC):
O PÓLO PETROQUÍMICO E SUA PROMESSA DE DESENVOLVIMENTO
SOB MÚLTIPLOS OLHARES

Rio de Janeiro

2011

MARCIO CESAR FRANCO SANTOS

**REFINARIA DE DUQUE DE CAXIAS (REDUC):
O PÓLO PETROQUÍMICO E SUA PROMESSA DE DESENVOLVIMENTO
SOB MÚLTIPLOS OLHARES**

Dissertação apresentada à Escola de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade do Grande Rio, como requisito para obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Hélio Arthur Reis Irigaray

Rio de Janeiro

2011

MARCIO CESAR FRANCO SANTOS

**REFINARIA DE DUQUE DE CAXIAS (REDUC):
O PÓLO PETROQUÍMICO E SUA PROMESSA DE DESENVOLVIMENTO
SOB MÚLTIPLOS OLHARES**

Dissertação apresentada à Escola de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade do Grande Rio, como requisito para obtenção do título de Mestre em Administração.

Data de Aprovação:

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Helio Arthur Reis Irigaray (Orientador)
UNIGRANRIO

Prof. Dr. Michel Jean Marie Thiollent
UNIGRANRIO

Prof^a. Dr^a. Sylvia Constant Vergara
FGV-EBAPE

DEDICATÓRIAS

Ao Deus trino que se fez presente em todas as fases de minha vida.

À minha amada mulher Joana D'Arc, incentivadora e companheira de sempre.

Ao meu filho Pedro, cuja existência transcende meu ser.

Aos meus pais, Eloysio e Merência, pela formação do meu caráter e por terem sido meus primeiros incentivadores.

À minha avó Filomena e ao meu avô Manoel, pela coragem na diáspora que fizeram e por terem sido os precursores de uma família do bem.

Aos meus avós paternos, Laura e Isaías.

Ao meu amado tio Nani, pela sua coragem e alegria de viver, demonstrados na sua curta vida. Saudades! Até qualquer dia meu amigo...

Ao Lucas, pelo respeito e pela torcida.

Ao meu orientador Arthur, amigo de quarto nos congressos, de café, de chocolate. Soube me guiar em todos os momentos deste desafio, com muito carinho. Serei eternamente grato a você.

À Sylvia Vergara, pelo aprendizado acadêmico que me deu em todos os momentos que pude desfrutar de sua companhia.

A todos os meus amigos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que dediquei este trabalho.

Ao professor Alexandre Nicolini, pelos comentários feitos sobre esse trabalho, por ocasião da pré-qualificação.

Aos membros da banca de qualificação, pelos comentários pertinentes naquela ocasião e que nortearam ajustes e mudanças neste trabalho

Aos professores: Rui Andrade e Rejane Prevot, coordenadores da pós-graduação em Administração da Unigranrio, pela crença e apoio no meu aprendizado acadêmico.

A todos os professores do curso de mestrado da Unigranrio, em especial à Scarlet do Carmo.

Ao amigo Fabio Santos, pelos esforços acadêmicos que fizemos em conjunto e por ter me proporcionado as primeiras conversas com o meu orientador.

À Sra. Tânia, responsável pelo do Instituto Histórico e Cultural de Duque de Caxias, pela total predisposição.

Ao Secretário de Cultura e Turismo de Duque de Caxias, meu professor e amigo Gutenberg.

À Diocese de Duque de Caxias, em especial ao carinho e dedicação do Padre Marcos Bejarano e ao bispo Don Francisco José.

Ao Sr. Vicente, falecido durante a execução deste trabalho, por colaborar intensamente com este estudo ao ceder fotos antigas de Duque de Caxias nos intervalos dos tratamentos.

Ao Carlão, pelo olhar simples e honesto do mundo.

A todos os entrevistados.

Eu fico com a pureza das respostas das crianças:
É a vida! É bonita e é bonita!
Viver e não ter a vergonha de ser feliz,
Cantar, a beleza de ser um eterno aprendiz
Eu sei, que a vida devia ser bem melhor e será,
Mas isso não impede que eu repita:
É bonita, é bonita e é bonita!
E a vida? E a vida o que é, diga lá, meu irmão?
Ela é a batida de um coração?
Ela é uma doce ilusão?
Mas e a vida? Ela é maravilha ou é sofrimento?
Ela é alegria ou lamento?
O que é? O que é, meu irmão?
Há quem fale que a vida da gente é um nada no mundo,
É uma gota, é um tempo
Que nem dá um segundo,
Há quem fale que é um divino mistério profundo,
É o sopro do criador numa atitude repleta de amor.
Você diz que é luta e prazer,
Ele diz que a vida é viver,
Ela diz que melhor é morrer
Pois amada não é, e o verbo é sofrer.
Eu só sei que confio na moça
E na moça eu ponho a força da fé,
Somos nós que fazemos a vida
Como der, ou puder, ou quiser,
Sempre desejada por mais que esteja errada,
Ninguém quer a morte, só saúde e sorte,
E a pergunta roda, e a cabeça agita.
Fico com a pureza das respostas das crianças:
É a vida! É bonita e é bonita!
É a vida! É bonita e é bonita

(O que é, o que é? / Gonzaguinha)

FICHA CATALOGRÁFICA

XXX Santos, Marcio Cesar Franco
Refinaria de Duque de Caxias (Reduc): Pólo Petroquímico e sua Promessa de Desenvolvimento sob Múltiplos Olhares /
Marcio Cesar Franco Santos – 2011.

xxi, 131 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Helio Arthur Reis Irigaray.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Grande Rio, Escola de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-graduação em Administração, 2011.

Bibliografia: f. 123-131.

1. Etnografia. 2. Autoetnografia.

3. Fotoetnografia. 4. Desenvolvimento.

CDD:

RESUMO

O objetivo deste estudo foi levantar os impactos da instalação da Reduc, na perspectiva de seus ex-empregados residentes ao redor, os quais foram atraídos - e depois - dispensados pelo empreendimento. O estudo permitiu comparar as promessas de desenvolvimento econômico-social feitas pelo Governo ao construir a Refinaria e o atual discurso de sustentabilidade da Petrobras, proprietária da empresa, com a percepção dos moradores da comunidade no seu entorno. Ontologicamente, foi baseado nos pensamentos críticos e, metodologicamente, na etnografia e na sua variante, a fotoetnografia. O campo revelou que não há observância de sustentabilidade social por parte da Reduc e que a população se sente abandonada pelo poder público e enganada pelos discursos organizacionais não concretizados.

Palavras-chave: Autoetnografia; Fotoetnografia; Desenvolvimento

ABSTRACT

The purpose of this study was to assess the perceptives of Reduc, from multiple perspectives: employees around residents, who were attracted - and then - provided by the project. The study allowed to compare the promises of economic and social development made by the Government to build the refinery and the current discourse of sustainability of Petrobras, owner of the company, with the perception of residents of the community around it. Ontologically, was based on critical thinking, and methodologically, ethnography and its variant, photoethnography. The field has shown that there is compliance on the part of social Reduc and that the population feels abandoned by the government and not fooled by the speeches organizational met.

Keywords: Autoetnografia; Photoetnografia; Development

SUMÁRIO

LISTA DE DOCUMENTOS ICONOGRÁFICOS

FIGURAS.....	xii
FOTOGRAFIAS.....	xiii

PARTE I – PESQUISA TEÓRICA

1. CAPÍTULO 1 - O PROBLEMA

1.1 Introdução	16
1.2 Objetivos	20
1.3 Questões a Serem Respondidas	21
1.4 O Ambiente Societal da Pesquisa.....	19
1.4.1 O Campo da Demanda Social	22
1.5 Delimitação do Estudo	22

CAPÍTULO 2 – CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

2.1 Brasil (pré)Potência	23
2.2 A Construção de um <i>Duque</i> na República	25
2.3 Com Quantos Caxias se faz um Duque	27
2.4 “O Petróleo é nosso!” De quem?.....	29

CAPÍTULO 3 – MARCO TEÓRICO

3.1 Periferia e a Construção da Identidade dos Moradores.....	33
3.2 Identidade e Imaginário da Periferia.....	34
3.3 Desenvolvimento: um constructo	37
3.4 Pensamento Crítico: seus fundamentos	39

CAPÍTULO 4 – PERCURSO METODOLÓGICO SOB A LUZ E AO CALOR DAS CHAMAS DA REDUC

4.1 Espaço Quadripolar da Pesquisa.....	43
4.2 Os Campos da Pesquisa	44
4.2.1 Campo Axiológico	44
4.2.2 Campo Doxológico	45
4.2.3 Campo Epistêmico.....	45
4.2.4 Campo Morfológico	46
4.3 Classificação de Pesquisa.....	46
4.4 Universo e Amostra	48
4.5 Seleção de Sujeitos	49
4.6 Percorso Metodológico: A Coleta de Dados.....	49
4.7 Tratamento dos Dados	53
4.7.1 Análise do discurso: o método.....	53
4.8 Limitações do Método	55

PARTE II – REVELAÇÕES DO CAMPO**CAPÍTULO 5**

As Promessas de Desenvolvimento segundo os Discursos Oficiais	58
--	-----------

CAPÍTULO 6

Petrobras criando os campos Elíseos na baixada	63
---	-----------

CAPÍTULO 7

O olhar da comunidade: O que há de Elíseos em Campos Elíseos?	68
--	-----------

CAPÍTULO 8

Análise dos dados	115
--------------------------------	------------

CAPÍTULO 9

Reduc: Herói ou Herodes?	117
---------------------------------------	------------

REFERÊNCIAS	121
--------------------------	------------

LISTA DE DOCUMENTOS ICONOGRÁFICOS: FIGURAS

Figura 01 – Recorte publicitário de jornal que divulga os benefícios de morar no bairro adjacente à futura Reduc, já em construção nessa época	57
Figura 02 – Recorte de jornal que reforçam as perspectivas das grandes obras à Reduc	59
Figura 03 – Recorte do jornal que apresenta a promessa de compensação do atraso no desenvolvimento	60
Figura 04 – Recorte do jornal que apresenta a Reduc cinematograficamente	60
Figura 05 – Recorte do jornal que propagava o início das obras da refinaria e a desapropriação de terras do Governo Federal	62
Figura 06 – Recorte do jornal que propagava o início das obras da refinaria	63
Figura 07 – Mapa com a área vulnerável do pólo, considerando os cenários de acidentes de maior alcance das empresas.....	90

LISTA DE DOCUMENTOS ICONOGRÁFICOS: FOTOGRAFIAS

Foto 01 – Início das obras da REDUC, após a desapropriação das terras do INCRA	60
Foto 02 – O registro é de 1951 e mostra o trabalho de operários na construção do bairro adjacente ao que abrigou a Reduc	68
Foto 03 – “Lata d’água na cabeça, lá vai Maria, lá vai Maria...” (...) Assim foi construída a história dos caxienses	69
Foto 04 – Há 60 anos, empregados e seus carros	70
Foto 05 – Os limites geográficos de Duque de Caxias, circunscrita à Baixada Fluminense	74
Foto 06 – A esquerda da foto, vemos a Reduc e Campos Elíseos. À direita (...) Similaridades de pobreza.....	75
Foto 07 – Reduc e os bairros adjacentes	75
Foto 08 – Totem localizado na entrada da Reduc	76
Foto 09 – A planta de produção da Reduc	76
Foto 10 – Estrada de acesso à Reduc	79
Foto 11 – Chorume do lixo acumulado, lama e lixo numa rua (é uma?) da comunidade em torno da refinaria	80
Foto 12 – A comunidade com a Reduc ao fundo	81
Foto 13 – Não parece, mas a foto é recente. Assim é a água potável num poço aberto no Jardim Ana Clara, à margem dos fundos da refinaria e no limite da Baía de Guanabara .	82
Foto 14 – Placa de propaganda do PAC na avenida de acesso à Reduc	84
Foto 15 – (Nova inserção da foto 03)	85
Foto 16 – Carroça-pipa, a alternativa de levar água para áreas mais miseráveis, dentro das mais carentes. A lata agora, vai na carroça.	86
Foto 17 – Dutos que abastecem a refinaria afloram nas calçadas	87
Foto 18 – Os dutos já compõem a paisagem do cotidiano dos moradores	88
Foto 19 – As construções se deram sobre os dutos, mas também sob os dutos	88

Foto 20 – Placa de sinalização para reunir moradores em caso de sinistro na refinaria ..	91
Foto 21 – Comunidade de Campos Elíseos	92
Foto 22 – Na foto de número 04, tirada há 60 anos em preto e branco, observamos alguns sinais de desenvolvimento. Hoje, o que vemos (...)	93
Foto 23 – Casa a beira do Rio Iguaçu, em Campos Elíseos, próximo à Reduc	93
Foto 24 – A ocupação desordenada do solo próximo (...)	94
Foto 25 – Crianças brincam com sua tia, catadora de lixo, próximo a um ferro-velho e da Reduc. Querubins em Campos Elíseos	94
Foto 26 – A naturalização do desrespeito à lei: terreno sendo vendido dentro de uma área de proteção ambiental	95
Foto 27 – Placa sinalizadora de dutos submersos, muito comum em toda a região	96
Foto 28 – A especulação imobiliária trouxe outro tipo de placa muito comum (...)	96
Foto 29 – Da fé às ferragens: um pouco de tudo	97
Foto 30 – Fome selvagem	97
Foto 31 – Fome de trabalho	98
Foto 32 – Fome de diversão	98
Foto 33 – Fome de cidadania	99
Foto 34 – “Êh, oê, vida de gado, povo marcado, êh, povo feliz!”	101
Foto 35 – Criança que “trabalha” num mercado como guardador de carros em Campos Elíseos.....	102
Foto 36 – Senhor desempregado da região que “ganha-a-vida” tocando seu acordeom num bar deserto	102
Foto 37 – O acordeom que embala a fé na pequena igreja de tábuas	103
Foto 38 – Comunidade Santa Clara	104
Foto 39 – Fábula dos Três Porquinhos	105
Foto 40 – Comuns na região, mas não deveriam estar aqui	106
Foto 41 – Esse caldeirão a céu-aberto fica na Av. Fabor (...) rota de fuga em caso de acidentes	107

Foto 42 – Amanhecer na Reduc, em fevereiro de 2011	108
Foto 43 – Amanhecer em Jardim Primavera, em 1951	110
Foto 44 – Em 1951, algumas árvores não estavam no caminho	110

PARTE I – PESQUISA TEÓRICA

CAPÍTULO 1 – O PROBLEMA

1.1 Introdução

"Seria necessário colocar como epíteto de todo estudo sobre a racionalidade este princípio bem simples, mas freqüentemente esquecido. A vida pode ser racionalizada de acordo com perspectivas e direções extremamente diferentes."

Max Weber

Algumas gerações de brasileiros conviveram com os discursos governamentais de que o Brasil seria, no futuro, uma potência mundial. Em discursos oficiais, o presidente Getúlio Vargas relatava que não seriam medidos esforços e reservas naturais para se alcançar o desenvolvimento do país e destacava a convocação da população brasileira para tal objetivo (LOPES *et al*, 2010).

Na mesma vertente, Pinto (2010, p. 56) nos apresenta o discurso de Juscelino Kubitschek, no qual foi reforçada a promessa desenvolvimentista de Getúlio e mantida sua tônica patriótica: *"A verdade, brasileiros, é que somos um país que caminha sozinho. Um país que não se deixa ficar no atraso e marcha avante, corajosamente, ajudado ou desajudado, em direção a um destino de grandeza."*

Oriundos de dois estadistas, essas abordagens reverberariam nos ouvidos de gerações de brasileiros. As promessas serviram de justificativas para iniciativas nacionalistas e desenvolvimentistas, esboçadas durante o Estado Novo de Getúlio e, mais tarde, formatadas com metas e planos mais incisivos, convergiram para grandes planos de desenvolvimento: os Programas Nacionais de Desenvolvimento (PNDs).

Todas as intenções consistiam em estratégias, metas e planos de fortalecimento da economia, na busca de inovações tecnológicas, visavam proteger os setores nacionais estratégicos e o investimento em infra-estrutura nacional. Além, é claro, discursavam sobre a promoção da educação nos centros urbanos e a integração da população aos benefícios do

desenvolvimento (BIZELLI; ALVES, 2007; LOPES, 2010; PINTO, 2010), em especial para as comunidades onde as obras eram pretendidas e começavam a ser realizadas. Em terras fluminenses, o discurso, as intenções e as ações não foram diferentes (MENDONÇA 1992; SIMÕES, 2007).

O papel do Estado Brasileiro tem sido crucial para o direcionamento do desenvolvimento brasileiro por formulação de políticas públicas em favor do crescimento econômico e fortalecimento produtivo no Brasil, exigências do capitalismo na época de 1970 (UDERMAN, 2007). Para a autora, os princípios do modelo de intervenção desenvolvimentista estavam subjacentes às políticas de crescimento econômico, formuladas, pelo menos, até meados da década de 70.

O Brasil mantinha a inflação em níveis aceitáveis e com altas taxas de crescimento, o que facilitava a aceitação do povo a todas as iniciativas estatais. A crise só foi sentida em solo brasileiro a partir do aumento do preço do petróleo, em 1973. Era o fim da euforia do governo e da população. (EARP; LESSA, 2004)

É recorrente nos discursos oficiais – públicos e privados – o foco ao desenvolvimento; notadamente no que se refere à geração de empregos diretos e indiretos e estariam também sustentados os desenvolvimentos regionalizados.

Este foi o caso de Brasília, Rodovia Transamazônica, Itaipu e tantos outros exemplos brasileiros e mundiais desenvolvidos. Também foi o caso do novo pólo-petroquímico em construção no município de Itaboraí, no Rio de Janeiro. O COMPERJ – Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro - prevê a criação de mais de 200 mil empregos (COMPERJ, 2011) e contempla o “desenvolvimento sustentável” da região (Niterói, Casemiro de Abreu, Tinguá, Silva Jardim e Cachoeiras de Macacu), bem como a promoção de justiça social e ambiental (ACSERALD, 2004) para a população envolvida. Será esta promessa cumprida? Até que ponto os burocráticos planos de desenvolvimento industrial se coadunam com os planos de vida dos habitantes locais? Quais são as garantias que os operários ao término de construção desta “nova Brasília”, não sejam relegados às “cidades satélites”?

O projeto industrial aqui mencionado suscitou-nos reflexões sobre uma experiência similar, ocorrida no mesmo estado, há 50 anos: a construção da Refinaria de Petróleo de Duque de Caxias (Reduc), instalada no bairro de Campos Elíseos, 2º Distrito do Município de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. É para esta experiência que

nosso olhar se volta e define a seguinte pergunta investigativa: Quais foram os impactos da instalação da Reduc no território em que ela se instalou, segundo a ótica dos habitantes locais, notadamente, dos trabalhadores contratados para a empreitada e seus familiares, os quais atualmente moram ao seu redor?

Para respondê-la, resgatamos o processo de implantação da refinaria na então agrária, despovoada e pequena Caxias, a qual até aquele momento se caracterizava pela produção de bens primários e entreposto comercial (SIMÕES, 2007; FARAH, 2006). Num segundo momento trazemos nosso olhar para o atual pólo petroquímico; para a cidade de Duque de Caxias, a qual atualmente pertence ao pequeno grupo de cidades-médias do país, (IBGE, 2011), e cuja atividade jaz na produção secundária e terciária de bens de consumo.

A transformação urbana do município em questão foi consequência do processo de migração interna e imigrantes atraídos pela possibilidade de uma vida melhor e emprego no entorno da antiga capital da república (SIMÕES, 2007)

Neste estudo, buscamos resgatar as vozes dos marginalizados e esquecidos nos e pelos discursos oficiais, o que nos permite enquadrá-lo no paradigma ontológico da pós-modernidade crítica (BENHABIB, 1990; BOJE, 1995). Este, preconiza a existência de múltiplas realidades e identidades paralelas e simultâneas (CALÁS; SMIRCICH, 1999), bem como a desorganização, o desarranjo e a flexibilidade existentes no tecido social (HASSARD, 1993). Trata-se então de reposicionarmos do eixo da discussão, afastando-o do *mainstream*, o qual é, em geral, foco dos estudos em Administração (FOLEY; VALENZUELA, 2005; BISHOP, 2005). Entendemos que é impossível isolarmos o objeto de estudo – o “povo” – do contexto histórico, econômico, social e político no qual o mesmo está inserido.

Esta perspectiva também ampara o pressuposto de que os pesquisadores não se posicionam como meros observadores do fenômeno estudado, logo, suas premissas e percepções permeiam toda a pesquisa: da seleção do tema, ao aporte teórico, passando pela metodologia. Desta forma, o pesquisador não advoga – nem acredita que tal seja possível – neutralidade e autonomia; entretanto, mantém sua objetivação, seu distanciamento em relação ao objeto estudado. Alinhamos este estudo com a orientação de Bourdieu (2007) de não confundir o subjetivismo do pesquisador (seus juízos de valor) com o subjetivismo dos objetos de pesquisa (indivíduos, grupos, sistemas sócio-culturais).

Metodologicamente, esta pesquisa apresentado foi modulada pela etnografia, método originado da Antropologia, que se coloca em um paradigma interpretacionista da realidade

social. Pelo fato do autor ser morador, nascido e criado na região, este estudo assume caráter autoetnográfico (ALVESSON, 2003). Ao incorporar também o uso de fotos de arquivos familiares e tiradas pelo pesquisador residente e seus entrevistados, este ensaio passa então a ser classificado como um estudo fotoetnográfico (VERGARA, 2010).

Admitimos o uso da história oral e entrevistas que foram aplicadas na população da periferia, supostamente afastada dos e pelos discursos oficiais e, com isso, objetivamos contar uma nova história (VERGARA, 2010), uma vez que a história tradicional é escrita pelos vencedores, cheia de ausências e silêncios (BOURDIEU, 2007).

Como pesquisa no campo das Ciências Sociais e, baseados nos estudos de Bruyne, Hernan e Schoutheete (1982), buscamos contemplar e responder demandas do ambiente e, ao atendê-las, trazer novos questionamentos para a sociedade que nos cerca. A abordagem destes autores também possibilitou perceber a gênese da necessidade e orienta às expectativas do entorno social deste pesquisador e dos pesquisados. Respostas que vão sendo dadas à sua curiosidade ao propósito de melhorias e preservação da vida.

Este estudo é composto por duas partes, uma teórica, e a outra que apresenta e discute os dados empíricos. Na primeira introduzimos o problema, destacamos seus objetivos finais e intermediários, apresentamos o ambiente societal da pesquisa, as delimitações e damos conta de outras informações iniciais, necessárias à compreensão preliminar do trabalho. Posteriormente, tecemos a historicidade, a geografia da região, contextualizamos os projetos de desenvolvimento brasileiro e apresentamos a questão do petróleo e a Reduc para assim caracterizar o objeto de estudo. No terceiro, damos ênfase ao aporte teórico e resgatamos argumentos do pensamento crítico e sobre identidade os quais serviram de base para a análise dos dados obtidos. No quarto, tratamos do percurso metodológico, sob a luz e o calor das chamas da Reduc.

A segunda parte do estudo dá ênfase às revelações do campo e aos dados empíricos. Do quinto ao nono capítulo, discutimos o que foi apreendido na pesquisa e tecemos nossas reflexões finais.

1.2 Objetivos

O objetivo final deste estudo é desvelar quais foram os impactos da instalação da Reduc no território em que ela se instalou, segundo múltiplos olhares, notadamente, valendo-se da ótica dos habitantes locais, dos trabalhadores contratados para a empreitada e seus familiares, os quais atualmente moram ao seu redor?

Na persecução deste objetivo final, faz necessário alcançarmos objetivos intermediários na região do pólo petroquímico:

- a) analisar o processo de construção identitária dos moradores dessa região;
- b) resgatar o processo de crescimento e desenvolvimento da região e, valendo-se da visão dos estudos pós-colonialistas, analisar as promessas feitas pelo governo e pela principal empresa pela ótica dos habitantes locais;
- c) analisar de que forma as promessas foram percebidas pelos moradores circunscritos na área de influência do pólo.

1.3 O Ambiente Societal da Pesquisa

O tema deste estudo foi escolhido pelo fato do pesquisador ser nativo da região e sempre ter sido de seu interesse os assuntos ligados ao desenvolvimento heterogêneo de Duque de Caxias e as possíveis amarras históricas, sociais e discriminantes existentes na região. No limite, a possibilidade de entender os motivos pelos quais uma expressiva parcela da população (IBGE, 2011) não consegue usufruir do desenvolvimento tecnológico alcançado pelo município.

Esta pesquisa foi facilitada em função de o pesquisador se declarar católico apostólico romano e, como membro da Igreja que pratica, professa a sua fé e quer anunciá-la a todos os seres humanos (CNBB, 2007), sem dogmatismos, pois se os tivesse, o caráter científico deste estudo estaria comprometido.

Após ter sido escolhido para assumir a equipe de dirigentes do Encontro de Casais com Cristo que abrange os quatro distritos de Duque de Caxias e fazer parte deste movimento nacional promovido pela Igreja (CNBB, 2007; ECC, 2009), o pesquisador, mesmo tendo nascido na região, teve a oportunidade de ir até localidades distantes social e geograficamente do centro urbano de seu município natal e assim pode ir até áreas nunca antes exploradas por ele.

O movimento pastoral que dirige se caracteriza pelo fortalecimento dos laços familiares e comunitários. Assim, com esta determinação, o pesquisador passou a freqüentar as comunidades pertencentes às paróquias de Duque de Caxias, e se tornou conhecido pelas lideranças das comunidades locais. A ida até áreas de risco social, algumas dominadas por traficantes, foi facilitada pelas ações sociais, chanceladas pela igreja que pratica. Notadamente, as congregações religiosas são freqüentes na região e muito aceitas pela população residente, independentes do clero ou denominação religiosa.

1.4.1 O campo da demanda social

A ocorrência de dualismos regionais tem sido objeto de estudo há algum tempo (CAVALCANTI; ALBUQUERQUE, 1976) e referem-se à maneira desigual como se

repartem os fatores de produção visando uma maior equilíbrio da distribuição de renda e universalidade do desenvolvimento.

É no olhar desses “extramuros” que ensejamos revelar as lacunas no desenvolvimento ocorridas na concepção e implantação da Reduc na cidade de Duque de Caxias; as quais puderam ser conhecidas e assim servirão de estudo para outras cidades, incluindo outras de porte médio e pequenas em desenvolvimento, no tocante do surgimento nelas de empresas que alteram substancialmente as relações de trabalho da comunidade, infra-estrutura e a economia local.

É dever dos pesquisadores motivar a discussão e privilegiar todas as relações sociais existentes, na busca de que gerem discussões mais honestas, mais assumidas, respeitadas e objetivas para as novas gerações (DANTAS, 2011) nas cidades acolhedoras desses empreendimentos, nas diferentes regiões do país.

1.4 Delimitação do Estudo

No que concerne à geografia deste estudo, ele dá total primazia aos fatos relacionados à definição da área e à construção da Reduc: Refinaria de Duque de Caxias e seu desenvolvimento, até tornar-se um pólo petroquímico no município de Duque de Caxias, Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro, Brasil.

Conhecer os processos de colonização, politização, urbanização e industrialização da região fez-se necessário para a caracterização identitária requerida pelo estudo. Uma vez que estes assuntos já foram exaustivamente abordados por outros autores, sua apresentação será apenas contextualizada nestes processos.

O recorte temporal contempla os fatos a partir de 1937, data da instauração do Estado Novo, no segundo mandato de Getúlio Vargas. O estudo analisa os 50 anos de existência da indústria petrolífera, hoje petroquímica instalada em Duque de Caxias (PETROBRAS, 2009).

A escolha desse período é justificada pela ocorrência de episódios históricos importantes nesse recorte histórico, tais como: a emancipação política de Duque de Caxias; o acolhimento dos migrantes nordestinos; a vinda de imigrantes europeus, em sua maioria, portugueses e italianos; a transição agrária do município para a condição industrial e; por último, na formação das comunidades no em torno da indústria petroquímica, após a construção da refinaria.

Uma vez delimitados o escopo deste estudo e apresentada na seção anterior a relevância dele para os diferentes campos de nossa sociedade, partimos no capítulo seguinte para a contextualização teórica, necessária para a compreensão deste estudo.

CAPÍTULO 2 – CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

2.1 Brasil (*pré*)Potência

Os estudos de Capelato (2003) nos demonstram que eram os discursos oficiais os propagadores do desenvolvimento do país. Esses discursos reverberavam a conjuntura política e social mundial e serviam para formatar aqui ações capazes – ao menos pela retórica - de resolver o atraso do Brasil.

Após a Independência, o Brasil se especializou em exportar produtos primários, principalmente, ao Reino Unido e também para seus países parceiros. O atraso econômico brasileiro forçou o país a se voltar para fora tanto como importador como exportador. Do exterior, vinham os bens de consumo que distinguiam as classes cultas nacionais, e também as ideias e os ideais. De fora, também vinham os capitais promovedores da infra-estrutura de serviços urbanos, energia, transportes e comunicações.

Segundo o autor, o apoio à produção voltada para o mercado externo, a manutenção do gasto e o financiamento do déficit público e a emissão de moedas; atenuavam as crises e permitiam o crescimento nacional. Logo, trazia efeitos no aumento da produção e no emprego, a despeito dos seus efeitos colaterais indesejados: a inflação e o aumento da taxa de cambio (SINGER, 2003).

Em 1937, sob o comando de Getulio Vargas, do Exército e de outras forças antidemocráticas é posta em prática uma reforma política intervencionista no país. Há então um redimensionamento do conceito de democracia com a revisão do papel do estado e a concepção do líder das massas e o surgimento da identidade nacional coletiva. O governo se lança na execução de intervenções regionais e setoriais e passa a apoiar diferentes setores da sociedade brasileira.

Lafer (2003) demonstra o propósito do governo de Vargas de promover o desenvolvimento do país em consonância ao discurso da nova ordem mundial, vigente no pós-guerra. Parte do mesmo autor que o desenvolvimento e construção da sociedade existiu, às expensas de falhas e exclusões sociais.

Devemos lembrar o pensamento de Freyre sobre o processo de construção da sociedade brasileira, onde alinhamos o nosso pensar com o do sociólogo no seu reconhecimento de que para a maioria da população, a experiência da liberdade,

experimentado no início do século XX, vem carregada de um empobrecimento material que, por sua vez, serve de tampão para investimentos culturais e o desenvolver da subjetividade (FREYRE, 1933).

Garcia e Palmeira (2003) asseveram que o protecionismo surge então como uma espécie de tábua de salvação e ponte para a passagem do antigo sistema de relações de dependência escravista e de colonato que deixa o campo e incorpora uma nova vida na cidade. No novo ambiente, sem a proteção e sustento dos antigos donos e patrões não desfrutavam mais de uma ligação formal. Ao sair da propriedade que morava com sua família, o trabalhador lhe teve imputados os custos materiais de uma nova morada, como aluguéis ou aquisição de terreno, precisam agora prover seus acessos à água e à lenha que tinham na antiga propriedade, agora mercadorias de consumo.

Ainda nos termos dos autores, a proteção em contrapartida da fidelidade sem limites que temos hoje na sociedade brasileira não deve ser vista com estranheza. Protagonizada por organizações políticas ou suas redes de clientelismo, tráfico, bandos armados conhecidas como milícias são elas que hoje patrocina as mercadorias de consumo das populações mais pobres. No que tange à argumentação das organizações políticas, vemos como apropriada a relação de fidelidade mencionada que caracteriza a relação do povo com Getúlio Vargas, o “pai dos pobres” (CAPELATO, 2003).

Foi durante a vigência do Estado Novo (1937-45) que novos e importantes passos no processo de desenvolvimento foram dados pelo Estado. A Companhia Siderúrgica Nacional surge neste período, logo seguida pela construção de importantes rodovias. Mais tarde, já no segundo mandato de Vargas (1951-54) é a vez da indústria automobilística. A Revolução Industrial havia chegado pouco antes em solo brasileiro (LAFER, 2003)

É da Era Vargas o modelo de intervenção desenvolvimentista de Duque de Caxias. A busca de seu governo era a superação do subdesenvolvimento nacional através de uma industrialização capitalista, planejada e apoiada pelo Estado. Marcado pelo nacionalismo, o controle dos trabalhadores, o planejamento estatal e os investimentos públicos, o modelo de industrialização induzido pelo Estado Varguista, assegurou ao Brasil, durante várias décadas, altas taxas de crescimento que transformaram o país num *show case* de industrialização acelerada.

O modelo era amparado por políticas econômicas, concessão de crédito de longo prazo, de investimentos em infra-estrutura ou no próprio sistema produtivo. A intervenção

incisiva do Estado favoreceu o aporte de capital estrangeiro e de capital privado nacional que viabilizaram uma aglutinação de recursos que foram indispensáveis para a constituição de um parque produtivo de relevo. (UNDERMAN, 2007).

Getúlio Vargas não concluiu seu mandato para levar a cabo as promessas desenvolvimentistas. Seu sucessor de ideais, Juscelino, incorporou várias iniciativas daquele governante, inclusive a construção do objeto de estudo desta trabalho científico, a Reduc que hoje é considerada um pólo petroquímico.

O Brasil voltaria a ter o seu desenvolvimento econômico voltado para fora do seu ambiente doméstico somente a partir de 1970 pela crescente liberalização do comércio internacional do Primeiro Mundo (SINGER, 2003), que serviu para eliminar o constrangimento do processo de desenvolvimento, iniciado em 1930.

2.2 A Construção de um *Duque* na República

A região de Duque de Caxias não é neste estudo percebida como um local desprovido de história, mas sim modelada pelas condições materiais e naturais herdadas pelos diferentes sujeitos históricos.

O município de Duque de Caxias, assim como outros da Baixada Fluminense partilharam de uma história recente de emancipação. Ainda que tenham partilhado de uma história de delimitação política, tal fato deu-lhes pouco ou nenhum senso de identidade e homogeneidade cultural e política, mas sim uma espécie de “colcha de retalhos” (SIMÕES, 2007), e muito se atribui ao grande afluxo de pessoas e as formas como estes processos se deram. De longe, os municípios eram tidos como promissoras cidades e muito se deve à propaganda que existiu.

Cada município da Baixada Fluminense vivenciou sua história de ocupação de migrantes e imigrantes na primeira metade do século XX. Muitos brasileiros da Região Nordeste, em busca de uma “vida melhor”, voltaram seus olhares para terras do sudeste. Parecia inevitável, dadas às dificuldades e discrepâncias regionais, à saída em massa do campo. Assim, pais e mães de muitos brasileiros viram no horizonte seus filhos e filhas buscarem trabalho nas capitais do sudeste e, em especial, para as terras fluminenses nesse período, dada a influência do poder na esfera federal. Ao encontrarem trabalho, restaram-lhes às moradias na periferia dessas metrópoles (MENDONÇA, 1992; SIMÕES, 2007; RAULINO, 2007). O mesmo fenômeno se deu com famílias de imigrantes não apadrinhados

que chegavam ao movimentado porto do Rio de Janeiro (FIRMEZA, 2008; MENDONÇA, 1992).

No ritmo frenético de desenvolvimento da então capital federal, as grandes fazendas do município de Duque de Caxias eram dissecadas em sítios e chácaras. Os imensos laranjais e culturas hortifrutigranjeiras foram transformadas rapidamente em loteamentos. A grilagem de terra e as ocupações irregulares serviram como mecanismos acessórios à ocupação tida como oficial. Freguesias foram transformadas em distritos e estes em municípios.

A Estação de Merity – que em 1931 havia sido declarado o 8º distrito de Nova Iguaçu e denominada por muitos por Caxias – foi emancipada e transformada na cidade de Duque de Caxias em 31 de dezembro de 1943, durante o Estado Novo, através do Decreto nº 1055 (PMDC, 2010). Emancipar-se não significou tornar-se independente. Pelo contrário, Duque de Caxias tornou-se estratégica para a esfera federal do governo.

O que se viu foi a criação de espaços geográficos consoantes ao processo de industrialização requerido para aquele período. Neste sentido, concordamos com a abordagem de CARLOS (2000, p. 15). Na reflexão da autora sobre o capitalismo, ela define:

O espaço não é humano porque o homem o habita, mas porque o constrói e reproduz, tornando o objeto sobre o qual recai o trabalho em algo que lhe é próprio. Por outro lado, o espaço passa a ser produzido em função do processo produtivo geral da sociedade. É assim um produto histórico que sofreu e sofre um processo de acumulação técnica cultural representado a cada momento as características e determinações da sociedade que o produz.

A região de Duque de Caxias se conceituava então como o resultado de possibilidades conectadas a presença do poder federal e também estadual da capital do Rio de Janeiro, que aglutinavam capitais fixos e funções específicas do seu funcionamento econômico.

Tornar o agrário município num enclave industrial, nas redondezas da então viçosa metrópole era a possibilidade de manutenção da hierarquia e de controle estatal para funcionar conforme níveis técnicos, organizacionais e de capital determinados, sem a necessidade de laços técnicos e orgânicos mais estreitos (MENDONÇA, 1992).

Em 1952, a Comissão Nacional do Petróleo elegia então Duque de Caxias para abarcar uma refinaria de petróleo. Pouco antes da definição da instalação da refinaria em Duque de Caxias, no seu segundo mandato, em 1951, Vargas manteve o compromisso do

desenvolvimento econômico, mas a conjuntura política, econômica e social demandava maior promoção de indústrias de base e favorecimento da exportação.

A participação militar, sempre muito presente no governo de Vargas, se configurava agora em cargos nas Comissões Nacionais de Siderurgia e de petróleo e indústrias de defesa, como a CSN e a FNM - Fábrica Nacional de Motores (CARVALHO, 1999). A *Duque de Caxias*, agrária, povoada, com água, mão-de-obra ávida por emprego, torna-se também Área de Segurança Nacional e era agora estratégica para o país com a presença de empresas de tamanha envergadura – FNM e Reduc.

A nova cidade tinha seus anseios. Como tantas outras periferias, objetivava por distribuição de renda e a melhoria das condições sociais. E estes eram também os desejos expressos pelo Governo Federal (CARVALHO, 1999). Acreditava-se que estes benefícios estavam subjacentes ao processo industrial brasileiro e tenderiam a ocorrer naturalmente, ou seja, seriam subprodutos do crescimento econômico.

Santos (1988) nos auxilia nesta observação ao dizer que o espaço assume uma fundamental importância, já que a natureza se transforma, em seu todo, numa forma produtiva. Afirma que quando o processo produtivo atinge todos os lugares, direta ou indiretamente; paralelamente, ele cria seletividades e hierarquias de utilização com a concorrência ativa ou passiva entre os diversos agentes. Ainda sob a ótica deste autor, percebemos que a importância de Duque de Caxias decorre de suas próprias virtualidades, naturais ou sociais, preexistentes ou adquiridas segundo as inúmeras intervenções seletivas que seu espaço sofreu nos cenários que a cidade atuou.

No caso da instalação da Reduc, estes preceitos são observados e, além disso, Duque de Caxias dispunha de outros determinantes estratégicos e a refinaria fora construída numa área antes pertencente ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA.

2.3 Com Quantos Caxias se faz um Duque

Os dados da prefeitura (PMDC, 2010), demonstram que o município de Duque de Caxias ocupa uma área de 442Km², correspondendo a cerca de 6,8% da área da Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro e, aproximadamente, 35% da área da Baixada Fluminense. Tem como municípios limítrofes: ao norte Miguel Pereira, a nordeste Petrópolis, a leste Magé, a oeste Nova Iguaçu, a sudoeste Belford Roxo e São João de Meriti, e ao sul o Rio de Janeiro.

De acordo com o IBGE (2000), Duque de Caxias encontra-se a uma distância de 20Km da Capital do Estado, a cidade do Rio de Janeiro. Sua hidrografia pode ser resumida em quatro bacias principais: Iguaçu, Meriti, Sarapuí e Estrela. Administrativamente, a cidade está dividida em quatro Distritos: 1º Distrito - Duque de Caxias; 2º Distrito - Campos Elíseos; 3º Distrito – Imbariê; 4º Distrito – Xerém.

O Brasil tem 5.564 municípios e deste universo, apenas 36 deles possuem uma população superior a 500.000 habitantes, ou seja, menos de 1% (IBGE, 2007). O município de Duque de Caxias pertence a esse seleto grupo, pois possui uma população de 872.762 habitantes. Seu Produto Interno Bruto está na ordem de R\$25.001.454,00, sendo o PIB per capita de R\$33.398,00 (IBGE, 2011). Predominam pessoas na faixa etária entre os 10 e 39 anos; idosos na faixa de 8% e 20% da população ainda não completou 10 anos (IBGE, 2011).

As principais atividades econômicas de Duque de Caxias são o comércio e a indústria. As atividades agropecuárias são de pouca expressão econômica e concentra-se apenas nos 3º e 4º Distritos, onde a mandioca, a cana-de-açúcar e a banana são os principais produtos cultivados.

Os trabalhadores do município estão distribuídos predominantemente no setor terciário da economia (71,60%); num percentual bem menor no secundário (27,50%) e de forma quase inexpressiva no primário (0,90%). O parque industrial de Duque de Caxias é significativo, uma vez que possui 809 indústrias nos segmentos químico, petroquímico; metalúrgico e gás; mobiliário; têxtil; vestuário e plástico.

Por outro lado apenas 70% dos domicílios recebem água tratada pela rede pública, o que não significa abastecimento contínuo tanto pela irregularidade do serviço, quanto pelo elevado número de ligações clandestinas e o esgotamento sanitário é inexistente ou precário.

O município de Duque de Caxias também integra o grupo de municípios distantes da capital com um maior número de pobres (LAGO, 2007). Segundo dados da Pesquisa de orçamentos familiares (POF) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a incidência da pobreza em Duque de Caxias é de 53,53%, mais que o dobro do registrado na capital do estado (23,85%) e cerca de quatro vezes maior que o encontrado em Niterói. Mesmo municípios interioranos que, a exemplo de Duque de Caxias, tiveram a implantação de grandes empreendimentos e intervenções estatais, o índice de pobreza apresentado está num patamar diferente do registrado em Duque de Caixas. A Companhia Siderúrgica

Nacional, por exemplo, foi instalada em Volta Redonda e esse município do interior fluminense integra o grupo de cidades fluminenses com a menor incidência de pobreza (10,90%). Comparativamente, o local onde se instalou a refinaria ainda apresenta os menores índices de educação e acesso à saúde, quando comparados à cidade do Rio (IBGE, 2003).

Com índices de pobreza que atingem mais da metade da população e violência (WAISELFISZ, 2011) juvenil e total tão elevados (1º e 3º lugar, respectivamente, no ranking do estado) (WAISELFISZ, 2011), tratamos de uma periferia. Mas não uma qualquer. Tratamos do local que abrigou o maior entreposto comercial do Brasil-colônia; da arena política do Império e da República até a inauguração de Brasília e da área subjacente a uma das maiores metrópoles da América Latina, a cidade do Rio de Janeiro (SIMÕES, 2007; LAGO, 2009; IBGE, 2011).

A saúde financeira de Duque de Caxias é alimentada principalmente pelas altas receitas do ICMS das empresas que vêm crescendo a cada ano. Atualmente é a segunda maior arrecadação estadual, atrás apenas da capital. No entanto, as pesquisas na área da educação, de renda e que medem a longevidade da população, largamente usadas para se estabelecer o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) no âmbito nacional e municipal (PNUD, 2011), divulgados pela ONU e pelo IBGE, indicam que o município é o 52º do estado num universo de 92 municípios e que apresenta o IDH 0,753, atrás da capital Rio de Janeiro, de Niterói e da industrializada Volta Redonda, respectivamente, as três primeiras cidades do ranking estadual (PMDC, 2011; GERJ, 2011). São fatores que *per se* já consubstanciariam a relevância de sua compreensão para diversas áreas do saber.

2.4 “O Petróleo é nosso!” *De quem?*

Este estudo não tem a função de caracterizar as escolhas energéticas ou econômicas do país e tampouco aprofundar-se nas questões físico-químicas do petróleo. Essas abordagens já foram (JUCY, 1983; SCHUCHARDT, RIBEIRO, GONÇALVES; 2001) - e são - estudadas (PETROBRAS, 2011), dada a aplicabilidade destes conhecimentos em diversas áreas.

Entretanto, se mostra relevante o entendimento da atividade econômica do refino que justificaram as escolhas estratégicas dos governos brasileiros nas suas iniciativas públicas e que, de certa forma, fomentaram ações de empresas privadas na execução ou co-execução de investimentos no setor petrolífero.

É imperativo, como ponto de partida para compreensão deste capítulo, a etimologia do pronome “nosso” presente no lema “O Petróleo é nosso” que o intitula, e que fora usado por muitos brasileiros nacionalistas. O pronome “nosso” só pode ser utilizado após a mudança na legislação do subsolo brasileiro, em 1926, que estabeleceu que as minas e jazidas minerais, necessárias à segurança e defesa nacionais e as terras onde existem não podiam ser transferidas a estrangeiros. Vale ressaltar que o acordo de San Remo, firmado entre a Grã-Bretanha e França dava total apoio daqueles governos às suas empresas para que elas buscassem obter jazidas no exterior (VICTOR, 1970).

O interesse nos países latinos era grande e vários vizinhos do Brasil já tinham descoberto suas jazidas. Mas, até o início do governo de Getúlio Vargas, nenhum resultado positivo constatava a existência em nosso país. A sua não detecção dava uma noção de atraso no desenvolvimento e comprometia até mesmo o sentimento nacionalista. Ao mesmo tempo que isso despertava interesse, também acometia a dúvida dos investidores. Mas favorecia a fraude.

Victor (1970, p. 211) apresenta que o nacionalismo e o desenvolvimento brasileiro teve a sua gênese por meio do petróleo e no lema que ecoou por muitos anos. Em palavras do autor:

“a campanha pelo petróleo brasileiro é o ponto de partida para um dos mais notáveis estudos da evolução do nosso pensamento político, em relação ao nacionalismo. E isso porque o movimento (...) nascera do povo, isto é, na classe média, de baixo para cima, até atingir os valores mais expressivos da nacionalidade.”

Os governantes brasileiros, em 1936, mostravam-se também angustiados pela inexistência do petróleo, ou pelo menos com o desconhecimento de sua localização. Taxavam, nas palavras do ex-Ministro da Agricultura do governo de Getúlio como “*monstruoso absurdo da natureza que existisse petróleo em todas as Américas (...) e só não existisse no Brasil*” Para ele só havia uma ação sugerida ao governante “*furar*” (BRAGA, 1936 p. VII).

Nesta vertente e escopo e na ausência da extração, a atividade do refino, graças a demanda e à importação, ocorre antes da descoberta de jazidas no Brasil. A existência das refinarias privadas em solo brasileiro é, portanto, anterior à criação da principal empresa

petrolífera brasileira, a Petrobras, em 3/10/1953 pela Lei 2.004. Tal procedimento, que teve ampla influência de Getúlio Vargas¹ em anos anteriores e expressiva participação militar, denota a importância estratégica do poder do estado na questão petrolífera nacional. É certo que o Brasil buscava detectar o petróleo em seu solo para demonstrar soberania e força estatal. Sua extração e refino proporcionariam acesso aos mercados (CAPELATO, 2003; PIERRE, 2007)..

A extração garante o abastecimento livre da importação, mas o refino transforma o “ouro-negro”, bruto, em diversos derivados padronizados, passíveis de utilização em vários setores da economia e por diferentes países.

Com a dispersão dos mercados e o aumento do consumo de derivados e também impulsionaram as construções de complexos industriais no setor petroquímico. As empresas petrolíferas fazem suas operações perto dos centros de consumo, o que reduz drasticamente os seus custos operacionais, principalmente, os de transporte. Além de assegurar a disponibilidade de produtos derivados nos centros de consumo.

A atividade de refino necessita de economia de escala e, por esse motivo, as atividades se concentram em poucas, grandes e modernas refinarias regionais. A produção regional que serve para abastecer mercados mundiais.

Benefícios são gerados, mas vários são os riscos e as restrições apontadas por especialistas de segurança industrial, especialmente na vizinhança imediata de refinarias. Nesta vertente, Sevá Filho (2005, p. 156) nos apresenta que a população residente, as comunidades locais, estão passíveis a inúmeros riscos, como os elencados abaixo:

“a) um ruído constante e variável conforme incidentes operacionais na refinaria; b) o tráfego intenso e o estacionamento de muitos caminhões-tanque, de produtos químicos e de sucatas e resíduos, além de outros de cilindros e botijões de gás, que são também inflamáveis; c) Odores (mercaptanas, sulfetos) ou ácidos ou amoniacais provenientes do tratamento de efluentes da refinaria; d) Nuvens de poeira de catalisador com silicato de alumínio com algum teor de antimônio, nuvens de fumaça preta dos “flares” em situações de emergência e de partida de unidades; e) Emanações de hidrocarbonetos perto dos abastecimentos dos caminhões; f) Contaminação do solo, subsolo, lençóis subterrâneos e, eventualmente,

¹ Em 6/12/1951, Getúlio Vargas entrega ao Congresso Nacional o Projeto no. 1516 que instituía a Petrobras.

nascentes e córregos. g) Pânico por ocasião de acidentes visíveis e audíveis; convivência com risco alto de incêndios; h) Visibilidade cotidiana da indústria: fumaças, nuvens de vapor, grandes torres e prédios, as chamas altas nos “flares”; i) Queda de fulingens e aerossóis com eventuais odores sulfurosos, amoniacais e outros, além dos mais freqüentes de piche, diesel e gasolina; j) Rotas de tráfego intenso dado o elevado número de serviços relacionados com o transporte de derivados e granéis químicos, lavagem e reforma de tanques; l) Possível desvalorização residencial da área ou venda de terrenos para empreendimentos associados à refinaria, pátios, garagens, oficinas e outras indústrias; m) Passagem de dutos com eventuais vazamentos de voláteis e derrames de óleo ou resíduos no solo e em cursos d’água.

Os interesses econômicos amparados pelos sentimentos nacionalistas que afluíam desde a década de 30, somados à busca vertiginosa pelo petróleo, constituíam o enredo da época. Faltava escolher o cenário, o palco que iria abarcar todas as vozes daqueles discursos.

A escolha deveria coadunar-se com os objetivos nacionais e, ainda, favorecê-los. A localização estratégica de Caxias, sua acessibilidade, a abundância de água, a jusante de diversos rios, o incremento de um pólo industrial tornaram-na sintonizada com os preceitos desenvolvimentistas, que perduraram por décadas, até o ápice no Plano de Metas do presidente Juscelino, em 1961.

O capítulo seguinte trata da formação da identidade desses actantes periféricos, coadjuvantes, imbricados na periferia que se criou ao redor da refinaria. Desta forma, ao finalizar este capítulo, cabe a reflexão ao lema nacionalista que aqui fora adaptado para intitular este capítulo: “O Petróleo é nosso!” *De quem?*

CAPÍTULO 3 – MARCO TEÓRICO

3.1 Periferia e a Construção da Identidade dos Moradores

As periferias brasileiras e seus personagens já foram retratados em novelas e programas de televisão. Em todas as formas, prevaleceram a profusão de enredos, de românticos e feitiçarias (NETO, 2009) aos policiais (SIMÕES, 2007).

Vergara & Irigaray (2010) nos demonstram que na maioria das abordagens sobre periferia, a sua população é identificada como desprivilegiada socialmente. Seus personagens são identificados por sua posição geográfica nas grandes cidades brasileiras.

Esses mesmos autores apresentam suas reflexões na análise que fazem do processo de urbanização brasileira. Segundo eles, as periferias brasileiras, formadas a partir da década de 40, exacerbam a exclusão social dos trabalhadores livres. São muitos os profissionais não integrados no mercado tido como formal. Quando inseridos, não há garantias de progressão. A esperança reside na prosperidade e a proximidade com o grande mercado de trabalho, mantém a vontade dessa população na permanência dos grandes centros. Distanciar-se é como inviabilizar um sonho.

Em números absolutos, segundo o IBGE (2011), são 138 milhões de brasileiros vivendo nas cidades. Um contingente populacional cerca de nove vezes superior ao registrado no início do processo da urbanização brasileira, ocorrida a partir do governo Vargas.

Suas casas, muitas inacabadas ou nunca acabadas são resultantes dos expedientes de subsistência usados por esses trabalhadores. Os grandes lotes favoreceram a construção de moradias, feitas por eles próprios, num cooperativismo informal (SIMÕES, 2007). Sem infraestrutura urbana, em áreas irregulares, alagadiças e insalubres foram sendo ocupadas no entorno de grandes empreendimentos. Foram verdadeiras porções de terras invadidas graças ao favorecimento político. São inúmeros os bairros formados pela intervenção particular de futuros políticos.

Isto se deu exatamente porque são nas bases eleitorais que os problemas recorrentes das periferias ganham vulto e se tornam mote de programas partidários (CALDEIRA, 1984). Problemas de água, energia, transporte, saúde, esgotamento sanitário, educação e trabalho ganham visibilidade e são os temas recorrentes dos discursos que se distanciam da tragédia urbana das periferias brasileiras e sua população, vitimizadas por enchentes e

desmonoramentos, poluição do ar, desmatamento, habitações precárias e com elevado número de indivíduos, epidemias, violência e desemprego (ALVES, 2003).

Irigaray & Vergara (2010) também nos apresentam o argumento de que é necessário entender a categorização da população periférica e como se deram as lacunas, e de que forma elas ocorreram e, ainda, quais são os fenômenos que perpetuam sua existência é imperativo para minimizar o sofrimento e a miséria desta parcela considerável da população fluminense e brasileira.

E é justamente sobre como esse assujeitamento é realizado que trata o tópico seguinte, onde a identidade do morador da periferia é percebida por aqueles que não moram nessas áreas desprivilegiadas e como se forma o estigma da população periférica.

3.2 Identidade e Imaginário da Periferia

São as múltiplas identidades compartilhadas que formam as sociedades. Basicamente, podemos perceber e categorizar as identidades existentes por visíveis, evidenciadas por aspectos físicos como sexo, etnia, faixa etária; e invisíveis, de percepção mais complexa, por vezes definidas por doenças crônicas, orientação sexual e naturalidade dos indivíduos (IRIGARAY & VERGARA, 2010).

Freitas (2000) acrescenta que o sentimento de identidade habita todo ser dotado de consciência de si mesmo. A autora afirma que a constituição de um núcleo identitário como a fonte de coerência interna que caracteriza um ser capaz de ter a consciência de sua própria existência passa exatamente pelos critérios visíveis e invisíveis apresentados e acrescenta outros como profissão, cultura e história.

Assim que são percebidas pelo outro, as identidades geram expectativas quando submetidas à interação social. Conectadas, as impressões, as crenças e os paradigmas existentes de parte a parte, cria-se a alteridade. E se fundam os estigmas.

No campo das pesquisas sociais, diferentes objetos de estudo deixam clara a relação entre estigma e os custos psicossomáticos. Assim, (BRIGHMAN, 1974); mulheres (BROVERMAN ET AL, 1972); pessoas com deformação facial (EDWARDS; WATSON, 1980); deficientes físicos (NEWMAN, 1976); obesos (HARRIS; BOCHNER, 1983); retardados mentais (FOLEY, 1979); homossexuais (HEREK, 1984; IRIGARAY, 2008); transexuais (IRIGARAY, 2010) e cegos (SCOTT, 1969) abrem e alguns já complementam a agenda de discussão desses temas. Desta forma, concordamos com a abordagem de Vergara &

Irigaray (2010) ao acreditar que o mesmo se aplique para os moradores das periferias brasileiras, visto que seus moradores são discriminados e estigmatizados por suas origens.

Pertence ao imaginário dos moradores dos grandes centros urbanos que a periferia é sinônimo de local pobre, sujo, reduto de trabalhadores desqualificados, marginais, bicheiros (SIMÕES, 2007) e feiticeiros (NETO, 2007). São vistos como incultos, cafonas, negros ou mestiços e evangélicos pentecostais (ZALUAR; ALVITO, 2006). Para a sociedade brasileira, nascer, crescer ou mesmo residir na periferia é um fator identitário (BRANDÃO, 2004) e portanto passível de carrear os estigmas sociais imaginados pelos moradores do centro, conforme apontam os estudos de Gohn (1985).

Este imaginário sobre a Baixada Fluminense tem forte impacto na construção da identidade de seus habitantes e nativos e refletem nas suas relações de sociais e nas relações de trabalho e é carregada pelos aspectos simbólicos e significantes da vida cotidiana dessa população.

Durand (1993) define o imaginário como um conjunto de imagens que se concentra toda a criação do pensamento humano, dado que o objeto não se restringe aos seus aspectos físicos, mas carregam percepções ou sensações.

Nos estudos clínicos de Hamad (2004), nesta ótica do imaginário, um indivíduo precisa se reconhecer em referência aos outros elementos do seu grupo e de sua cultura. Ao perceber e sentir que o espelho não reflete sua imagem nos outros e seu pertencimento ao grupo não é mais confirmado ele age de duas formas totalmente distintas, ele pode decidir buscar reconstruir-se no mundo novo que se apresenta e, graças às referências do outro, criar uma nova identidade para si. Mas também, pode confirmar sua filiação e sua cultura e para isso remeter-se às suas referências simbólicas.

Segundo Haal (2006), a identidade não é mais uma característica biológica, mas sim histórica. Para o autor, a identidade pós-moderna não é fixa no indivíduo, essencial ou permanente. Nela, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos. Surgem identidades contraditórias, de tal modo que as identificações estão continuamente deslocadas, de tal forma que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, os indivíduos são confrontados por uma desconcertante e várias identidades possíveis que eles podem se identificar, ao menos, temporariamente.

Bauman (2005) também nos direciona para a análise de uma identidade que não está fixa no indivíduo. Ele nos apresenta uma era líquido-moderna, que estar total ou parcialmente

deslocado em toda parte, não estar totalmente em lugar algum, sem que algum dos aspectos simples do ser humano “se sobressaiam” e sejam vistos pelos outros como estranhos é impossível. Sempre há algo para explicar, esconder, desculpar, ou a apresentar de forma corajosa, como ostentação e barganha.

Bauman (1999) nos apresenta que a globalização tanto divide quanto une e que as causas da divisão são idênticas às que promovem a uniformidade do globo. Conjuntamente, os dois processos intimamente relacionados diferenciam nitidamente as condições existências de populações inteiras e de vários segmentos de cada população. O que para alguns parece globalização, para outros significa localização; o que para alguns é sinalização de liberdade, para muitos outros é um destino indesejado e cruel. Alguns se tornam plena e verdadeiramente “globais”; alguns se fixam na sua “localidade” — transe que não é nem agradável nem suportável num mundo em que os “globais” dão o tom e fazem as regras do jogo da vida.

De fundamental importância para este estudo são as considerações e reflexões sobre o estigma. A abordagem deste fenômeno possibilita a dinâmica das representações sociais no contexto nos quais toma forma. O estigma passa a ser encarado como articulador da construção da identidade e fornece características à descoberta da alteridade (GOFFMAN, 1998, JODELET, 2001; JOVCHELOVITCH, 1995).

Esta análise torna possível a percepção de sentidos e as relações sociais que dão forma aos diferentes objetos que cercam o indivíduo e passam a orientar suas condutas. Assim identidade, estigma e alteridade caminham juntos e estão presentes na população periférica caxiense.

No tópico seguinte, damos ênfase ao Desenvolvimento e o diferenciamos de crescimento econômico. E exploramos as diferentes construções a respeito destes temas.

3.3 Desenvolvimento: um *constructo*

Se duas regiões apresentam, no decurso do tempo, padrões distintos de desenvolvimento, é preciso buscar na dotação e no uso dos recursos produtivos a raiz do fenômeno da disparidade, que podem estar ligados a atividades, comportamento e instituições (ALBUQUERQUE, CAVALCANTI; 1976). .

Uma característica marcante do desenvolvimento capitalista no Brasil é o papel do Estado como agente industrializador, exercido não somente através de funções fiscais ou monetárias, mas também pela sua influência na definição e articulação de grandes blocos de investimentos no pós-guerra e na criação da infra-estrutura, indispensável para a industrialização pesada (SERRA, J., 1984).

É comum no Brasil o uso de indicadores econômicos para referir-se a um processo de crescimento ou desenvolvimento social. Ainda que não os caracterize, o uso encerra a escolha metodológica que um pesquisador adota em sua pesquisa. Para Serra (1991) o incremento nos indicadores confere uma abordagem eminentemente quantitativa, aplicável tão somente ao crescimento e não significa que os parâmetros do desenvolvimento, estes qualitativos e de cunho socioeconômico mais amplo, tenham sido igualmente aumentados.

Ainda na perspectiva deste autor, o conjunto de variáveis socioeconômicas frequentemente utilizado para o desenvolvimento de um país ou de uma região, engloba a distribuição de renda, condições sanitárias, o nível educacional, a alimentação, a distribuição espacial da população e a estrutura de produção.

Na prática, uma vez que as variáveis eram conhecidas, passou-se a adotar certos valores ou escalas de medição do desenvolvimento, valendo para os países capitalistas dominantes no pós-guerra o padrão a ser seguido, hierarquizando, segundo o nível alcançado pelos países.

Serra (1991) também nos apresenta a crítica ao modelo de desenvolvimento quando expõe as mazelas existentes nesses países dominantes, em especial nos assuntos relativos à degradação do patrimônio natural deles.

Em 1979 foi definida no país a política nacional de desenvolvimento urbano que, dentre as principais características estavam a ordenação da ocupação e do uso do solo, a priorização do atendimento da habitação para os ditos de “baixa renda”, a ênfase no transporte coletivo, o saneamento, o acesso à água potável, o controle da localização de plantas industriais, os cuidados com o meio ambiente e o do patrimônio histórico. Por meio da localização das empresas estatais, indiretamente o estado brasileiro direcionava a instalação de empresas privadas. Por conseguinte, determinava-se a localização do emprego, ao se determinar a localização da população.

A realidade do poder econômico e pela política nacional de desenvolvimento se contrapõe aos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade presentes na atual Constituição do

Brasil (SENADO, 1988; GRAU, 2003). Para Grau (2003), a igualdade alcança a concreção no mero formal, à moda do porco de Orwell, onde existem os iguais e os mais iguais. O próprio enunciado do princípio “todos são iguais perante a lei” denota uma inconsistência, uma vez que a Lei é uma abstração e as relações sociais são reais.

No Brasil, quase toda a política implementada que visa o desenvolvimento regional traz o pressuposto da possibilidade e da conveniência da ação de um Estado Instrumental, sujeito da história e da organização social do território, como decorrência de sua ação. Embora, se procure destacar, ainda que por pudor, a importância da iniciativa privada (GUNN, 1985)

O Estado Brasileiro pretendeu promover o desenvolvimento por meio de investimentos públicos e privados em pólos e para isso engendrou uma série de políticas públicas, por meio do disciplinamento legal e da criação de incentivos ao capital privado. No detalhamento dessas políticas, conforme nos orienta Perroux (1978), os pólos podem ser entendidos como de crescimento e de desenvolvimento. Assim, segundo o autor, as indústrias podem ser entendidas como motrizes ou pertencentes ao setor básico da economia. As que integram este último bloco, guardam um ranço mercantilista, no qual um único setor é capaz de promover o crescimento da economia, enquanto para as indústrias motrizes, a dimensão é mais ampla e promove a integração regional.

Os interesses econômicos do Brasil, por ocasião da instalação da refinaria em Duque de Caxias estavam amparados pelos sentimentos nacionalistas que afluíam desde a década de 30 (DRAIBE, 1985), potencializados pela busca vertiginosa do petróleo (VICTOR, 1970). O governo brasileiro mostrava-se angustiado pela inexistência de petróleo em solo brasileiro, ou pelo menos com o desconhecimento de sua localização. Nas palavras do ex-Ministro da Agricultura do governo de Getúlio Vargas como *“monstruoso absurdo da natureza que existisse petróleo em todas as Américas (...) e só não existisse no Brasil”* Para ele só havia uma ação sugerida ao governante *“furar”* (BRAGA, 1936 p. VII).

Na ausência da extração, a atividade do refino surgiu e cresceu como opção petrolífera brasileira, graças a demanda e à importação, e ocorreu antes da descoberta de jazidas no Brasil. A extração garantiria o abastecimento livre da importação, mas o refino já era capaz de transformar o “ouro-negro”, bruto, em diversos derivados padronizados, passíveis de utilização em vários setores da economia e por diferentes países. É certo que o Brasil buscava detectar o petróleo em seu solo para demonstrar soberania e força estatal, mas o refino, *per se*, proporcionava acesso aos mercados (PIERRE, 2007).

Com a dispersão dos mercados e o aumento do consumo de derivados no pós-guerra as construções de complexos industriais do setor petroquímico foram impulsionadas (VICTOR, 1970; COUTINHO; BELLUZZO, 1982). Como as empresas petrolíferas fazem suas operações perto dos centros de consumo, para reduzir drasticamente os seus custos operacionais; a escolha de um local deveria coadunar-se com os objetivos nacionais e, ainda, favorecê-los. Assim, a localização estratégica de Caxias, sua acessibilidade, a abundância de água, a jusante de diversos rios, o incremento de um pólo industrial tornaram-na sintonizada com os preceitos desenvolvimentistas, que perduraram por décadas, até o ápice no Plano de Metas do presidente Juscelino, em 1961.

A atividade de refino necessita de economia de escala e, por esse motivo, as atividades se concentram em poucas, grandes e modernas refinarias regionais. A produção regional serve para abastecer mercados mundiais.

3.4 Pensamento Crítico: seus fundamentos

Fundamentalmente, o pensamento crítico diverge da ortodoxia funcionalista por sua ótica reflexiva e relativa, acreditando que a neutralidade positivista seja uma impossibilidade lógica, dado que os observadores estão inseridos num dado contexto econômico-social (VIEIRA; CALDAS, 2006). O pensamento crítico, apesar de se apresentar fragmentado em duas vertentes alternativas, a Teoria Crítica e o Pós-Modernismo, tende a compartilhar o mesmo espaço no campo dos Estudos Organizacionais (ALVESSON; DEETZ, 1999). A rigor, a Teoria Crítica define seu campo teórico sobre os pressupostos marxistas (HORKHEIMER, 1937), os quais preconizam a análise da realidade sócio-histórica como instrumento de se revelar as formas de dominação e exploração do capitalismo. Os teóricos críticos, em especial os ligados à Escola de Frankfurt, examinam o mercado e suas relações sob a perspectiva da emancipação do homem na sociedade *vis-a-vis* os perigos percebidos no projeto da Modernidade, notadamente a racionalidade instrumental, definida por Weber (1958) e Manheim (1940) como de valor utilitarista.

Para Habermas (1993), a racionalidade instrumental, característica básica do Modernismo, colonizou o mundo da vida (*Lebenswelt*). Na ideia deste mundo, Habermas mostra a racionalidade dos indivíduos mediada pela linguagem e comunicatividade, elementos

os quais se constituem em instrumentos de construção racional dos sujeitos calcados na estruturação de três universos: o objetivo, o subjetivo e o social.

Já os teóricos pós-modernos trabalham com conceitos de fragmentação, textualidade (DERRIDA, 2004), múltiplas identidades coexistentes (LYOTARD, 2003), e resistência (BAUDRILLARD, 2004), opondo-se a grandes narrativas, as quais são as bases dos sistemas teóricos funcionalistas e marxistas.

Se, ontologicamente, a pós modernidade difere tanto da teoria crítica, como podem compartilhar o mesmo espaço? Na realidade, ambas são uma resposta à proposta modernista e seus modelos positivistas, racionais e previsíveis, os quais resultaram na instrumentalização das pessoas e da natureza por meio do conhecimento técnico-científico. A vertente que busca coadunar e harmonizar essas duas teorias denomina-se Pós-Modernidade Crítica.

A Pós-Modernidade Crítica fundamenta-se na crença de que algo fundamental se perdeu na busca por soluções meramente técnico-instrumentais (FOUCAULT, 2007) e busca investigar questões como exploração, falsa consciência, comunicação distorcida, bem como as relações de poder assimétricas (econômicas, de gênero, etnias, orientações sexuais). Neste sentido, o arcabouço teórico é construído com base tanto nas premissas de hiperrealidade (BAUDRILLARD, 2004; LYOTARD, 2003), como na visão marxista de conflitos sociais. No limite, a pós-modernidade crítica busca desmistificar a racionalidade instrumental, como também o fez Guerreiro Ramos (1981).

Este autor critica as sociedades nascidas da Revolução Industrial, as quais jazem sobre o princípio ontológico do Iluminismo, ou seja, da instituição da razão instrumental (HOBBS, 2002; BACON, 2007; SMITH, 2007), a qual desequilibra a mente humana ao proceder a valorização unilateral do que é útil exclusivamente ao indivíduo, e dos pressupostos mecanicistas, os quais separam corpo e mente, concebendo o universo como uma imensa máquina. A forma encontrada pela sociedade mercadocêntrica para institucionalizar a “razão” foi torná-la compatível com a estrutura social, normativa, utilitária, calculista, o que resultou na inquestionabilidade do paradigma funcionalista.

Teóricos críticos, como Guerreiro Ramos, não possuem qualquer ilusão acerca da possibilidade de uma sociedade ideal, sem conflitos. Ele critica a supervalorização da dimensão econômica e a expansão totalitária dos valores de mercado e, paralelamente, defende a economia dual, cooperativista e o valor de uso, o que implica a descentralização e

delimitação do espaço-tempo da vida econômica (GAGLIETI, 2008). Assim, o eixo de discussão desloca-se para a regulamentação da economia por meio de uma política ecológica.

Na visão de Guerreiro Ramos, a economia de base industrial é fundamentada sobre a premissa equivocada e desastrosa de que os recursos naturais são infinitos. Tal premissa resulta do fato de a sociedade não se reconhecer como “miniatura de um cosmos maior, mas como um contrato amplo entre seres humanos” (GUERREIRO RAMOS, 1981:54). Assim, a conduta humana se conforma a critérios utilitários, os quais, por sua vez, estimulam a fluidez da individualidade. O ser humano moderno “é uma fria criatura calculista, que se comporta, essencialmente, de acordo com regras de conveniência” (GUERREIRO RAMOS, 1981:54). O pensamento crítico aqui apresentado servirá de insumo para a análise dos dados obtidos no campo, cujo percurso metodológico será descrito em seção mais adiante.

CAPÍTULO 4 – PESQUISA EMPÍRICA: A ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

O método etnográfico aplicado neste estudo consistiu na imersão do pesquisador no ambiente estudado, que por sua vez, foi ainda maior, na sua variante, a autoetnografia. A cordialidade das pesquisas possibilitaram o incremento gradual de interesses do objeto de pesquisa (FLICK, 2004), permitiram o mergulho ainda mais profundo no ambiente e no cotidiano dos entrevistados.

A realização da coleta de dados no campo esteve associada por meio de observação participante e entrevistas, roteirizadas, sempre semi-estruturadas (VERGARA, 2010; IRIGARAY, 2008).

Cabe aqui ressaltar que o método etnográfico utilizado explorou a intensa relação intersubjetiva entre o indivíduo e os outros, mas não negligenciou o fato do pesquisador ter nascido na região. Ele não é inocente ou politicamente neutro, uma vez que admitimos que todos somos marcados pela classe social, religiosidade, etnia, orientação sexual e que sofremos, portanto, influências do ambiente, além desta diversidade, claro, se refletir também na academia. Por esse motivo, durante todo o processo de elaboração e condução da pesquisa, houve a consciência de que é impossível manter-se neutro ou autônomo.

Bourdieu (1972) nos invoca a buscar a imparcialidade e a preservá-la de tal forma a não confundirmos o subjetivismo do pesquisador, carregado de juízos de valor; pelo subjetivismo dos objetos de pesquisa – indivíduos e grupos presentes nos sistemas sócio-culturais.

Para os autores Bruyne, Herman e Schoutheete (1982), a liberdade de escolhas do pesquisador não escapam dos conflitos políticos e sociais e está assim limitada ou sofre coerção de determinados campos de influência e tais campos são de naturezas distintas e se mostram específicas a cada contexto particular de pesquisa científica.

Assim, o universo da pesquisa nas Ciências Sociais precisa ser explicado tanto na perspectiva individual com nas de ordem societal, isto é, sua explicação demonstra como o sujeito dispõe de processos que lhe permitem funcionar em sociedade. Assim como as dinâmicas sociais, orientam o funcionamento desses processos.

4.1 Espaço Quadripolar da Pesquisa

Defendemos aqui a interpretação dos dados coletados na pesquisa foi influenciada pela aparente autonomia da prática científica. Sua regência foi articulada por diferentes instâncias, ou pólos reguladores, como um campo de forças, que determinam fluxos de operações que garantiram rigores e credibilidades.

Assim, a análise se valeu da interpretação de um espaço regido por quatro forças: o pólo epistemológico, o teórico, morfológico e técnico que formaram um espaço quadripolar da pesquisa (BRUYNE; HERMAN; SCHOUTHEETE, 1982).

O pólo epistemológico foi o responsável pelo senso crítico da pesquisa e exerceu a função de vigilância que assegurou a objetivação da produção do objeto científico. Assim, tornaram explícitas as problemáticas da pesquisa. Foi a garantia da ruptura contínua do objeto científico com o senso comum. E, decidiu as regras de produção e de explicação dos fatos, da compreensão e da validade das teorias que aqui foram levantadas.

Por sua vez, o pólo teórico participou da elaboração das hipóteses e da estruturação dos conceitos, pois nele residiu a formulação sistemática dos objetos científicos. Foi revisitado nas regras de interpretação de fatos, de especificação e participou continuamente da definição das soluções que haviam sido dadas provisoriamente às problemáticas. Neste pólo ocorreu o movimento da conceitualização por meio da confecção das linguagens científicas.

No pólo teórico percebeu-se uma semelhança aos quadros de referência que forneceram inspirações e problemáticas provenientes das contribuições teórico-práticas das disciplinas e dos hábitos adquiridos. Os quadros de referência desempenham um papel paradigmático implícito, sejam eles positivistas, compreensivos, funcionalistas, estruturalistas ou institucionais.

Por sua vez, o pólo morfológico foi o espaço reservado para a enunciação das regras de estruturação, em que se formou o objeto científico, por meio da ordenação dos elementos estudados. Neste pólo, ao demonstrar o modo de investigação demos indicativos das escolhas práticas preparadas para o confronto com os fatores empíricos.

O pólo técnico assemelha-se com os modos de investigação particulares: estudos de caso e estudos comparativos. Sua função durante a pesquisa foi a de controlar a coleta dos dados, verificar e validar sua veracidade, relevância e pertinência. Esse processo foi realizado

quando se percebeu a necessidade de confrontar os dados com a teoria que os suscitou (BRUYNE; HERMAN; SCHOUTHEETE, 1982).

4.2 Os Campos da Pesquisa

4.2.1 Campo Axiológico

Os valores culturais são inerentes à sociedade e estes são impostos ao pesquisador na escolha de suas problemáticas. Marx dizia que os homens só se colocam os problemas que julgam capazes de resolver, criando uma relação direta das escolhas das temáticas aos contextos sociais, técnicos e culturais que o pesquisador está circunscrito. Assim, denota-se que os interesses próprios do pesquisador sugerem orientações específicas.

Contudo, ainda que o pesquisador seja um habitante nascido no campo delimitado da pesquisa, leva-se em conta seus juízos de valor pessoais e estabelece-se uma demarcação graças a uma linguagem e a procedimentos específicos (BRUYNE; HERMAN; SCHOUTHEETE, 1982).

A coleta de dados não se restringiu, porém, às suas impressões, visto que as mesmas refletiram e decorrem de interações sociais com outros moradores, família e amigos, residentes no campo de influência do pólo petroquímico de Duque de Caxias.

Este trabalho parte do pressuposto de que a compreensão dos significados das ações sociais deva partir da perspectiva dos próprios sujeitos, e não da visão do pesquisador (DAMATTA, 1979, p.35).

Em seguida apresentamos o Campo Doxológico que norteará esta pesquisa.

4.2.2 Campo Doxológico

Novamente os autores Bruyne, Herman e Schoutheete (1982) nos apontam que é por meio do campo doxológico, com as evidências do saber não sistematizado, na observação da linguagem e nas práticas cotidianas que esta pesquisa científica concentrou os esforços para analisar suas problemáticas específicas.

Nesta área do saber, a busca do desprendimento do senso comum, tentou retirar da linguagem científica as contaminações derivadas das pré-noções vagas, imprecisas e ideológicas que são inerentes ao indivíduo.

Nenhuma prática científica funciona fora do conjunto das práticas sociais. Desta forma, podemos falar de corte epistemológico entre as partes. Falar de ruptura epistemológica entre a prática cotidiana e a do conhecimento científico denotou um sentido de recomeço, continuidade e reformulação, que foi capaz de permitir ao pesquisador a saída do que é apenas reflexivo ou intuitivo para o verificável, por meio de métodos especiais de abordagem adaptados ao problema.

Ao pesquisador caxiense foi exigido certo estranhamento e igual distanciamento da realidade na qual vive, para poder sobre eles melhor refletir nas anotações surgidas em seus cadernos, sobretudo no que viu e ouviu, capazes de alçar suas conclusões e proposições de agendas de pesquisa.

Neste campo doxológico foram levadas em consideração todas as interações sociais e conversas informais que marcaram a memória do pesquisador residente no campo. Na interação com moradores, obtiveram-se fotografias tiradas por ele, bem como por seus entrevistados e outros moradores que, juntas, formaram o olhar da comunidade para o objeto pesquisado.

4.2.3 Campo Epistêmico

Nesta pesquisa, cujo objetivo é dar voz aos moradores do município de Duque de Caxias que vivenciam o atual estágio de desenvolvimento do município fluminense, em especial na área próxima ao seu pólo petroquímico, foi levada em consideração a fenomenologia como um instrumento de análise eidética.

É sob esta ótica, que nenhuma análise é definitiva. O real contém uma multiplicidade de essências, que devem ser reveladas e trazidas à luz (IRIGARAY, 2008). Ao empregá-la como ponto de partida reunimos condições favoráveis à utilização de outros instrumentos de análise que se baseiam na mesma lógica: a etnografia crítica, autoetnografia e as histórias de vida.

4.2.4 O Campo Morfológico

Este pólo enuncia as regras de estruturação do objeto científico e impõe uma certa ordem entre seus elementos. É por meio dele que se revelam as escolhas das práticas investigativas e de que maneira será realizado o encontro com os dados da pesquisa, no caso desta, coloca o pesquisador frente aos problemas reais, de seres humanos reais, que vivem dentro de uma sociedade e contextos históricos, econômicos, sociais, de gênero e raciais. Nenhum grupo pode ser analisado em suspenso, fora dos macro-aspectos que contribuem na sua formação social.

A questão central jaz no fato de não poder se analisar a população de Campos Elíseos, jovens ou não, homens ou mulheres, alfabetizados ou não, como um grupo homogêneo, isolados da sociedade ou, pior, acreditar que relatos de suas histórias de vida, fragmentos de discurso, tornem-nos transparentes.

Muito pelo contrário, o foco deve ser torná-los visíveis e as suas relações entre os indivíduos inter e intra-grupais evidenciadas.

Nesta pesquisa, essa visibilidade se deu por meio de um estudo etnográfico, conversas, um pequeno grupo de foco espontâneo capaz de ligar vidas aos contextos econômico, social e político.

Para que essa visibilidade ocorresse foi necessário reconhecer que as pessoas, no cotidiano, falam como se fossem auto-conscientes, imunes, independentes, desconectadas e isoladas da história, do Estado, do contexto econômico e dos “outros”. As relações são dinâmicas, todos os indivíduos são impactados pelo ambiente e, simultaneamente, reagem a ele, modificando-o.

4.3 Classificação da Pesquisa

Segundo o critério de classificação de pesquisa proposto por Vergara (2010), a pesquisa esteve pautada:

- a) Quanto aos fins: de caráter exploratório, pela escassez da abordagem pretendida e por permitir a inserção do pesquisador no dia-a-dia do grupo investigado. Também é descritiva, pela intenção em revelar a percepção dos

moradores da periferia em relação ao desenvolvimento e as oportunidades a eles ofertadas;

b) Quanto aos meios de investigação: pesquisa de campo, dado seu empirismo e a prática das entrevistas e observações; análise bibliográfica: documentos, livros, jornais e artigos; etnográfica, uma vez que o pesquisador está inserido no contexto pesquisado; autoetnográfica, por ser o pesquisador natural da região delimitada no estudo; fotoetnográfica, pois se valeu de registros fotográficos na contextualização dos fatos; histórias de vida, uma vez que os relatos e as escolhas, sucessos e fracassos dos moradores foram ouvidos, e também, pela natureza dos métodos *ex post facto*, pois acreditou-se inexistir a possibilidade do pesquisador controlar ou manipular variáveis.

As entrevistas realizadas foram semiabertas (VERGARA, 2010), pois se buscou um contato próximo, participativo e mais intenso, valendo-se de um roteiro previamente estabelecido e focalizado para nortear os propósitos intencionados. Entretanto, procederemos nossa análise de acordo com Freud *apud* (FRICK, 2004, p. 58-59), tendo em mente os ensinamentos deste autor, conforme exposto a seguir em suas palavras:

“Pois assim que alguém, até certo ponto, concentra deliberadamente sua atenção, essa pessoa inicia uma seleção a partir do material à sua frente, um ponto estará fixado em sua mente, com particular clareza, e outro será, da mesma forma, desconsiderado, fazendo esta seleção, ela estará seguindo suas expectativas ou inclinações. No entanto, é isso precisamente que não deve ser feito. Ao fazer esta seleção, se ela seguir suas expectativas, correrá o risco de nunca descobrir nada além do que já sabe; e se ela seguir suas indicações, com certeza, irá falsificar aquilo que pode se perceber.”

Ao contextualizar a pesquisa e fruto de sua interação com os indivíduos, partimos para a observação não estruturada e participante. Não se pretendeu assim apenas verificar a mensagem apreendida, mas sim explorar o seu sentido e também observar o contexto que os personagens estavam inseridos, suas palavras e expressões (VERGARA, 2010).

A relevância dos tópicos da pesquisa na seleção dos indivíduos em contraposição à sua representatividade. Aumenta-se a complexidade da escolha ao inserir o contexto que os pesquisados interagem (FLICK, 2004).

As histórias de vida permitem ao pesquisador tenha noções daquilo que é pretendido na investigação (BECKER, 1994). Elas foram carregadas de fotos e documentos, mas independentemente disso, valeu-se das histórias orais para relatar acontecimentos, das organizações antigas e contemporâneas para assim remontar a trajetória dos indivíduos, comunidades, instituições etc (VERGARA, 2010). Essas histórias reais, de pessoas reais permitiram, através dos relatos, registrar ou recontar fatos e, trouxeram à cena da pesquisa, novos e outros fatos ou ainda preocupações teóricas, algo que a historiografia ou os relatos oficiais, disponibilizados nas fontes escritas, não foram capazes de captar (CAVEDON; FERRAZ, 2000; VERGARA, 2010). A partir dos relatos dos participantes, “são privilegiadas as relações do vivido, conforme concebido por quem viveu” (ALBERTI *apud* VERGARA, 2010).

4.4 Universo e Amostra

O universo da pesquisa não são todos os moradores de Duque de Caxias, mas aqueles que a história familiar tenha ou tenha tido alguma relação com a refinaria de petróleo, instalada no município há 50 anos. Entendemos, como nos apresenta Vergara (2010) que nesta população definida estejam encerradas as características objetivadas no estudo.

Desta perspectiva, retiramos a amostra não probabilística, que exclui a necessidade estatística do procedimento. Vale dizer que os critérios de acessibilidade e tipicidade serviram para definição da amostra. Logo, a facilidade conquistada de acesso à população amostral e a representatividade de determinados indivíduos conduziram à seleção dos sujeitos.

A amostragem também se configurou pelo acesso ao campo facilitado por ter o pesquisador uma rede social muito ampla e pelas indicações de amigos (*snowball*), quando a escolha de sujeitos sofreu indicações de outros já pesquisados.

A amostra contemplou 15 entrevistas, obtidas entre outubro de 2010 a abril de 2011, e foi proveniente de residentes circunscritos na área de influência da Reduc que neste estudo

entendemos como sendo a indicada pelo seu plano de emergência referendado pelo Projeto APELL.

Definidos o universo e a população amostral da pesquisa, detalhamos a seguir a seleção dos sujeitos realizada na pesquisa empírica.

4.5 Seleção de Sujeitos

Por ser uma pesquisa qualitativa, o número de participantes não foi fundamental para a sua validação (VERGARA, 2010); no entanto, sempre objetivamos que a amostra fosse o mais ampla possível, apesar de se valer de critérios de acessibilidade e tipicidade, amparados pela conveniência.

Além disso, o acesso ao campo facilitado pela ampla rede social do pesquisador e pela técnica realizada (*snowball*), para selecionar os participantes. Consideramos as recomendações de Rubin e Rubin (1995). Na visão desses autores, é necessário que o pesquisador busque sujeitos que: (a) conheçam a arena cultural, situação ou experiência em estudo, (b) tenham vontade de falar e (c) tenham perspectivas diferentes.

Por essa razão, sentimos a necessidade de ampliar ao máximo a amostra, com a finalidade de garantir múltiplas visões da diversidade social e econômica no mundo organizacional e de que representasse um espectro dos dados categóricos, isto é, sujeitos de diferentes idades, etnias, sexo, localização geográfica dentro do universo da pesquisa, religião, estado civil e função. Nesta vertente, colheu-se uma amostra bastante estratificada.

4.6 Percurso Metodológico: A Coleta de Dados

O objetivo desta seção será descrever os movimentos para a entrada e saída do campo de pesquisa, além de explicitar a dinâmica da coleta de dados.

Naturalmente, o círculo de amigos foi o ponto de partida para a pesquisa de campo. Desta forma, a conveniência agiu. Além desta primeira abordagem, o contato com os líderes de comunidades católicas e de outras denominações religiosas serviram de apoio para alcançar outros indivíduos.

Sendo assim, partimos para as regiões do Jardim Gramacho e de Campos Elíseos, bairros integrantes, respectivamente, ao 1º e 2º distritos de Duque de Caxias. Constituem locais que o pesquisador costuma estar presente para atividades profissionais e sociais. Também são localidades perimetrais à Reduc e onde se concentram as comunidades formadas no entorno do pólo petroquímico, desde a sua implantação como refinaria de petróleo, apenas.

Os líderes comunitários indicaram mais integrantes, adequados ao perfil desejado da amostra. Os indicados eram moradores das comunidades, os quais indicaram mais e assim sucessivamente, até o momento do esgotamento do campo, quando percebemos a ausência novos dados.

A interação com o campo exigiu anotações em cadernos de campo, sobretudo, do que foi visto e ouvido, para que, nas reflexões sobre o conteúdo das notas, pautassem as conclusões. Todas as interações sociais e conversas informais foram consideradas e, logo, marcaram a memória do pesquisador-residente. Durante o período de elaboração e reflexão da pesquisa, outubro de 2010 a abril de 2011, foram feitas 15 entrevistas. A faixa etária esteve compreendida entre 8 e 72 anos. Homens e mulheres foram entrevistados e quatro pessoas do sexo masculino compuseram a amostra.

Essa interação com moradores também permitiu que fotografias fossem tiradas, trazendo ao estudo uma variação da etnografia: a fotoetnografia, revelando o que Achutti (1997) designa por textos fotoetnográficos que buscam formar o olhar da comunidade. Ressaltamos também aqui o perfil autoetnográfico deste estudo e que a residência do pesquisador na região, lhe permitiu dispor de outras fotografias que lhe despertaram a atenção na trajetória de sua vida.

O objetivo de tais textos é ir além da simples ilustração; é narrar o que se vê, se sente, se capta, por meio de imagens; insere-se no campo da antropologia visual. A fotoetnografia, lembra Andrade (2002, p. 54), pode ajudar a captar emoções, sutilezas e sensibilidades e dar ao pesquisador “uma visão global e uma observação detalhada”.

Não é à toa que Bauman (2008, p. 29-30), em suas reflexões sobre a “modernidade-líquida”, ressalta que “imagens são muito mais ‘reais’ do que palavras impressas ou faladas”. E pondera: “Graças à imagem, cada um de nós pode, como desejava Edmund Husserl (...) retornar de volta às coisas em si”. De igual maneira, os ensinamentos de Kossoy (2002; 2003) também assessoram a interpretação dos textos fotográficos e eles serão pontuados mais adiante no texto.

O cotidiano retratado foi aquilo que mais despertou a atenção do pesquisador. Fomos além da observação simples. Interagimos, entrevistamos e retornamos a nós mesmos em um processo reflexivo de busca de uma significação da imagem retratada. Este processo é o que Harper (1988) denomina “elicitación fotográfica”, dado que ocorre a alternância de papéis entre o pesquisador e sujeito, entre o pesquisador e o objeto de pesquisa.

Campos (1992) compartilha da mesma opinião de Harper ao considerar que a fotografia apóia a linguagem escrita, muito além da simples ilustração do texto e amplia a visão do pesquisador ao ressaltar detalhes antes despercebidos. As imagens retratadas possuem estruturas básicas. São dotadas de *expressividade*; de *ambigüidade*, quando ao atestar a existência do fato não representa prova fidedigna do real e; de *ideologia*, ao tornar manifestado o espaço social.

Assim, a seleção e a divulgação do arquivo fotográfico, carregado de suas emoções; acima de tudo expõe o que foi fotografado e determina, de maneira objetiva, o sentido que o grupo destina a imagem e aquilo que esse grupo, uma porção da sociedade, considera digno de ser fotografado, conservado, que deve ser mostrado, admirado ou denunciado (SANTOS, 2002).

Nesta perspectiva, Bourdieu (1965, p. 108) nos auxilia na compreensão de que a fotografia fixa condutas socialmente aceitas e reguladas que evidenciam o que determinado grupo quer demonstrar de si mesmo. Em palavras do autor “*la photographique fixe um aspect du réel que n’est jamais que le résultat d’une sélection arbitraire, et, par là, d’une transcription*”.

Nenhum tratamento gráfico foi aplicado às fotografias, com exceção de apenas uma que insistimos na sua inserção em preto em branco. Apesar de se pretender registrar as cenas sem intervenções tecnológicas, na foto citada procuramos evidenciar a reflexão. E esta intervenção no arquivo foi devidamente citada. Os arquivos gerados foram categorizados pelo nome ou situação registrada, data e local, e constituiu o registro iconográfico.

Para fins autoetnográficos, o pesquisador fez também a gravação de seus relatos de vida em conjunto com sua mãe no intuito de remontar a sua história de maneira mais completa. Os relatos foram construídos por meio da releitura de fotos e documentos que contam a construção de sua família no período do apogeu desenvolvimentista de Duque de Caxias.

As 15 entrevistas foram gravadas em equipamento digital, amparadas e confrontadas com as anotações nos cadernos de campo, além das interações visuais, olfativas, auditivas e táteis (FLICK, 2004) que buscaram desvendar os mistérios da linguagem e romper a opacidade das palavras e permitir penetrar nos implícitos do dito (BALALAI, 1989). O tempo médio das entrevistas foi de 1h10min, feitas em sua maioria à noite, após o trabalho dos entrevistados ou nos finais de semana. Preferimos a casa deles, quando ofertada.

É imperativo frisar que nem todos os entrevistados puderam ser comunicados da gravação. Da amostra, dois participantes tiveram essa comunicação suprimida. Comunicadas ou não, todas geraram arquivos de áudio no formato digital que posteriormente permitiram suas transcrições. Alinhamos e, até certo ponto, justificamos o mascaramento do objetivo da pesquisa ou da própria identidade social do pesquisador com aquilo que tem sido tema de calorosas discussões acadêmicas (BECKER, 1967; ERIKSON, 1967; BULMER, 1982; HAMMERSLEY; ATKINSON, 1983; Van MAANEN, 1983; PUNCH, 1994; GOODE, 1996). Nos debates acadêmicos têm-se aludido aos aspectos éticos sobre se solicitar o prévio consentimento para entrevistar e gravar o depoimento de um depoente, o tênue limite entre o campo público e o privado, bem como o anonimato dos informantes. O que se argumenta, ao menos por parte daqueles que defendem o anonimato, é que na realidade, algumas pesquisas jamais teriam sido realizadas, caso o pesquisador revelasse sua real identidade.

Pela natureza qualitativa, não delimitamos no planejamento o número de indivíduos que seriam entrevistados, uma vez que a quantidade surgiu após a análise de mapas dialógicos obtidos nas transcrições das entrevistas, quando se constatou a saturação do campo pesquisado. Assim, naquela ocasião da pesquisa empírica, um total de 15 entrevistas já havia sido realizado, sendo esta, portanto, a amostra deste estudo.

Realizamos ainda uma busca documental e bibliográfica e fotográfica no Instituto Histórico e Cultural de Duque de Caxias em dois momentos, em maio e agosto de 2010. O intuito foi o de construir, por meio de antigas fotografias e documentos, registros e cartas; a construção desenvolvimentista da cidade fluminense. Assim, buscamos a história da cidade para relacioná-la e contrapô-la, com as novas histórias que surgiram (VERGARA, 2010)

4.7 Tratamento dos Dados

Nas observações, anotações e entrevistas surgidas ao longo da pesquisa, obtivemos inúmeros dados e informações, imediatamente catalogados em mapas cognitivos ou dialógicos dinâmicos. A construção dos mapas permitiu elucidar categorias emergentes que serviram, para interpretar o campo delimitado como saturado. Eles também compuseram uma base simplificadora nas reflexões finais (VERGARA, 2010).

Cabe aqui ressaltar que o instrumental metodológico aplicado para examinar os discursos são resultantes de tentativas lingüísticas de explicação e compreensão de textos orais, escritos e fotográficos (ANDRADE, 2002; BAUMAN, 2008) nos quais buscamos reunir as formas adequadas ao exame dos discursos obtidos.

Das classificações encontradas, surgiram reflexões amparadas pelas interações individuais e grupais, que foram interpretadas por meio de duas ferramentas de análise: análise do discurso e a análise de conteúdo, as quais são discutidas a seguir.

4.7.1 Análise de Discurso: o método

Alinhamos o nosso pensar com os sugeridos por Saussure (1968) ao distinguir língua de fala. Para o autor, a língua aparece como um fato social e independe do indivíduo, enquanto a fala é um ato individual no qual o sujeito exprime seu pensar, por meio da língua. A língua é social, enquanto a fala é individual. Sua amplitude é ainda maior quando consideramos sua contextualidade (HJELMSLEV, 1966). Assim, uma comunidade de fala não é caracterizada pela língua falada no seu interior, mas pelos seus modos ou convenção de emprego. Esse conceito revelou-se extremamente útil ao se analisar a comunicação dentro das comunidades pesquisadas.

Essa tríade de parâmetros confere ao discurso novos contornos, conforme nos aponta Balalai (1989, p. 62):

“Abrem-se assim novas possibilidades para a concepção do discurso, visto não mais como um ato individual nem puramente coletivo, mas como um ato resultante de uma situação de comunicação, um ato social definido pela relação que se estabelece entre um locutor e um receptor”.

A leitura categorial considera aspectos formais de seções separadas ou categorias de uma história de vida. Em geral, o interesse dessa leitura é sobre a coerência com que se constrói cada parte da história, refletida por meio de palavras e expressões especificamente relacionadas a cada momento do que é narrado (SARAIVA, 2007).

Foi preponderante para a sistematização dos resultados obtidos o revisitar da literatura para assim analisar os textos que surgiram nas visitas ao Instituto Histórico e no apoio analítico para os diversos recortes da imprensa encontrados nos arquivos familiares ou não. Foram reconstrutores do cenário social, econômico e político da época delimitada. Assim, nesta vertente, a abordagem de Viollete Morin (1969) serviu para desnudar os discursos de Getúlio Vargas e Juscelino, em seus textos originais integrais.

Os estudos dessa autora sobre a escrita da imprensa buscam a narrativa imbricada, além das informações que as constituíram. E assim, fundamentaram o desvendar dos recortes jornalísticos obtidos no Instituto Histórico e outras fontes, mas também oriundas da imprensa, obtidas nos arquivos dos moradores locais.

As palavras surgidas nos diferentes discursos coletados em documentos e entrevistas foram interpretadas pela ótica de que seus sentidos, derivam dos contextos e os seus sentidos provêm da posição dos sujeitos que as empregam ocupam. Tal complexidade do ato da palavra explica a necessidade dos discursos em administração seguirem uma análise do explícito, mas também pelo que está implícito (BALALAI, 1989).

A análise do discurso como método etnográfico da comunicação visa dar uma compreensão daquilo que é dito e também do que foi omitido. De forma intencional ou não, o método explora o sentido, os significados e as dimensões enfatizadas (VERGARA, 2010; PUTNAM, FAIRHURST, 2001) e objetiva evidenciar a utilização da linguagem como fim social (SCHIFFRIN, 1994). Por esse olhar, a análise do discurso permitiu-nos apreender os enunciados verbais e não-verbais como comportamentos comunicativos e saber que são elementos constituintes da identidade de um grupo: a comunidade de fala.

A aplicação do método, em sua versão francesa, pautou-se então na identificação do que foi dito e o que não foi verbalizado, nas interjeições, nas ausências de palavras, nos gestos e nas condutas realizadas pelos entrevistados. A existência e o sucesso da análise do discurso, conhecida por "escola francesa de análise do discurso" não são coisas por si só evidentes. Na França e, de forma geral, na Europa, há uma tradição de associar fundamentalmente reflexão sobre os textos e história. São reforçados assim o papel do filólogo em determinar o conteúdo

de um documento lavrado em língua humana. O filólogo quer conhecer a significação ou a intenção daquele cuja fala é conservada através da escrita. Deseja igualmente captar a cultura e o meio no interior dos quais este documento nasceu e compreender as condições que permitiram sua existência (MAINGUENEAU, 1997).

A análise do discurso contribui para a compreensão dos resultados da produção do saber nos vários campos das ciências humanas e sociais. E é tão ampla sua aplicabilidade no processo de decodificação do discurso naquilo que ele guarda como secreto e latente. Esse desmascaramento da palavra, numa busca da verdade que se esconde é que se pode denunciar o que não é dito (BALALAI, 1989).

Também foi alvo das análises dos discursos encontrados os que foram produzidos de maneira espontânea: o discurso oral conforme nos aponta Balalai (1989). Ele nos convida em seus estudos para ter olhar pormenorizado naqueles discursos que são gerados no dia-a-dia. Sua natureza viva aparece na fala dos líderes, dos representantes do povo, dos dirigentes, dos reivindicadores que perfazem, todos, o discurso da administração. Servem para declarar, mascarar e legitimar posições avessas às declaradas, conforme apontado na abordagem do autor.

4.8 Limitações do Método

Presume-se que uma limitação aplicável a esta pesquisa seja derivada da própria escolha do método analítico. A história influencia a construção de sentidos por meio da linguagem em todas as suas manifestações: falada, silenciada ou escrita. Por ter a palavra sentido vivencial, o discurso não pode ser desvinculado do seu contexto.

O contador de histórias é alguém que resgata as vozes do passado que foram perdidas no tempo, inclusive as suas. Na atualização dessas vozes, para fazer sentido, o lingüístico precisa da atualização, das vozes perdidas que cada sujeito traz em si (BAKHTIN, 1999). Essa definição apóia-se na *reflexividade enunciativa* (REICHENBACH, 1947), isto é, a fala só vale no momento em que é falada.

Efetivamente, o corte temporal e a seção histórica limitaram esta pesquisa. As realidades percebidas nas regiões estudadas são específicas e refletiram desdobramentos peculiares das suas formações populacionais e não podem ser, portanto, extrapolados para outros espaços geográficos. Além disso, as percepções dos entrevistados são também

inerentes ao contexto histórico estudado. Desta forma, o passado, esteve presente em cada experiência individual, mas trazido pela ótica do presente. Tal limitação metodológica não ocorreria se fosse possível realizar uma pesquisa longitudinal (IRIGARAY, 2008).

Outra limitação refere-se à seleção de sujeitos por meio da adoção das pesquisas iniciais composta por amigos e pessoas conhecidas que tendenciaram a amostra e podem ter ocasionado certa homogeneidade, pela especificidade da técnica de *snowball*, que deu margem a poucas etnias e classes sociais diversificadas.

PARTE II – REVELAÇÕES DO CAMPO

É importante antes de apresentarmos a pesquisa empírica fundamentar as premissas ontológicas da pós-modernidade crítica que serviram de base para iluminar este estudo. Assim os dados coletados, as impressões, os relatos e as fotos obtidas e tiradas puderam ser analisados pela etnografia.

Nesta linha de pensamento, que permeia o desenvolvimento de Caxias e de Duque de Caxias, admitimos um olhar mais abrangente e desviamos do olhar institucional e homogêneo. Esse deslocamento que foge das características institucionais, naturalmente criadores de normas e que buscam organizar a vida social e reprimir as diferenças (FOUCAULT, 1978), permitiu a emergência e o saber de como os indivíduos são percebidos, apreendidos e sentidos pelos diversos grupos.

A pesquisa empírica está apresentada e estruturada a seguir. Subdividimos esta apresentação, para dar ênfase aos múltiplos olhares em três blocos. O primeiro traz à cena os discursos oficiais: como foi “vendida” a idéia de desenvolvimento para a população residente e que foi atraída. O segundo bloco revela o olhar da principal empresa envolvida no pólo: a Petrobras e uma de suas principais refinarias no país, a Reduc, carregada de especificidades históricas e econômicas. O intuito desta seção é remontar o desenvolvimento pela ótica institucional. Em seguida, no terceiro bloco, damos ênfase ao olhar da comunidade. Nesta última seção, confrontamos e relacionamos os discursos organizacionais com o cotidiano da realidade social dos moradores do entorno da Reduc, notadamente aqueles elencados para a amostra deste estudo.

Em seguida, os diferentes enfoques obtidos, quando analisados pelas metodologias aplicadas, nos possibilitou enxergar e salientar as lacunas dos discursos nas entrevistas, vimos as fotos que ampararam o estudo etnográfico e “ouvimos” o silêncio social gerado no entorno do empreendimento. E, por último, finalizamos este estudo na apresentação de nossas considerações finais, onde propomos uma agenda para futuros pesquisadores, que poderão dar prosseguimento à pesquisa exploratória aqui realizada.

CAPÍTULO 5 - As Promessas de Desenvolvimento segundo os Discursos Oficiais

A queda da bolsa de Nova Iorque em 1929 repercute num cenário de dificuldades na economia brasileira. A partir daquela data, a economia norte-americana, a mais forte das economias capitalistas à época, imerge na mais longa e profunda depressão que se irradia para às demais. As decorrências da crise favoreceram diversas críticas ao liberalismo e posições antidemocráticas que se consolidam, principalmente, após a Revolução de 1930 (CAPELATO, 2003; SINGER, 2003).

Capelato (2003) nos apresenta que essa imensa crítica ao liberalismo baseava-se no questionamento da inadequação da Constituição Brasileira de 1891, vigente até 1934 (SENADO, 2011). Nos termos da autora, os erros da Primeira República advinham da inadequação da Carta Magna constituída no século XIX e que não atendinha mais os anseios do país e do mercado mundial.

Já Singer (2003) alerta e nos orienta a observar que o liberalismo não era criticado apenas em solo brasileiro, mas que a depressão causara uma necessidade de maior rigor na presença do estado, principalmente no levantamento de barreiras tarifárias, no subsídio de exportações e na substituição das importações. Sua abordagem era favorável ao crescimento industrial do país.

Na época da construção da Reduc, o bairro de Campos Elíseos era tratado como uma porção territorial que seria utilizada apenas para a indústria de refino e produção de derivados do petróleo. Graças ao modelo desenvolvimentista, pautado na idéia de soberania e crescimento nacional, a agrária Caxias da década de 40, se apresenta hoje, como uma periferia formada por meio desse processo de industrialização, fortemente impulsionado pela iniciativa estatal.

Surgiu então a necessidade de se criar um espaço capaz de abrigar os trabalhadores na proximidade do empreendimento que fosse capaz de preencher esta lacuna habitacional. O bairro de Jardim Primavera, adjacente à região, foi a solução.

No período da definição da implantação da refinaria até a sua efetiva inauguração, foram muitos os anúncios do bairro em jornais da cidade, conforme exemplificamos a seguir:



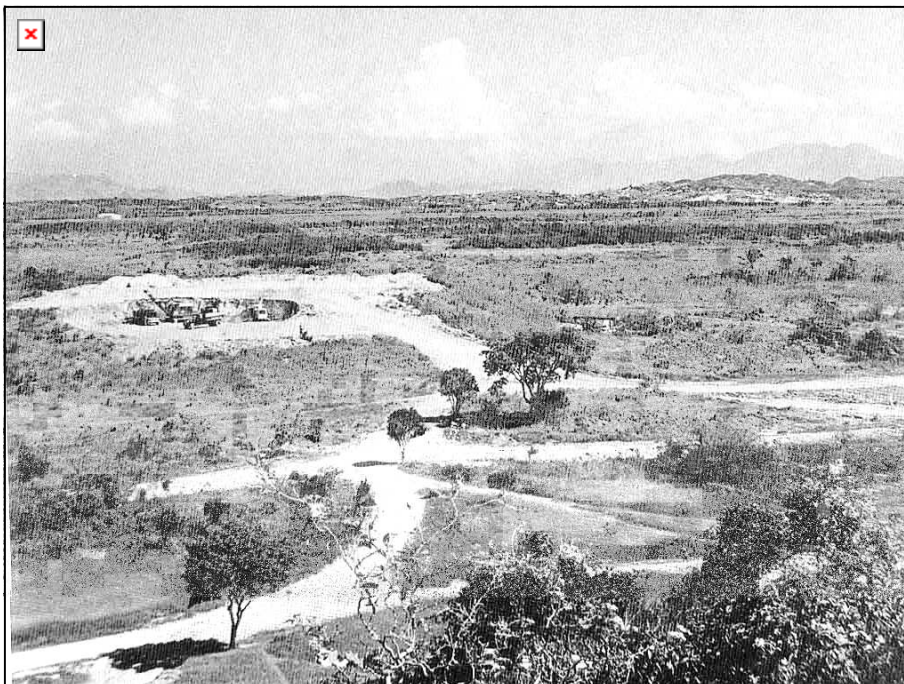
Fonte: Jornal Folha da Cidade (set, 1957)

Figura 01 – Recorte publicitário de jornal que divulga os benefícios de morar no bairro adjacente à futura Reduc, já em construção nessa época

Havia também, na época que antecedeu a construção da Reduc, uma grande propaganda, veiculada ao nível nacional de que a indústria petrolífera resolveria o problema do atraso do país frente às outras nações. Nos discursos oficiais, em especial nas esferas militares, ficava claro que o encontrar das jazidas de petróleo em nosso solo seria a solução do problema desse atraso.

Uma expressiva parcela da população, não sabia diferenciar as funções de uma refinaria, processadora de óleo bruto importado para o país, de uma empresa de prospecção, até então inexistente. Esse “detalhe processual” não ficava claro nos discursos direcionados à Nação. Desta forma, a obscuridade dos termos legitimada a idéia de avanço, de trabalho, de progresso, mesmo com a construção de refinarias que, num primeiro momento, apenas serviram para refinar o óleo importado. Mas, cumpria-se o papel. (VICTOR, 1970; DRAIBE, 1985)

A foto nº. 01, inserida logo a seguir, pertence ao acervo iconográfico do Instituto Histórico e Cultura de Duque de Caxias. Ela foi largamente utilizada para mostrar para o país o início das obras da refinaria, após a desapropriação do terreno, antes pertencente ao INCRA.



Fonte: Instituto Histórico e Cultural de Duque de Caxias, RJ

Foto 01 - Início das obras da REDUC, após a desapropriação das terras do INCRA

Eram recorrentes, nos jornais que antecederam a inauguração, as comparações da construção da refinaria ao progresso alcançado em outras regiões do país e que foram decorrentes de outros grandes empreendimentos. São justamente essas grandes obras, públicas ou privadas, sistematicamente inseridas no discurso desenvolvimentista e que são apresentadas como promessa de um futuro melhor para o país e, especialmente, para as comunidades onde pretendem se instalar, as quais seriam beneficiadas pela geração de empregos diretos e indiretos (VERGARA *et al*, 2009).

Na figura nº. 02, digitalizada a partir do Jornal Folha da Cidade (1957), damos destaque à comparação, feita pelo poder público, da construção da refinaria ao progresso alcançado pelo município de Volta Redonda-RJ obtido a partir da construção da Companhia Siderúrgica Nacional nesta região. Trata-se de uma replicação do modelo de desenvolvimento.

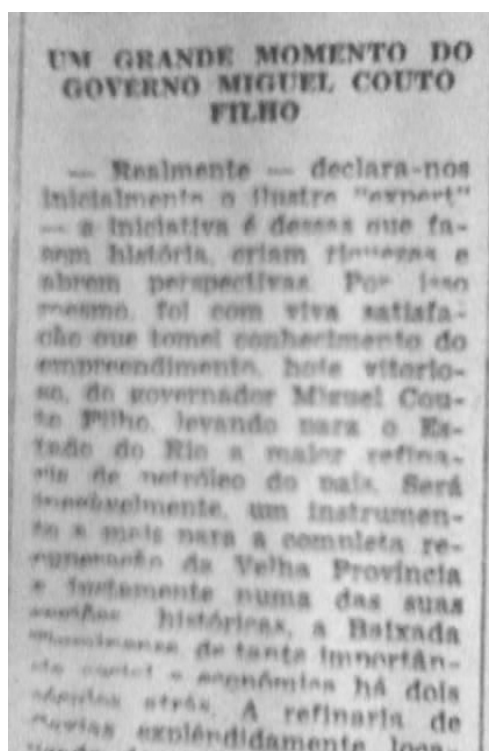


Fonte: Jornal Folha da Cidade (out, 1957)

Figura 02: recorte do jornal que reforça as perspectivas das grandes obras à Reduc.

No recorte jornalístico, do mesmo jornal, mas em outra data que inserimos a seguir, vemos o então governador do Rio de Janeiro, o Sr. Miguel Couto Filho, destacar a geração de riquezas e de possibilidades para o Estado e para a região. Além de trazer para si a iniciativa de instalar a refinaria para a região, em suas falas percebeu-se o tema “regeneração completa do Estado”, o que reforça a característica de reconstrução e de retomada do tempo perdido, ou seja, compensação do atraso, tão veiculado nas propagandas oficiais.

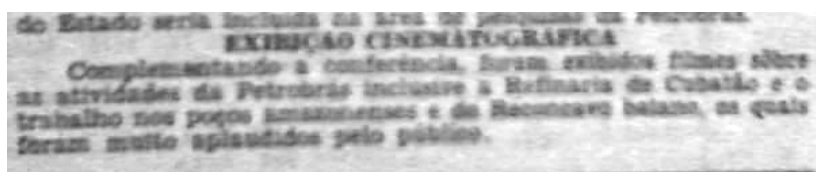
Atribuir-se do feito demonstra a característica personalista do desenvolvimento, no qual o foco é personalista, está no governante que se coloca acima do próprio Estado e da população. Eis o recorte:



Fonte: Jornal Folha da Cidade (set, 1957)

Figura 03: recorte do jornal que apresenta a promessa de compensação do atraso no desenvolvimento.

O recorte seguinte reforça o intuito de encantamento na população que levantamos neste capítulo. Ao usar a expressão “Exibição Cinematográfica” vemos a intenção de espetacularizar a implantação do empreendimento:



Fonte: Jornal Folha da Cidade (set, 1957)

Figura 04: recorte do jornal que apresenta a promessa de compensação do atraso no desenvolvimento de forma cinematográfica.

Esta inserção nos faz recordar e nos possibilita alinhar nosso pensamento aos de Kossoy. Por meio de sua expressão textual, presente na sua obra (2002, p. 19), demonstramos as influências que as imagens podem exercer. Em palavras do autor:

“Graças a sua natureza (...) de registrar aspectos selecionados do real, tal como estes fatos se parecem, a fotografia ganhou elevado status de credibilidade. Se, por uma lado, ela tem valor incontestável por proporcional continuamente a todos em todo o mundo, fragmentos visuais que informam das múltiplas atividades do homem e de sua ação sobre os outros homens e sobre a Natureza, por outro, ela sempre se prestou e sempre se prestará aos mais diferentes e interesseiros usos dirigidos.”

Partindo da premissa que houve uma extensiva divulgação do desenvolvimento alcançado e estimado para a região que concentraria a Reduc, extensivamente propagada pelos discursos oficiais, prosseguimos para o capítulo seguinte. Nele expomos a ótica da principal empresa envolvida no empreendimento, a Petrobras, ao criar o campos elíseos na baixada, da região Fluminense, do Estado do Rio de Janeiro..

CAPÍTULO 6 - Petrobras criando os campos elíseos na Baixada

A instalação da refinaria era sabida desde 1952 quando a Comissão Nacional do Petróleo (CNP) determinou os locais no país onde as refinarias seriam implantadas (Folha Municipal, 1957).



Fonte: Jornal Folha da Cidade (set, 1957)

Figura 05: recorte do jornal que propagava o início das obras da refinaria nas terras do INCRA.

A construção da Reduc começou em 23 de julho de 1959 e consumiu 120 mil metros cúbicos de concreto, 9,6 milhões de quilos de ferro, 300 mil metros de tubulações e empregou 7,6 mil homens, se incluirmos os operários que construíram a barragem e a adutora. Segundo o então Presidente da República, Juscelino Kubitschek, era “o amanhecer de uma nova era para o Brasil e o povo brasileiro” (GERJ, 2009). Por si só, este fragmento de discurso revela o quão distanciada é a nação (povo) do país (poder institucional).

A REDUC teria sido chamada inicialmente Refinaria Rio de Janeiro (REFRIO), conforme algumas matérias publicadas em jornais da época que constavam discursos de autoridades estaduais (FOLHA DA CIDADE, 1957).



Fonte: Jornal Folha da Cidade (set, 1957)

Figura 06: recorte do jornal que propagava o início das obras da refinaria

Muitos foram os fatores que favoreceram a implantação de uma refinaria em Duque de Caxias. O país vinha num acelerado projeto industrializante e a voga era o aumento do refino do petróleo, até então a única opção na área petrolífera do país.. A região de Campos Eliseos dispunha de muita água corrente do Sistema Saracuruna, de prospecção a partir de Xerém, no 4º distrito do município duquecaxiense.

Sua localização estratégica, com excelente acessibilidade pela rodovia BR-040, capaz de interligar Minas Gerais e São Paulo ao Rio de Janeiro foi preponderante e as iniciativas desenvolvimentistas que culminaram no Plano de Metas do governo de Juscelino corroboraram para a implantação da refinaria. De certa forma, sua efetiva instalação complementava os ditames do governo de Getulio Vargas, proferidos anos antes daquele governo.

A Refinaria Duque de Caxias (Reduc) foi (re)inaugurada pouco antes da primavera de 1961, exatamente no dia 9 do mês de setembro daquele ano. A margem da rodovia Washington Luís, na antiga Vila Actura, hoje Campos Elíseos, foi o palco daquela (re)inauguração.

Foi competência do então presidente, Juscelino Kubitschek², nove meses antes, em 20 de janeiro, uma inauguração pro-forma, para que o Plano de Metas desse governante fosse “incensado” pelo *Flair* da caldeira “inacabada” da recém-construída refinaria. (RAULINO, 2007). O dia escolhido é a data na qual se comemora o Dia de São Sebastião, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro, apesar da refinaria estar situada na cidade de Duque de Caxias que tem como padroeiro o Santo Antônio, este último aclamado no dia 13 de junho.

O agrário e inexpressivo Campos Eliseos tornou-se então um expoente bairro do segundo distrito do município de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro. Sua implantação trazia a promessa de levar o desenvolvimento à região, gerar empregos e melhorar a qualidade de vida dos seus empregados.

Foram essas promessas que nos remeteram à mitologia grega, na qual campos elíseos era o paraíso, o lugar de destino dos bem aventurados. Segundo Virgílio (2005), os campos elíseos situavam-se debaixo da terra; para Homero (2002), no extremo ocidente: uma terra maravilhosa, onde nunca chovia, nem nevava, não fazia nem frio nem calor. Para a Petrobras, era na Baixada Fluminense.

O bairro adotou este nome mitológico e passou a existir politicamente por meio da Lei municipal de nº. 2157 de 1957 (IBGE, 2011), cinco anos depois da sua seleção para abarcar o grande empreendimento e dois anos antes do início das obras de construção da refinaria. Sua população residente, de forma geral, pode-se distinguir em duas: a primeira, geograficamente extensa, ocupada basicamente por pessoas de classes populares, com urbanização rarefeita, que ocupam áreas com eventuais alagamentos, devido à baixa latitude, onde prevalecem a carência de saneamento, a irregularidade de coleta de lixo, a inexistência de pavimentação das ruas. Ausências de infra-estrutura que se acentuam conforme se distancia dos centros urbanos mais dinâmicos.

A outra porção de residentes do bairro, ocupa suas planícies baixas, úmidas e alagadiças onde se assentam as favelas. São moradores que se distribuem na beira dos rios que drenam o bairro e em trechos laterais da ferrovia. São áreas com condições de habitabilidade extremamente desfavoráveis e sem qualquer infra-estrutura de saneamento básico (INIGUEZ; OLIVEIRA, 1996).

² O mandato de Juscelino terminaria em 31 de janeiro de 1961, ao contrário da transição presencial verificada em 2011, que ocorre sempre no 1º dia do ano após o ano do pleito eleitoral.

No início da década de 70, a refinaria recebeu a primeira planta de lubrificantes e parafinas, com seis novas unidades. A década de 80 marcou a chegada do gás natural e, nos anos seguintes, foram instaladas as unidades com foco na qualidade total, diversificação dos produtos e proteção ao meio ambiente, como a unidade de hidrotreatamento de diesel e outra para recuperação do enxofre (PETROBRAS, 2009a).

No final da década de 1990, se deu um processo de modernização da refinaria. Em diferentes fontes oficiais da empresa, a PETROBRAS reforça que o objetivo era “o atendimento às exigências do mercado quanto à qualidade dos produtos e respeito ao meio ambiente”. A implantação da primeira Unidade de Recuperação de Enxofre 3300 (URE-3300), em 1998, com a redução da emissão deste poluente corrobora com a intenção e é uma marco nesta questão ambiental. É da mesma década também, a operação da nova planta de secagem de diesel, que passou a evitar o armazenamento deste produto por longos períodos em tanques de processo (PETROBRAS, 2011).

Em 2009 constatou-se que a Reduc era a mais completa refinaria do sistema Petrobras, responsável pela produção e comercialização de 52 produtos diferentes decorrentes do processamento de petróleo e gás natural, classificados como combustíveis, lubrificantes, parafinas e petroquímicos (PETROBRAS, 2009a). Ela ocupa uma área de 13 milhões de metros quadrados, refina, em média, 256 mil barris/dia (PETROBRAS, 2011), é responsável por 80% da produção nacional de lubrificantes, bem como pelo abastecimento dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio Grande do Sul e a exportação para os Estados Unidos, Peru, Uruguai, Argentina, Chile e Colômbia (PETROBRAS, 2009a). A Reduc fatura, anualmente, cerca de US\$ 3 bilhões, dos quais US\$ 500 milhões são recolhidos como impostos para o estado do Rio de Janeiro (Secretaria Estadual de Fazenda, 2009).

O refino do petróleo proporciona acesso aos mercados uma vez que transforma o “ouro negro”, petróleo cru, em derivados padronizados e utilizáveis amplamente em vários setores da economia mundial.

A disponibilidade e a necessidade de transporte aumentaram o consumo desses derivados e produziu uma complexa infra-estrutura industrial, antes movida pelo carvão e pelo bagaço da cana, para este novo combustível.

As empresas petrolíferas refinam o petróleo perto dos centros de consumo para reduzir os elevados custos relativos de transporte de derivados, além é claro, de poder garantir a disponibilidade desses produtos nos centros consumidores.

A rentável atividade de refino necessita de economia de escala e a capacidade de refino mundial tende a se concentrar em poucas, grandes e modernas refinarias regionais, passíveis de expansão, como se enquadra a Reduc. Pois, uma vez construídas, são pouco flexíveis ou dependem de expressivos investimentos para diferenciação do seu perfil.

Mais do que uma simples planta industrial, a Reduc é a reificação de um projeto desenvolvimentista, o qual tem sido acalentado por todos os governos republicanos. É a epifania dos governos nos anos que antecederam a sua implantação. É o anúncio da chegada do Rei, capaz de conduzir todos os plebeus.

Além disso, suas operações devem obedecer a Resolução CONAMA 01/86 que considera como impacto ambiental qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas e que, direta ou indiretamente, afetem: I - a saúde, a segurança e o bem-estar da população; II - as atividades sociais e econômicas; III - a biota; IV - as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente; V - a qualidade dos recursos ambientais (CONAMA, 2011), de tal forma que pudemos encontrar elementos nas fotos e nas entrevistas que contrariam os dispositivos presentes nesta resolução.

A Reduc, assim como todos os outros empreendimentos da Petrobras, além de todas as regulamentações ambientais está inserida na política de responsabilidade sócio-ambiental defendida pela organização. Esta sua política e outros elementos são postulada e analisados no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 7 – O olhar da comunidade: O que há de Elíseos em Campos Elíseos?

Durante a pesquisa empírica, surgiram muitas fotos. E muitas delas vieram carregadas de sentimentos visíveis, histórias reais, ainda que todas, certamente, tivessem sensações. Para entender o surgimento das atitudes que emanaram dos indivíduos em cada vasculhar dos álbuns, servimo-nos dos estudos de Kossoy (2003, p.100), que nos ensina:

“Estamos envolvidos afetivamente com os conteúdos dessas imagens; elas nos dizem respeito e nos mostram como éramos, como eram nossos familiares e amigos. Essas imagens nos levam ao passado numa fração de segundo; nossa imaginação reconstrói a trama dos acontecimentos dos quais fomos personagens em sucessivas épocas e lugares. Através das fotografias reconstruímos nossas trajetórias ao longo da vida (...). Dificilmente nos desligaremos emocionalmente dessas imagens.

O mesmo autor ainda nos orienta que uma única imagem contém em si um inventário de informações acerca de um determinado momento passado ao sintetizar um fragmento do visível. Assim, o espaço urbano, vestuário, pose e aparência dos personagens estão presentes na fotografia e auxiliam na interpretação dela. Sua utilização é, indiscutivelmente, uma forma de conhecimento do passado, apesar de sabermos que uma imagem não reúne em seu conteúdo o conhecimento definitivo sobre ele.

A comunicação não verbal ilude e confunde. Seus desvendar ocorre a partir do momento que se tem conhecimento dos elos da cadeia e dos fatos que estão ausentes na imagem, além da verdade iconográfica. As revelações do autor alicerçam a análise e a interpretação das fotos seguintes (KOSSOY, 2003).

Foi preciso entender que uma imagem, acompanhada ou não de texto, abre um leque de interpretações para seu receptor e que elas não prescindem do seu repertório cultural, da sua situação sócio-econômica, preconceitos e ideologias. É justamente essa pluralidade de interpretações, ou seja, a ambigüidade da fotografia, que expomos o tom pretendido para este capítulo, onde apresentamos e analisamos como os discursos, oficial e o institucional, foram distribuídos e entendidos aos seus públicos, a população perimetral ao empreendimento..

A serenidade e a descontração dos operários envolvidos na obra do bairro que abrigou a Reduc contrastam com as formas de trabalho impostas e os problemas de água recorrentes em Duque de Caxias. A foto 02, inserida a seguir, é proveniente do arquivo pessoal de um funcionário público municipal, aposentado pela Prefeitura Municipal de Duque de Caxias e morador do bairro, desde sua implantação:



Fonte: arquivo pessoal de morador, funcionário da PMDC na época, hoje aposentado

Foto 02 - O registro é de 1951 e mostra o trabalho de operários na construção do bairro adjacente ao que abrigou a Reduc.

De igual forma, a foto 03 encanta uma legião de migrantes que sofria com a seca da região nordeste do país e também para os moradores de outras partes do recém-criado município. O verter abundante da água de um poço e a alegria com que os trabalhadores a retiravam também foi capaz de suplantar todos os medos que pudessem pairar na visão daqueles que pretendiam se instalar em solo duquecaxiense.



Fonte: arquivo pessoal de morador, funcionário da PMDC na época

Foto 03: “Lata d’água na cabeça, lá vai Maria, lá vai Maria...” (ANTÔNIO, JUNIOR; 1952). E Josés, Severinos, Chicos, Cíceros... Assim foi construída a história de caxienses.

As composições estéticas das duas primeiras fotos desta seção que exemplificam trabalho e água em abundância, acompanhadas da foto seguinte, que demonstra a padronização da rede elétrica, ruas pavimentadas com asfalto impecável e meios de transporte tinham por finalidade atrair novos migrantes para trabalho e demonstrar o progresso pontual da localidade.



Fonte: Arquivo pessoal de morador, funcionário da PMDC na época
Foto 04: Há 60 anos, empregados e seus carros.

Esse encantamento exercido pelas cidades nos primeiros migrantes nordestinos pode ser transladado para o momento presente quando analisamos o fragmento do discurso de Joana, uma jovem paraibana:

(E4) você está no Nordeste você tem uma visão de que o Rio de Janeiro é aquilo que mostra na TV [com ar de deslumbramento que dá a entender que aqui no Sudeste é melhor]. Chega através da TV e das pessoas que vem pra cá em busca da mesma coisa que eu que é o emprego, quer uma estabilidade. (...) porque lá é [gagueja e embarga a voz] é muito difícil o [inicia a palavra emprego e troca por trabalho] trabalho, um um, a remuneração geralmente é baixa; aqui você tem a visão de que você tem a possibilidade de trabalho melhor, de estudo melhor, de se desenvolver mais e, conseqüentemente, ganhar mais, então eu vim com uma tia e fiquei na casa dela. (Joana, 37 anos, Jardim Primavera, Duque de Caxias, RJ)

Enfatizamos alguns fragmentos do discurso desta migrante nordestina para ilustrar o encantamento que as fotos, jornais e discursos exerceram na composição da população caxiense. Muitos, como ela assim o fez, vieram para cá em busca de emprego, estabilidade e encontraram dificuldade. No seu discurso, também aparece a colaboração que é muito presente e importante para a instalação daqueles que seguem os desbravadores da região.

A atratividade do bairro de Jardim Primavera e seu encantamento também podem ser evidenciados no fragmento do discurso de Maria. Nos trechos destacados, são evidenciadas as expressões desse encantamento e o uso dos benefícios destinados a poucos, uma vez que muitos foram preteridos do processo de ocupação do local, por não terem dinheiro, conforme a análise gestual aplicada no discurso de Maria “*faz um gesto de poder e dinheiro com as mãos*”. Abaixo inserimos o fragmento da entrevista concedida pela Maria, de onde extraímos os discursos analisados:

(E1) *Papai veio primeiro, ele gostava muito de, de, de, ele começou a visitar o Rio e se encantou com o Jardim Primavera. Foi à imobiliária e se encantou ainda mais e era aquele esquema, só comprava no Jardim Primavera quem tinha [*faz um gesto de poder e dinheiro com as mãos*]. Entendeu?(...) Agora graças a Deus acabou, agora hoje em dia não te mais... mas há 40 anos atrás havia essa seleção. (...) Quando nós chegamos aqui já era tudo arborizado, era selecionadíssimo, a construção ele [Nelson Cintra, o principal vendedor] acompanhava pessoalmente, ele vendia, vinha e acompanhava. Ele [*idem*] se dizia membro da Prefeitura e eu acho até que era. (Maria, 72 anos, Jardim Primavera, Duque de Caxias, RJ)*

Outro fragmento de discurso, oriundo de outra entrevistada, conta-nos o motivo da vinda dos seus pais para a região. Os elementos destacados, reforçam os argumentos já levantados de atratividade pelo encantamento exacerbado da região. Os fragmentos que destacamos são da jovem Mariza, de 23 anos, filha de capixabas, que resumem a vinda dos seus pais:

(E2) *é... já veio grávida pra cá a minha mãe. (...) porque primeiro meu pai veio, arranjou emprego. Ele veio pra trabalhar numa fábrica de tinta, numa fábrica de tinta em Campos Elíseos. Na Marilândia. Marilândia ali no Saraiva, na fábrica de tinta. Aí conseguiu e aí trouxe a gente. (...)É porque a gente veio e ficamos morando na casa do dono, aí depois a gente conseguiu comprar uma casa que a gente alugou. (...)ah! Melhorar de vida... né? Porque a gente, lá onde eles moravam era roça, em Muqui. Era Roça, Muqui, era roça, perto de Cachoeiro [*referindo-se a Cachoeiro do Itapemirim*]. (Mariza, 23 anos, Campos Elíseos, Duque de Caxias, RJ)*

O discurso da jovem que não teve escolha para vir para a região deixa claro ao reproduzir os motivos que impulsionaram seus pais a virem para Duque de Caxias. Sem emprego, na roça, realizam o movimento comum dos migrantes, quando um integrante da família primeiro se desloca para promover a infra-estrutura básica (FREITAS, 2007). Depois, os demais membros migram com mais segurança social, promovida pelo emprego. Esse comportamento se coaduna com o descrito pelos autores (BIZELLI; ALVES, 2007).

Segundo esses autores, o encantamento da cidade se dá porque a vida humana se desenvolve nelas, fenomenologicamente, como um produto da sociedade capitalista industrial e pós-industrial. Nas cidades, os indivíduos participam dos benefícios e das conquistas da modernidade e garantem o direito à vida e são capazes de exercer suas múltiplas culturas, mitos, religiosidades, crenças e saberes. Eles ganham cidadania (BIZELLI, 2005).

Também encontramos elementos que reforçam a presença prévia de um desbravador, criador da infra-estrutura e do encantamento exercido pela cidade no discurso da jovem potiguar Janete:

(E5) *Então eu vim com uma amiga da minha mãe, uma senhora [ênfatisa querendo dar um certo senso de responsabilidade], aí eu cheguei no Rio, fiquei um mês eu queria, aí a minha irmã pediu pra eu ficar mais um pouco, aí eu fiquei dois meses, aí eu acabei gostando, eu amo o rio de Janeiro, eu gosto do Rio* (Janete, 28 anos, Saracuruna, Duque de Caxias, RJ)

Contrapondo as escolhas dos que foram atraídos, muitos foram se instalando no local de maneira irregular, principalmente quando a cidade vizinha, o Rio de Janeiro, buscou se modernizar urbanisticamente (MENDONÇA, 1992). O discurso de Lucia apresenta o motivo da vida dos seus avós. Esse mecanismo, ainda que anterior ao período delimitado para este estudo, expõe a forma como se deram as ocupações irregulares na região. Eis o fragmento do discurso de Lucia:

(E3) *minha “vó”, minha falecida avó morava no Morro de São Carlos [Estácio, RJ]. (...) aí tiveram uma briga lá eles falaram pra ela que ela tinha que sair de lá. Aí o meu avó, que aqui antigamente era conhecido como Beira do Rio, conseguiu uma casa aqui e aí eles vieram pra cá. Aqui, na Beira do Rio o meu pai conheceu a minha mãe e aí começaram a namorar e eu fui a segunda filha. Tiveram uma primeira que morreu e aí eu fui a segunda filha.* (Lucia, 39 anos, Saracuruna, Duque de Caxias, RJ).

Evidenciamos esta falta de estrutura básica, incluindo de escolas, no discurso da jovem Mariza, 23 anos, filha de migrantes capixabas:

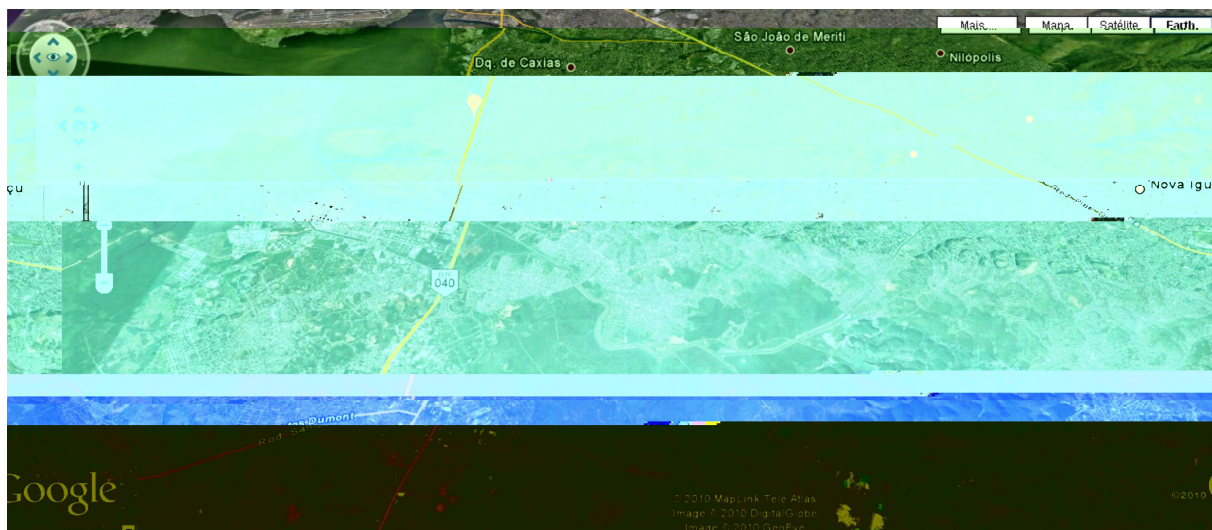
(E2) *É diferente porque lá eles têm condições melhores de viverem, aqui fora não. Aqui são as pessoas mais humildes (...);*

E, quando perguntada em qual local ela sente mais essa diferença, ela responde:

(...) assim... nas “escola”... nas “escola”... nas “escola”, porque, a gente tem que ir lá pra Caxias pra fazer curso. Podia ter uma escola aqui que desse o curso pra “a” gente, pra que a gente não precisasse ir até Caxias. Ou, senão, mesmo dentro da Reduc. Pegar os moradores de Campos Elíseos, profissionalizar “eles” pra não ter que pegar moradores de fora pra trabalhar. (Mariza, 23 anos, Campos Elíseos, Duque de Caxias, RJ)

As próximas três fotos desta seção permitem localizar a Reduc em Duque de Caxias e, por conseguinte, na Baixada Fluminense. Também permitem algumas reflexões preliminares, decorrentes desta localização, principalmente no aspecto polarização da população. Todas elas foram obtidas a partir do satélite. Seus enquadramentos foram realizados pelo pesquisador residente, em consonância com os propósitos desta pesquisa.

Partimos da fotografia mais ampliada e, nesta perspectiva, mostramos Duque de Caxias com sua imensa área territorial, densamente povoada nas porções superior central e esquerda da foto, respectivamente, o 1º e 2º distritos do município. À esquerda e ao centro da foto, vemos a área que corresponde ao pólo petroquímico.



Fonte: Google Earth

Foto 05 – Os limites geográficos de Duque de Caxias, circunscrita à Baixada Fluminense.

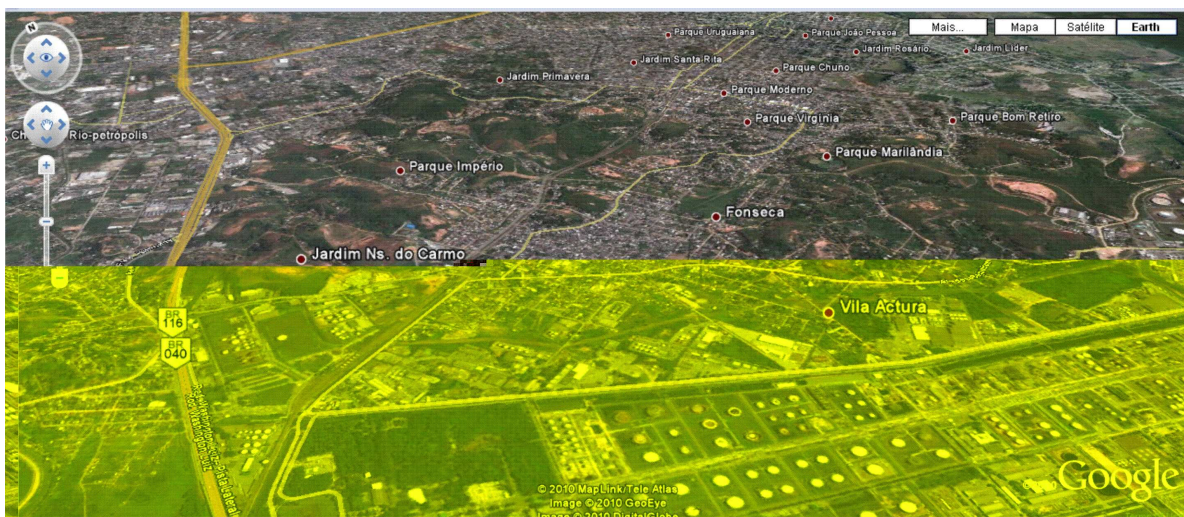
Na foto no. 06, a primazia da foto é a Reduc, à esquerda, e o Aterro Sanitário do Jardim Gramacho no lado oposto. Ambos foram empreendimentos que atraíram contingentes populacionais para os seus entornos. A ideia desta foto é destacar a proximidade da refinaria dos rios, da Baía de Guanabara e da produção de metano, proveniente do aterro sanitário do Jardim Gramacho. São elementos constituem de riscos, de naturezas distintas, mas que a mesma população está submetida. Os dois rios que cortam a imagem são os principais da bacia hidrográfica da região – outrora navegáveis e ligados à pesca, hoje assoreados, retificados e insalubres - e um deles, o Iguaçu, da esquerda divide o primeiro distrito (lado do aterro) do 2º (Reduc).



Fonte: Google Earth

Foto 06: A esquerda da foto, vemos a Reduc e Campos Elíseos. À Direita, temos o bairro de Jardim Gramacho e o Aterro Sanitário. Similaridades de pobreza (IBGE, 2000) ao redor dos empreendimentos.

A foto 07, a seguir, apresenta a REDUC e destaca outro elemento próximo da refinaria: seus moradores, os seus vizinhos. Na tangente do pólo petroquímico, as casas se entremeiam com os tanques de estocagem e outros tipos de empresas que abastecem a logística intermodal (duto para caminhão-tanque) da refinaria.



Fonte: Google Earth

Foto 07 – Refinaria de Petróleo de Duque de Caxias (Reduc) e os bairros adjacentes

Alguma coisa está fora da ordem, fora da nova ordem mundial (VELOSO, 1992)

Já a foto nº 8 apresenta a sinalização de entrada da Refinaria, muito bem iluminada, contrastando com o breu da estrada, BR040, à noite.



Fonte: Site da PETROBRAS

Foto 08 – Totem localizado na entrada da Refinaria de Petróleo de Duque de Caxias.

A máscara de Dionísio: mas qual é a verdadeira face do ator?

A foto nº 9 retrata a refinaria em si; sua planta industrial, no entanto, assim como em todas as outras fotos do *site* da empresa (PETROBRAS, 2011), negligencia seu entorno, especificamente, as comunidades (Campos Elíseos, Cangulo, Saracuruna, Jardim Primavera, Ana Clara), que existem ao redor da Reduc e que foram retratadas no enquadramento do pesquisador exibido na foto 07. A rigor, a periferia do pólo atua como uma *buffer zone* das instalações.



Fonte: Site da PETROBRAS

Foto 09 – A planta de produção da Reduc

Organizações são, acima de tudo, espaços políticos (DEETZ, 1977)

Os campos elíseos mitológicos jazem somente no projeto desenvolvimentista do governo e no discurso organizacional da Petrobras, pois, se considerarmos as histórias dos moradores da região, a realidade é bem diferente.

Os moradores mais velhos contam que foram atraídos para a região com a promessa de, não só participarem da construção da Reduc, como também de lá permanecerem empregados. Não obstante, à medida que a obra avançava, os que se tornavam inúteis “por já terem cumprido sua parte”, eram dispensados. Esta racionalidade instrumental gerencialista, a qual desequilibra a mente humana ao proceder a uma valorização unilateral (GUERREIRO RAMOS, 1981), dialeticamente, resultou no surgimento de comunidades em torno da refinaria.

No discurso de Jose, hoje com 72 anos, dono de uma birosca numa comunidade fundada a partir de uma invasão, promovida por um candidato a vereador, depois eleito, vemos com clareza os fragmentos desta história silenciada:

(E10) eu tava empregado no Paraná, mas meu sogro na época insistiu que eu viesse com a filha dele pra cá. Me disse que tinha muito emprego aqui. E tinha! Num foi difícil trabalhar na obra, não. Era obra pra tudo quanto era lado. A gente cavava buraco até sem saber pra quê. Depois que abriu. Aí, a porta se fechou pra gente. Tinha uns caras que botava a gente lá, mas tinha que fechar com eles. Muita gente já tava devendo e não tinha como pagar não. Eu fui ficando por lá, tentando. Arrumava uns bicos, dava pra comer. Mas a família grande, netos. Depois foi ficando caro ficar lá e tentar emprego lá no Rio. Lá não dava mais. Aí, eu vim parar aqui e hoje to nessa. (...) Devia ter ficado lá no Sul. (José, 72 anos, Jardim Gramacho, Duque de Caxias, RJ)

Engana-se quem pensa que a realidade mudou. Nos fragmentos de discursos seguintes, as dificuldades, “jeitinhos” permanecem e outras lacunas são evidenciadas. Seleccionamos a edição do discurso de duas entrevistadas que mostram o encantamento e o descontentamento com os “jeitinhos”, as “trocas”:

(E5) *é muito bom isso, até porque o meu esposo trabalha nessa área... Me sinto maravilhada! Eu acho maravilhoso! A gente mora em Caxias até por causa disso. (...) área petroquímica. Eu fico maravilhada! É tudo maravilhoso. Então a gente mora em Caxias até por causa disso. É difícil conseguir emprego lá [Reduc], mas, muito difícil... (...) ele [marido] conseguiu [emprego] pouco tempo, três meses, dois meses, mas, é difícil conseguir entrar lá pra trabalhar, mas trabalhou lá dentro, mas é difícil... conseguir lá dentro(...) porque assim, é muito... porque assim, as pessoas... vem muita gente de fora pra trabalhar. E lá é muita, dizem, assim, é muita panelinha, né. Então... é, então é isso aí, então... só entra lá quem, como é que eu posso falar assim... quem já tá muito junto das coisa e ele já até me falou que têm as pessoas lá que pra conseguir trabalhar tem que dar o encarregado fichar e aí depois o salário que receber tem que dar... como um pagamento assim... tipo um pagamento assim pra conseguir entrar, é difícil ele conseguir um trabalho lá. É o sonho dele trabalhar, mas, lá, porque eu acho que pra carreira de qualquer uma pessoa como ele, então é difícil... (...) ele é soldador [soldador]. (...) tem, mas é difícil. É difícil conseguir porque é muitas pessoas que vem de fora (Janete, com 28 anos, Saracuruna, Duque de Caxias, RJ).*

A outra entrevistada no grupo, a igualmente jovem Marcilene, moradora do mesmo bairro, com 33 anos, acrescenta:

(E6) *é pelo grau de escolaridade e os cursos caros. É porque, o que que acontece tem que ter um investimento. Você tem que ter dinheiro pra investir em você, porque se você não tiver você faz um curso, mais ou menos, é o que seu dinheiro dá pra pagar. É como eu falei né, muitas vezes você tem que trabalhar pra poder botar comida pra dentro da sua casa, mas você não tem dinheiro pra pagar um bom curso. Você não tem dinheiro pra pagar um bom curso. Então você não tem como disputar, “entendeu?”, uma vaga de emprego. Você não consegue pagar um bom curso. Então você não tem como entrar no, né, disputar entendeu, uma vaga com uma pessoa que tem faculdade, mestrado, doutorado. Então fica tudo um pouco mais difícil. Aí vem aquele negócio da facilidade... entendeu? “Eles planta” a, a... (...) “eles planta” a facilidade, como ela [aponta pra Janete] “ta” falando aqui. As vezes tem lugar que, por exemplo: “ - eu te boto, mas um mês do seu salário é meu!”. “Ta*

entendendo?”, então... *É uma troca. (...) é tipo uma troca.* (Marcilene, 33 anos, Saracuruna, Duque de Caxias, RJ)

Os discursos das duas entrevistadas contrapõem aquilo que a empresa preconiza em sua política de SMS. Em ambos, encontramos fragmentos que mostram a dificuldade dos profissionais alcançarem os índices de especificidade que os processos da empresa exige de sua mão-de-obra e, como ela se vê refém de procedimentos duvidosos e outros que requerem elevados investimentos.

A estas comunidades, a Reduc também oferece uma bela estrada asfaltada, a qual dá acesso à refinaria; por outro lado, o poder público se faz ausente, pois não há saneamento e água encanada na totalidade da região e escolas e hospitais em número suficiente para atender à população local (IBGE, 2000; OMS, 2003; CEDAE, 2011).



Foto 10 – Estrada de acesso à Reduc.

Bolsa-Asfalto.Califórnia? Não. Estrada de acesso à refinaria..

Contudo, ainda no perímetro da refinaria, a realidade é vista e contada de forma diversa. A foto 11 exhibe uma realidade bem diferente, que expomos a seguir:



Foto 11 – Chorume do lixo acumulado, lama e lixo numa rua (*é uma?*) da comunidade em torno da refinaria.

As fotos explicitam ângulos com tratamentos diferenciados. São por meio das histórias de vida que temos contadas novas histórias (VERGARA, 2010). Assim elas retratam a vida, por onde passam aqueles que foram silenciados dos discursos oficiais. Seus passos não estão nas ruas principais que ostentam o sucesso do empreendimento, mas pelos caminhos que os levam às suas moradias, muitas delas sobre os rios que acolhem as chuvas, alagam as ruas, servem de privada, levam o lixo. É gente humilde, em casas coletivas, como ilustradas na foto no. 12 seguinte deste parágrafo:



Foto 12: - A comunidade com a Reduc ao fundo

A técnica é tão democrática quanto a sociedade em que ela se desenvolve (SANTOS, 2002):

Nos trechos extraídos dos discursos apresentados a seguir, encontramos relatos de como são enfrentados os problemas diários da população e que corroboram na interpretação das últimas três fotos inseridas, as de no. 10, 11 e 12. A entrevistada (E8) demonstra a profunda insatisfação com o asfalto que não chega às ruas transversais e reforça que muitas vezes ele é intencionalmente colocado nas ruas para, de alguma forma, beneficiar a refinaria. Na entrevista concedida, ela exemplifica com as ruas situadas na localidade chamada de Cangulo. O lugar fica nos fundos do empreendimento e é rotineiramente acessado pelos operários para inspeções e também por seguranças patrimoniais, além de ser importante rota de acesso em caso de sinistro. De tal forma, a lógica instrumental prescinde o bem-estar que a população do local usufrui:

(E8) No Cangulo o asfalto é muito lindo na rua principal, mas você já foi nas ruas transversais? Não são asfaltadas, ou tá tudo esburacado. (...) o meu paciente não tem água potável em casa. Ou melhor não tinha... Ele pagou pra cavar um poço na casa dele. Ele pode pagar. E quem não pode? (...) mas não são as grandes empresas que dão um pouco de alívio para as dificuldades que as pessoas passam lá. São os pequenos comércios. É assim. Uma pessoa precisa furar um poço, são as farmácias, os mercadinhos que se unem pra pagar a furação do poço, todo mundo ajuda quando é um morador que não tem condições e tem muitos assim lá. Se os moradores precisam de um remédio, são as

farmácias, o comércio pequeno que ajuda. A Reduc não ajuda em nada não. São os pequenos comerciantes. (...) a água não chega até todo mundo. Nem aqui, que dirá lá. E a população não imagina o risco que eles estão correndo. A região do Cangulo é mangue. Era mangue que foi aterrado. Aquilo lá é tudo contaminado. Depois que fura o poço ninguém manda a água pra análise e todo mundo bebe. (Viviane Maria é fisioterapeuta e cabeleireira, tem 24 anos, mora em Saracuruna na rua que faz divisa com Campos Elíseos, Duque de Caxias, RJ)

A entrevistada Viviane (E8) alerta para o recorrente problema de abastecimento de água potável no município, que se torna ainda mais grave quando constatamos que o percentual de abrangência alcançado no município não contempla os domicílios de regiões como o Cangulo, por exemplo. A região, como muitas do entorno da refinaria, é fruto de invasão territorial e, no cadastro municipal, os domicílios de lá não existem e, portanto, não figuram na estatística da Companhia Estadual de Água e Esgoto (CEDAE). A água que ela faz referência que o paciente dela bebe é obtida através de poço artesiano, comuns na região, que matam a sede, ao sabor do sal.



Fonte: EIA/RIMA (PETROBRAS, 2007)

Foto 13: Não parece, mas a foto é recente. Assim é a “água potável” num poço aberto no Jardim Ana Clara, à margem dos fundos da refinaria e no limite com a Baía de Guanabara

A foto 13, seguinte deste parágrafo, é importante observar sua fonte. Ela poderia ser do acervo de uma das entrevistadas e, seu principal elemento já foi exposto aqui. A foto está

inserida no relatório de impacto ambiental da Petrobras (2007)³. Logo, dá ciência à companhia da existência do fato e dos riscos que a população está submetida. O relatório, além de uma exigência legal, é utilizado para justificar a necessidade das obras de instalação do terminal aquaviário e dutos de GLP entre a refinaria e alterações nas Ilhas Redonda e Comprida, ambas na Baía de Guanabara, já utilizadas pela companhia para abastecimento de navios exportadores.

No documento oficial expedido pela Petrobras, o assunto é tratado como “problemas e carências da população”, mas é classificado como um risco negativo e de baixo impacto, pela ótica da empresa. Na origem do documento, não constam informações sobre proposições que resolvam ou pelo menos justifiquem a inserção da foto, apenas que diversas áreas do bairro serão desapropriadas para dar espaço às expansões da companhia.

No discurso de Mariza, percebemos essa preocupação com obras, públicas e privadas na região. A “maquiagem” de áreas visíveis, de situações críticas afloram e muitas placas são instaladas na tentativa de dizer que algo está sendo feito, numa espécie de obra para inglês ver.

³ O EIA teve início no Rio de Janeiro, em 1975, com a criação do Sistema de Licenciamento de Atividades Poluidoras – SLAP e da Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente – FEEMA (incorporada ao INEA em 2009). O Conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMA (Critérios básicos e diretrizes gerais para o Relatório de Impacto Ambiental - RIMA" - Data da legislação: 23/01/1986 - Publicação DOU, de 17/02/1986, págs. 2548-2549) e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA deram suporte na Legislação Ambiental Federal. São obrigatórios para os empreendimentos de grande porte e/ou de significativo potencial poluidor, assim como a emissão do respectivo Relatório de Impacto Ambiental – RIMA. O intuito é detalhar o projeto e também a situação ambiental da região pretendido para o empreendimento e convergem numa análise dos potenciais impactos ambientais (CONAMA, 2011; INEA, 2011; IBAMA, 2011).



Foto 14 - Placa de propaganda do Programa de Aceleração do Crescimento - PAC, na avenida de acesso à refinaria.

Para inglês ver

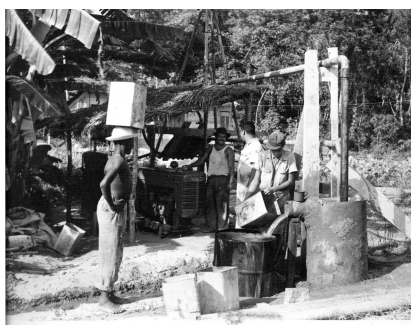
(E2) Porque lá dentro assim, uma empresa grande, é bem melhor do que aqui fora. Por que, assim, aí meu Deus... [Mariza fica sem palavras durante um bom tempo] É diferente porque lá eles têm condições melhores de viverem, aqui fora não. Aqui são as pessoas mais humildes. (...) o desenvolvimento é bem melhor do que aqui fora. (...) é ta precário aqui. Aqui fora tá um pouquinho precário.
(Mariza, 23 anos, Campos Elíseos, Duque de Caxias, RJ)

A jovem reconhece a importância da empresa e enxerga o desenvolvimento alcançado e presente na estrutura que já viu de perto, mas não o vê no entorno da comunidade onde mora. Na análise de seu discurso encontramos a expressão “*aqui fora*” [alusão ao “extra-muros” da refinaria] quando ela se referiu ao desenvolvimento. Ela (E2) reconhece que “*lá [refinaria] eles têm condições melhores de viverem, aqui fora não*”. Mas, a sua relação com a empresa é de esperança, por ser ela uma jovem aprendiz e, por isso, ao criticar rapidamente ela contemporiza “*é ta precário aqui. Aqui fora tá um pouquinho precário*”. Ficou patente viés de sua fala na crença do discurso da empresa.

As imagens dialogam com a realidade e com a realidade que representam, expressas nos diálogos das entrevistas. Foram essas imagens que propiciaram diferentes leituras e formataram o objeto de estudo (KOSSOY, 2002). Foi com o auxílio dos olhos emprestados

dos entrevistados que fomos capazes de viajar na nossa própria cultura e a conhecer um pouco de nós mesmos (ANDRADE, 2002). Valemo-nos desse olhar selvagem sugerido pela autora que mergulhamos sem medo e cerimônias na história e na vida daquilo que foi apreendido nas entrevistas.

Antes da exposição da foto 14 a seguir, trazemos para reflexão novamente a foto no. 03 já inserida neste estudo para promover uma comparação reflexiva. Vemos, na foto de 1957, a água em abundância sendo carregada por trabalhadores.



Fonte: arquivo pessoal de morador, funcionário da PMDC na época

Foto 15 (já inserida como foto 03, aqui novamente colocada para reflexão: “Lata d’água na cabeça, lá vai Maria, lá vai Maria...” (ANTÔNIO, JUNIOR; 1952). E Josés, Severinos, Chicos, Cíceros... Assim foi construída a história de caxienses.

Se admitimos que as fotos servem para encantar e podem ser dirigidas conforme as intenções e são interpretadas conforme crenças, valores e culturas dos receptores (KOSSOY, 2002; KOSSOY, 2003), cabe uma reflexão: se o engenheiro da Prefeitura de Duque de Caxias, naqueles idos dos anos dourados propagasse ao invés daquela foto, utilizasse a sua versão mais recente, mais moderna, de um novo século, onde surgem as “carroças-pipa” numa rua de barro, com esgoto a céu-aberto, como podemos ver na foto no. 14, inserida abaixo, que retrata hoje a mesma localidade, que resultado teríamos? Eis a foto:



Foto 16 – Carroça-pipa, a alternativa de levar água para áreas mais miseráveis, dentro das mais carentes. A lata agora, vai na carroça.

As fotos também revelam que aquilo que é escasso para muitos moradores de Xerém (4º distrito), Campos Elíseos, Saracuruna, Jardim Ana Clara, Cangulo (todos do 2º distrito) e Jardim Gramacho (1º distrito) é abundante para a Reduc por ser ela abastecida pelo sistema de dutos que captam a água bruta, de forma gratuita (CEDAE, 2010) diretamente da Reserva Biológica, que fica a alguns quilômetros do empreendimento⁴.

No caminho dos dutos, como num rio, a vida se deu. É bastante comum a captação clandestina da água bruta, sem tratamento, através de canos adaptados nos dutos perfurados à bala, com tiros de revolver, conforme relatos de um “usuário”.

(E13) A água num chega aqui e a gente vê esse “canão” passando cheio d’água. Ah! Teve um dia que eu chamei “uns menino” e mandei “bala”. Nunca mais fiquei sem água.

⁴ Segundo a CEDAE, a Reduc é abastecida pelo Sistema Xerém – Saracuruna desde 1960. Além da adução, há um armazenamento de emergência no bairro Taquara (3º Distrito), sem qualquer vigilância no local (Autor, 2011). Além de ser mais limpa e necessitar de menos tratamento, a água bruta do Sistema Xerém – Saracuruna é gratuita. Somente em 1978, houve a necessidade de incremento de água proveniente do Sistema Guandu que chega até a refinaria através de duas adutoras, num percurso total de 42km. Já na Reduc, a água é filtrada e clarificada e daí parte para torre de resfriamentos, participa de processos industriais, é também desmineralizada. para alguns processos e é potabilizada. Cabe ressaltar que para cada m³ de petróleo processado, mais de 1 metro cúbico de água é consumida (PETROBRAS, 2011).

No fragmento de E13 vemos que não há aquiescência, mas sim um resquício de revolta de tamanha discrepância no uso de um item tão essencial.

Assim, da liberdade da poesia de Mario Quintana (2007) impressa no folheto institucional da Petrobras “Água que te quero Ter”, feito para um evento sobre água e sustentabilidade do planeta, promovido pela empresa no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, cabem algumas reflexões que contrapõe a lógica instrumental já aplicada nos rios da região. Vemos que a população não mede esforços para obter a água para seu consumo, seja com a perfuração de poços artesianos ou através da bala de um revólver. Assim, o título da poesia ganha novas dimensões, não importa como, mas todos os envolvidos buscam seus meios de conseguir ter. Eis a poesia para reflexão:

“Vem de trás o estirão. É tão soluçante e tão longo,
E lá na curva do rio vêm outros estirões e mais outros,
E lá na frente são outros, todos soluçantes e presos
Por curvas que serão sempre apenas as curvas do rio”

Na prática, apresentamos os rios retificados (veja a foto nº. 06) e entubados, exemplificado nas fotos de nºs. 16, 17 e 18. Em ambas as situações, os mecanismos serviram para favorecer o poder público no controle de vetores de doenças (SIMÕES, 2007) e o empreendimento (PETROBRAS, 2011).



Foto 17 – Dutos que abastecem a refinaria afloram das calçadas.
Ciência prudente para uma vida decente (SANTOS, 2002)



Foto 18 – Os dutos já compõem a paisagem do cotidiano dos moradores.

A verdade não é arbitrária, nem absoluta; a história caminha e vai revelá-la (MARCUSE, 2004)



Foto 19 – As construções se deram sobre os dutos, mas também sob os dutos.

É gente humilde, que vontade de chorar (GAROTO, MORAES, HOLANDA, 1969)

Ao longo de sua história, conforme narrado pelos mais velhos, a Reduc expôs a comunidade a inúmeros perigos, como a grande explosão de 1972, quando do vazamento e incêndio na válvula de espera de GLP. Este acidente resultou na morte de 38 empregados e

bombeiros, bem como ferimentos na população em geral, pois os destroços chegaram a atingir o centro do município de Duque de Caxias, a muitos quilômetros do local, no limite do município de Duque de Caxias com o de São João de Meriti, também na Baixada Fluminense. Desta forma, os moradores estão cientes de que vivem “ao lado de um barril de pólvora”, mas nenhuma denúncia foi levada adiante.

No dia seguinte ao acidente, assim relatava sobre o ocorrido um jornal carioca:

“O dia amanheceu de noite: um monte de fumaça semelhante a um cogumelo iluminou o asfalto da Rodovia Washington Luís (...) um incêndio em cujas chamas muitas vidas foram consumidas e muitas pessoas ficaram feridas. (...) Todos queriam ajudar, mas a indagação era dos próprios bombeiros: como? A cada explosão (...) uma visão do fim do mundo (JORNAL DO BRASIL, 1972)”

Os fragmentos de entrevistas inseridos a seguir são de moradores de Duque de Caxias que vivenciaram a grande explosão na década de 70. Eles nos dão a dimensão do ocorrido e do risco iminente que a população convive. Destacamos segmentos das entrevistas que expõem o risco, o medo que a população foi (está) submetida e relativa inoperância:

(E14) Ah! Eu morava com meus irmãos lá em Campos Elísio. A gente ouviu um estrondo, uma coisa muito forte, alta mesmo. Parecia dia, devia ser umas duas da manhã, tava todo mundo dormindo. Eu tinha uns 17 anos e foi um tal de gente pelada, de camisola saindo correndo pela rua. Ninguém sabia o que fazer, nem os bombero. Tava tudo amarelo, quente. Foram várias explosão, genti gritando pra tudo quanto é lado. Tudo quanto é vidro de janela quebrô (...) E depois... que ninguém queria voltar para casa. Toda hora passava um dizendo que ia explodí de novo. Eles fazia isso só pra gente saí e robá a casa da genti. Foi horrível! Morreu gente pra caramba (Wanderley, 57 anos, mora atualmente no Jardim Primavera).

(E13)Ah eu pensei que tinha sido uma botija de gás que tinha estourado. Tinha gente de camisola na rua. Só depois que eu fiquei sabendo que tinha sido a Reduc. Meu marido conta que teve um pedaço de uma esfera que foi jogado a quase três quilômetros. Ele trabalhava na Petrobras, hoje é aposentado de lá. Eu tava grávida, tomei maior susto. Aqui é longe, é quase divisa com São João de Meriti, mas dava pra ver o clarão também [um morro divide a região] (Merência, 72 anos, moradora de Duque de Caxias).

Os relatos evidenciam a falta de procedimento que havia na época do acidente e o risco que a população, mesmo a distância, sofreu. Ainda hoje, o município de Duque de Caxias divide um grupamento do Corpo de Bombeiro, que fica distante 17 quilômetros da Reduc, com outros da Baixada Fluminense e também com alguns bairros do Rio de Janeiro e, um grupamento especial no bairro de Campos Elíseos para atender emergências em todo o estado (CBMERJ, 2006)

Podemos constatar que até mesmo as histórias de acidentes não foram encaradas como ensinamentos para promoverem ações preventivas. O relato da jovem Mariza quando fora indagada dos procedimentos de segurança em casa de acidentes são surpreendentes:

A jovem Mariza, moradora da Rua do Fogo, em Campos Elíseos, contribui com o seu relato sobre como agir em caso de acidentes:

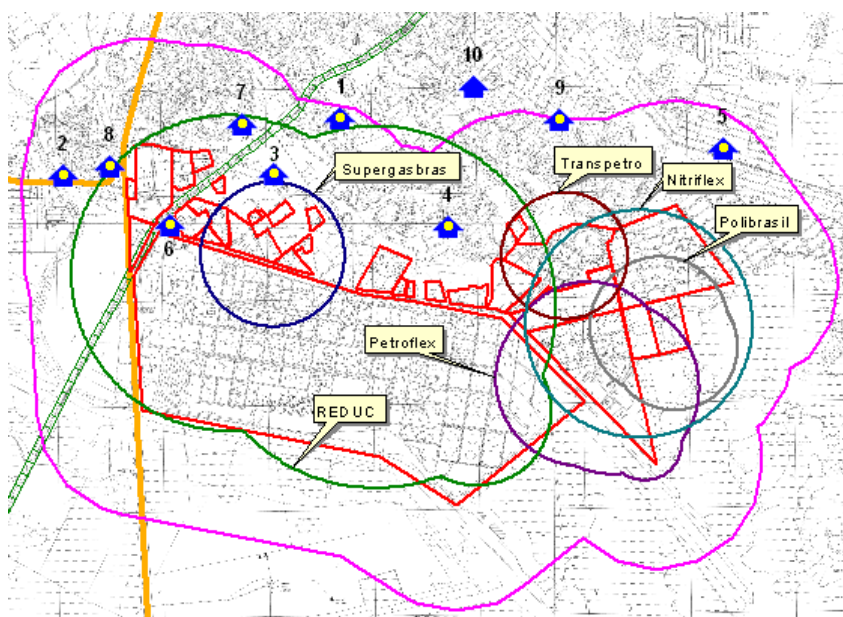
Sobre as explosões, percebemos que não há uma divulgação clara delas, mesmo nos contextos dos treinamentos:

(E02) *é mas a minha mãe nunca comentou comigo, eu fiquei sabendo através do meu sogro que mora em Primavera. Aí, há gente comentando que uma vez teve um incêndio (...) porque o pessoal da Defesa Civil sempre faz palestra. (...) Fazem palestra na rua mesmo. Semana passada teve uma palestra que um homem tinha caído do alto de uma casa e ficou no chão. Aí mostrou como é que a gente deve se comportar e essas “coisa”...*

Alguns treinamentos são realizados pela Defesa Civil e pelo Sistema de Resposta para Emergências Externas do Pólo Industrial de Campos Elíseos – APELL. Os objetivos básicos visam conscientizar a comunidade quanto aos possíveis perigos existentes na fabricação, manuseio e utilização de materiais perigosos e quanto às medidas tomadas pelas autoridades e indústria no sentido de proteger a comunidade local. Também objetivam desenvolver planos de emergências para que a comunidade saiba como agir em situações que ameacem a segurança e a coletividade.

O Processo APELL é constituído por diretrizes formuladas pelo Departamento da Indústria e Meio Ambiente do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (UNEP), em cooperação com a Associação das Indústrias Químicas dos Estados Unidos e o Conselho Europeu das Federações da Indústria Química. Vários países, incluindo o Brasil, são signatários e adotam os procedimentos como mecanismo de prevenção de acidentes de ação em caso de sinistro.

A Reduc e outras indústrias petroquímicas e químicas circunscritas ao pólo patrocinam a iniciativa (APELL, 2011; UNEP, 2011). Diversas áreas, e não apenas o bairro anfitrião da Reduc, são descritas como vulneráveis em caso de acidentes, segundo a APELL. A amplitude pode ser observada na figura 01 que circunscreve a Reduc e suas empresas acessórias e adjacentes:



Fonte: Apell

Figura 07: Mapa com a área vulnerável do pólo, considerando os cenários de acidentes com maior alcance das empresas

Ainda que considere uma área territorial abrangente, na amostra pesquisada, apenas uma entrevistada mencionou o processo e, ainda assim, ela nunca participou de suas simulações. Assim, os fragmentos de sua entrevista demonstram que os objetivos pretendidos, ao menos, não alcançam a população mais próxima da refinaria ou estão subscalonados, uma vez que não contempla sequer a área circunscrita no mapa institucional do próprio processo. Segue o fragmento da entrevistada com o segmento que faz referência ao exposto neste parágrafo:

(E02) assim, eu nunca participei, mas eu sei se caso alguma coisa acontecer, a gente tem que ir até o Colégio Helio Rangel em Jardim Primavera. (...) nos vamos pela água! A gente vamos por dentro da água. hum! Hum! Eles “fala” que a gente tem que “vim” pela linha do trem, andando pela pedra da linha do trem. (...) não tem que correr.

Ainda que o processo APELL seja uma exigência internacional, os procedimentos locais são, no mínimo, timidamente anunciados.



Foto 20 – Placa de sinalização para reunir moradores em caso de sinistro na refinaria. Em caso de acidente, procure a Cora Coralina. Só ela poderá nos ajudar.

Embora um dos objetivos da Ampliação da REDUC, em 2007, tenha sido “o aumento da confiabilidade operacional da refinaria”, cabe ressaltar que na consecução da obra e naquela época “as técnicas de análise de confiabilidade e de risco não se encontravam desenvolvidas para aplicação em projetos deste tipo” (IBASE/CUT-RJ/IPPUR-UFRJ, 2000, v. 2)

Existe hoje uma grande dívida acumulada da REDUC em relação à segurança industrial, pois às ampliações posteriores à implantação não corresponderam nenhuma adaptação neste sentido. Esta situação, em um contexto sócio-econômico periférico faz com que o gerenciamento de riscos se torne uma tarefa de elevado grau de complexidade, expondo os trabalhadores e as populações no entorno a acidentes ou outras situações consideradas indesejáveis, já que o conhecimento técnico da engenharia industrial relaciona fortemente a idéia de risco aos episódios de ampliação da capacidade produtiva das refinarias, relacionando as causas básicas de acidentes às modificações de projeto (SOUZA JÚNIOR, 1996; IBASE/CUT-RJ/IPPURUFRJ, ibidem, v. 2).

A implantação da Reduc, assim como de tantos outros empreendimentos, foi uma vitória de pirro. A refinaria comprometeu o ecossistema da região e teve, como diria Guerreiro Ramos (1989, p.9) , “um impacto desfigurador sobre a vida humana e a sociedade”. Efetivamente, Guerreiro Ramos profetizou a importância da responsabilidade ambiental, também tratada como sustentabilidade-



Foto 21 – Comunidade de Campos Elíseos

A realidade: como enigma, num espelho. África? Não. Campos Elíseos, Rio de Janeiro



Foto 22: Na foto de número 04, tirada há 60 anos em preto e branco, observamos alguns sinais de desenvolvimento. Hoje, o que vemos na foto acima é bem diferente. A foto foi propositalmente inserida em preto e branco para propiciar a reflexão sobre o desenvolvimento alcançado pelo município.



Foto 23 – Casas a beira do Rio Iguaçu, em Campos Elíseos, próximo à Reduc.

Por que a humanidade recai na barbárie em vez de ter uma vida humana? Quando a racionalidade avança, a irracionalidade também avança (ADORNO 2001).



Foto 24– A ocupação desordenada do solo próximo às margens do rio que corta Campos Elíseos e tangencia a Reduc.

Os sentidos humanos: cheiro de podre; gosto de humilhação; silêncio de cidade dormitório; mas só eu enxergo?



Foto 25 – Crianças brincam com sua tia, catadora de lixo, próximo a um ferro-velho e da Reduc. Querubins em Campos Elíseos.

“Sabe lá, o que não ter e ter que ter pra dar” (DJAVAN, 1984)

O desequilíbrio econômico apontado por Guerreiro Ramos (1981), agregado à prática gerencialista de dispensa de empregados não mais necessários, resultaram no surgimento e alastramento de comunidades no entorno da Reduc, as quais se caracterizam pela ausência do poder público e a não-observância da implementação da política de SMS da Petrobras em muitas localidades perimetrais à refinaria. Nestes não-lugares (FOUCAULT, 2007), observa-se a naturalização do desrespeito à lei e à ordem estabelecida pelo estado, como retratado na foto no. 26. Esta realidade evidencia a existência de um conflito social, conforme nos apontam os estudos de Horkheimer (2007).



Foto 26 – A naturalização do desrespeito à lei: terreno sendo vendido dentro de uma área de preservação ambiental.

A segunda queda do homem é a queda na banalidade (BAUDRILLARD, 2004)

O campo revelou que, pelo menos no que diz respeito à região onde se localiza a Reduc, a sustentabilidade sócio-ambiental ainda é uma questão meramente teórica para o governo, o qual não cumpre com suas obrigações constitucionais de prover mínimas condições de saúde, educação e moradia a todos os brasileiros; bem como a empresa em questão, a qual não executa suas políticas de maneira responsável e universal.

Reflexões finais: o sujeito sujeita, o objeto objeta



Foto 27– Placa sinalizadora de dutos submersos, muito comum em toda região.
O sujeito sujeita



Foto 28– A especulação imobiliária trouxe outro tipo de placa muito comum na região: a que anuncia a venda de terrenos onde os dutos estão enterrados
O Objeto objeta



Foto 29 – Da fé às ferragens: um pouco de tudo.

Andar com fé eu vou, a fé não costuma “faiá” (GIL, 1982)



Foto 30 – Fome selvagem.

IBAMA ou I(Brahma)? Será o dia da caça ou do caçador comer a caça com cerveja?

Com medo, sem saber por que estava sendo abordado, o jovem diz que pegou o animal na armadilha que tem em sua casa, mas que o levará [num domingo?] para o IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, que fica no Centro da Capital.



Foto 31 – Fome de trabalho

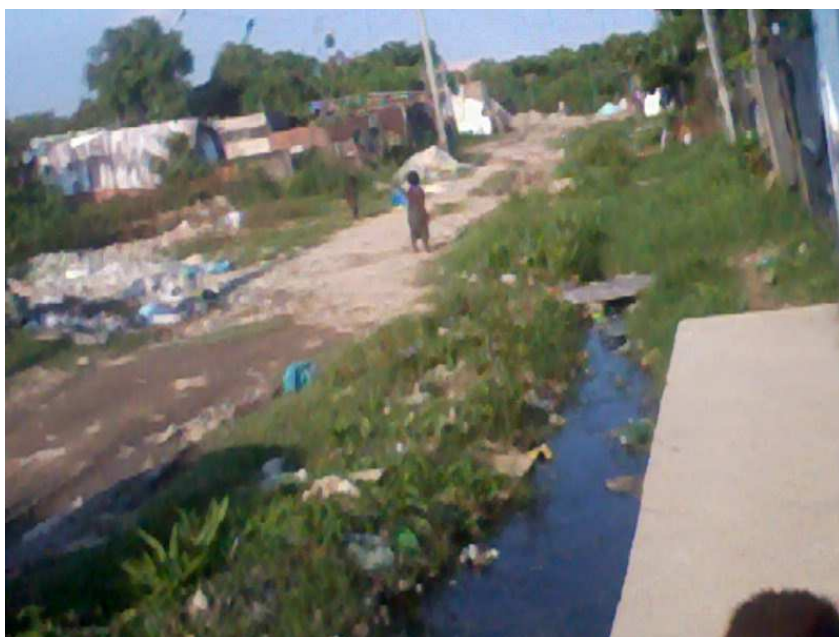


Foto 32 – Fome de diversão

Crianças soltam pipa (no imaginário) diariamente nesta “rua”. A pipa é abstrata, como quase tudo na infância deles.



Foto 33 – Fome de Cidadania, Escola e Lazer

Longe de tudo, na periferia.

No que tange a formação profissional de jovens, os relatos mostraram que a situação é subdimensionada, conforme aponta o relato de Mariza, participante de um projeto de aprendizes, promovido pela Reduc e intermediado por uma ONG em obediência a Lei Federal:

(E2) Lá perto de casa, em Campos Elíseos, eles tavaaaaa pegando as pessoas mais carentes, os moradores mais carentes e botando para fazer este curso para melhorarem de vida. Aí, há quatro anos atrás... Aií, chegoooo, pediram os documento e viram como que era a situação financeira das outras pessoas e me escolheram. (...) é básico. Português e Matemática. É o básico do básico. (...) É, primeiro você fica dois meses no PROFEC de Jardim Primavera. Aí, depois de dois meses, a gente foi pro SENAI, aí vamu retornar novamente, mês que vem, dia 6, pro PROFEC, para no dia 24 de janeiro, voltar pro SENAI e começar aí a exercer a profissão que é de assistente administrativo. Agora a gente tá tendo noções básicas: ética, essas coisa, planejamento de trabalho. O meu curso são 10 meses de duração de assistente administrativo. Depois de 10 meses, a gente vai prá Petrobras fazê um estágio, passando neste estágio eu posso ficar na Reduc trabalhando ou senão em outra empresa. (Mariza, 24 anos, jovem-aprendiz do SENAI, moradora de Campos Elíseos, Duque de Caxias, RJ)

O Projeto Jovem Aprendiz em parceria com o CEFET, ProCEFET, SENAI e a ONG PROFEC, situada no Jardim Primavera, foi implantado em 2006, com o principal objetivo de promover a inclusão social de jovens em situação de pobreza e miséria, através da qualificação social e profissional. A iniciativa atende 150 jovens, com idades que variam de 15 a 18 anos das comunidades periféricas da refinaria, que são Campos Elíseos, Bom Retiro, Jardim Primavera e Saracuruna (REDUC, 2007).

No discurso oficial da empresa, os jovens atendidos fazem cursos de formação de mão-de-obra de 02 anos para então formarem-se em instrumentistas, mecânicos, técnico em manutenção e predial. Eles têm a carteira assinada e recebem um salário-mínimo por mês. Os alunos são vistos como trabalhadores, recebem direitos como férias e podem ser desligados do programa. Pela proposta original, os aprendizes saíam empregados, sendo a demanda maior de instrumentistas, de acordo com outro fragmento colhido na entrevista de E02:

“já vi várias empresas de outros setores querendo eles pra trabalhar, porque [...] instrumentista é uma profissão muito concorrida”.

Mas, como o emprego não é garantia na REDUC necessita de concurso público, a possibilidade de contratação dos formandos na refinaria se dá pelas terceirizadas. Daí relembramos a forma que muitos profissionais conseguem uma colocação nas terceirizadas, que é através de profissionais que “ficham” outras em troca de favorecimentos monetários.

Ainda que não haja promessa de emprego através do Projeto Aprendiz que a jovem participa, chamou-nos a atenção o aproveitamento dos aprendizes no relato da jovem. De uma turma de 200 jovens, apenas um deles foi aproveitado pela Reduc. Eis o segmento extraído:

(E02) teve, há dois anos atrás teve. Teve alguns alunos que se formaram. Teve até... esse ano mesmo um rapaz que ta trabalhando dentro da Petrobras, de caldeireiro. (...) que fez o curso há dois anos atrás. Aí ele conseguiu...

Reconhecemos como um índice muito baixo e que por isso não condiz com os anseios dos jovens e das esperanças de famílias inteiras. O aproveitamento parece não atender nem

mesmo a demanda de novos postos de trabalho esperada com as expansões da companhia. O baixo índice suscita que pode haver alguma distorção no treinamento e que este pode refletir as necessidades efetivas da companhia. Valemo-nos do olhar da entrevistada Mariza (E02) para desnudar essa possível distorção “um rapaz que ta trabalhando dentro da Petrobras (...) Aí ele conseguiu...”

A empresa tem uma política de responsabilidade sócio-ambiental muito bem definida, a qual é explicitada em suas Diretrizes de Segurança, Meio Ambiente e Saúde (PETROBRAS, 2009b). A diretoria executiva da empresa, em 2009, aprovou 80 requisitos de excelência em Responsabilidade Social, elaborados segundo os dez princípios do Pacto Global, baseando-se também em outros indicadores de relevância internacional, como o Índice de Sustentabilidade Dow Jones. Essas diretrizes resultaram em um documento formal denominado Política de Segurança, Meio Ambiente e Saúde (SMS), o qual determina que a empresa deve:

Educar, capacitar e comprometer os trabalhadores com as questões de SMS, envolvendo fornecedores, comunidades (...) e demais interessados (...);



Fonte: EIA/RIMA da Petrobras (2007)

Foto 34 - “Êh, ôô, vida de gado, povo marcado, êh, povo feliz!” (RAMALHO, 1980)

Poderíamos enquadrar a fauna nos “demais interessados”? Ou pelo menos o dono desse rebanho poderia ser enquadrado?

Quando vemos expressas as ações “Educar”, “Capacitar”; presentes na SMS, inevitavelmente, levamos o nosso olhar para a área que circunscreve a refinaria na busca de iniciativas que concretizem essas ações. Esse olhar se volta para a esperança, presente nos olhares dos jovens que “cuidam” dos carros de um pequeno mercado, nos mais adultos que embalam suas lembranças parecendo querer esquecer o presente e naqueles que depositam na fé, integralmente, a certeza de uma vida melhor. A sequência das próximas três fotos, as de número 35, 36 e 37, exemplificam o exposto neste parágrafo.



Foto 35 – Criança que “trabalha” num mercado como guardador de carros em Campos Elíseos
A esperança está.....



Foto 36 – Senhor desempregado da região que “ganha-a-vida” tocando seu acordeom num bar deserto.
... nos desesperançosos...

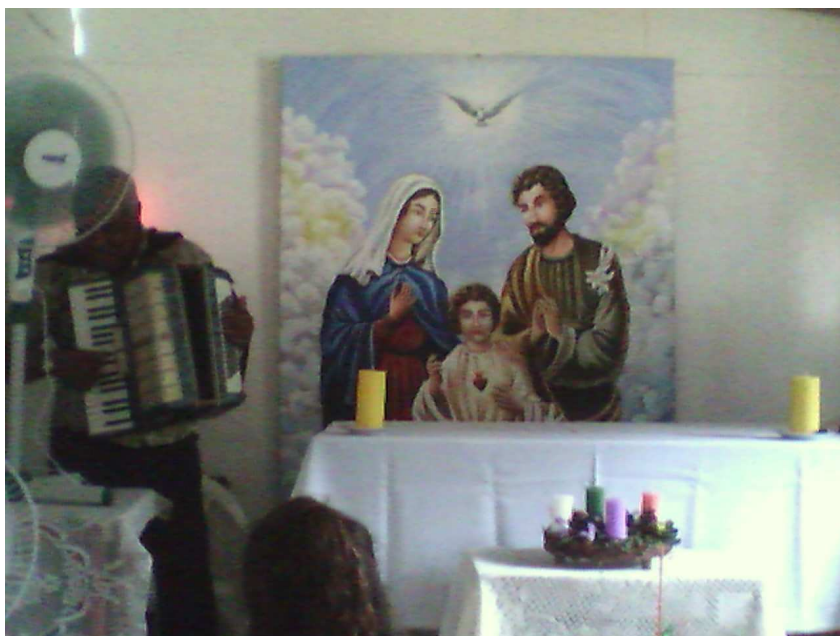


Foto 37 – O acordeom que embala a fé na pequena igreja de tábuas.
... que crêem que a esperança é realmente a última que morre.

Em algumas regiões, o atraso no desenvolvimento é tão grande que aquilo que é comum para muitas pessoas que estão acostumadas com os problemas da cidade: calçadas esburacadas, carros etc., é tido como novidade, bonito, curioso... Foi o que tivemos acesso na

Comunidade Santa Clara. Causou surpresa e desconforto até mesmo para o pesquisador-residente.

O enquadramento da foto de no 38 foi da pequena Maria, de 8 anos. A menina brincava nesta rua com seus dois irmãos, Jorge (7 anos) e André (6 anos), este último, totalmente nu. Quando perguntamos sobre o porquê de ter escolhido o ângulo que se vê registrado na sua foto, ela disse:

(E15) “- *é bonito esses carro todo aqui. Quase num tem carro aqui.*
(*Maria, 8 anos, moradora de uma comunidade adjacente à Reduc*)

De fato, constatamos que é muito difícil chegar até a região de carro. Até mesmo a pé é complicado demais. É um vazio de tudo. Não é passagem para lugar nenhum. É necessário ter um propósito para ir até lá, no caso era uma reunião paroquial na comunidade (a igreja fica na lateral esquerda da foto, a única calçada da região). O propósito também serve para legitimar a passagem pelo local, pois, como dito, o lugar não serve de passagem para lugar algum.

Em entrevista com duas moradoras, elas disseram que raramente saem do local e se fazem, é para ir à outra comunidade, numa espécie de “bonde” e para dançar funk ou forró. Elas disseram que costumam ir de ônibus para à Cidade Alta, quase na divisa de Duque de Caxias com o Rio de Janeiro, mas já do lado da capital. Também disseram que algumas crianças (que são inúmeras no local), nunca saíram. A nossa entrevistada mirim (E15), por exemplo, nunca saiu e nunca estudou. Ela fica em casa pra “tomar conta” dos seus irmãos, enquanto a sua mãe trabalha informalmente como catadora de lixo.

O olhar de Maria, nossa entrevistada mirim, vem a seguir:



Fonte: olhar de uma moradora, uma criança de 8 anos, que nunca saiu da região que mora.

Foto 38 – Comunidade Santa Clara

“... moço, quanto carro! Que bonito! Vai ter comida hoje aqui? Aqui dá cesta básica? (E15, 8 anos)

Analisando de uma forma mais contundente a foto da jovem, vemos ao fundo duas casas de alvenaria inacabadas. De certa forma, ela contrapõe a realidade da casa de plástico da jovem criança, como vemos na foto no. 32, inserida a seguir:



Foto 39 – Na fábula, a casa de palha não agüentou o vento do sopro do lobo, e caiu; a de madeira, também. O que podemos esperar então para a de papelão, madeira e plástico? Diferentemente da ludicidade do conto dos “Três Porquinhos” (DISNEY, 1933), aqui os personagens buscam trabalho.

Alguns fragmentos de discursos dos entrevistados relatam uma realidade bastante diferente do que é exposto na SMS da Petrobras. Mesmo tendo vivenciado as explosões e exposto a população aos riscos, vemos que as estratégias de evacuação da população se mostram bastante incipientes e restritas à área industrial de Campos Elíseos, contrariando até mesmo o alcance do que a história de acidentes já demonstrou ser maior.

Constituem preceitos da Petrobras a atuação na promoção da saúde, a proteção do ser humano e do meio ambiente mediante a identificação, controle e monitoramento de riscos, adequando a segurança de processos às melhores práticas mundiais que visam manter a empresa preparada para emergências, (...) a conduzir os negócios e as atividades (...) com responsabilidade social em sintonia com o Pacto Global da ONU e assim contribuir para o desenvolvimento sustentável com investimentos sociais para uma inserção digna e produtiva das comunidades (PETROBRAS, 2009c). Tais procedimentos que valoram substancialmente a empresa, não são percebidos na região, o que sugere, ao menos, o desconhecimento dos fatos retratados nas fotos 40 e 41, e que deveriam ser observados pela companhia, em obediência ao que se preconiza nos documentos aos quais ela é signatária.



Fonte: EIA/RIMA da Petrobras (2007)

Foto 40 - Comuns na região, mas os dutos não deveriam estar aqui.

A Política de SMS da Petrobras determina que os oleodutos devem guardar uma distância de 50m da várzea dos rios, para seguir as normas de segurança recomendadas pelo IBAMA (IBAMA, 2011) e pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA, 2011). Contudo, nas fotos 40 e 41 vemos dois exemplos de não observância destas recomendações, uma vez que a distância regulamentada não fora atendida nos dois casos. Na foto 41, inclusive, além dos oleodutos, o rio recebe continuamente a carga de água das caldeiras que resfriam as torres de destilação. Conforme relatos do comerciante que também mora no bairro de Campos Elíseos, o vapor d'água é um fato contínuo, conhecido e corriqueiro.

(E14) – “ *Calma! É normal!* ”

Assim disse um comerciante acostumado com o vapor d'água, proveniente da água escaldante lançada diretamente no canal. Como o fato ocorre a poucos metros da refinaria e do seu primeiro ponto de encontro externo para rota de fuga em caso de sinistro, seria a fumaça o sinalizador desse ponto?



Foto 41 – Esse caldeirão a céu-aberto fica na Av. Fabor, na esquina da refinaria. Justamente onde começa a rota de fuga em caso de acidente.

E por falar em fumaça, a foto seguinte retrata um amanhecer diferente na área da Reduc e serve para ilustrar, de forma contraditória a SMS da Petrobras, principalmente quando nos valem do discurso de uma entrevistada. O registro fotográfico enquadra a fumaça dos *flaires* da refinaria e foi feito pelo pesquisador residente, de dentro do trem que passa à sua frente. Eram 6 horas da manhã, de uma segunda-feira, em fevereiro de 2011:



Foto 42 – Amanhecer na Reduc, em fevereiro de 2011

Vento, ventania, me leva para os quatro cantos do mundo, me leve pra qualquer lugar.

Nas palavras de Viviane, vemos revolta com a visão simplista da natureza e conformismo com a institucionalização da diferença:

A revolta de Viviane:

(E08) A rua que eu moro faz a divisa de Campos Elíseos com os outros bairros, Sarcuruna, Primavera. Ela é uma rua principal. Então, assim, um lado da rua pertence à Campos Elíseos e, o outro, pertence ao Jardim Primavera. (...) Tudo isso aqui, meus avós contavam que era muito grande, muito verde, muita árvore e foi crescendo, crescendo muito. Na verdade eu moro na casa com a minha mãe e o terreno dela é muito grande. A casa da minha mãe, um lado dá pra Campos Elíseos e o outro pra Jardim Primavera. Se eu colocar o endereço da casa da minha mãe, é Campos Elíseos, se eu colocar o do outro lado é Primavera. A Reduc entrega um folheto explicativo, faz todo tipo de ação e orienta um lado da rua, o lado de Campos Elíseos e distribui os folhetos só do lado de Campos Elíseos, é como se o outro lado não existisse. (...) a rua, a rua Pernambuco, é o limite geográfico de Campos Elíseos, de um lado é Campos Elíseos, do outro é Jardim Primavera. A Reduc usa esse limite para as ações dela. (...) é a barreira geográfica. (...) tem um vidro de proteção de um lado pra outro da rua. Já experimentou deixar sua planta na chuva para ver como ela fica amarelada? (...) Experimenta! Deixa suas plantas na chuva um dia, no dia seguinte ela tá toda amarelinha. E a minha casa está no lado que não pertence a Campos Elíseos! (...) Eu gosto de cultivar hortaliças: cebolinha e outras, se eu deixar elas um dia na chuva, no dia seguinte, estão todas amareladas. (...) se você tiver do lado de Campos Elíseos eles cuidam de você. Se você chegar lá e apresentar um problema respiratório, pele ou qualquer outra coisa e dizer, e comprovar, que mora em Campos Elíseos, a Petrobras cuida.

Os trechos destacados no fragmento da fala de Viviane explicitam uma territorialidade para as ações informativas e preventivas da Reduc. Contudo, as áreas onde a empresa não atende, segundo a entrevistada, estão contidas no mapa de influência do Processo APPEL, o que mostra uma incongruência nas ações da empresa. Ainda que se desconheça o mapa, a visão positivista da empresa causa um profundo desconforto na entrevistada.

Ainda que denote desconforto com a resolução da empresa na prestação da informação ou do serviço de saúde, a entrevistada negligencia o inconformismo e demonstra aquiescência ao reificar a empresa por meio dos fragmentos destacados a seguir:

(E08) sim, ela tá certa. Ela cuida da população da onde ela está inserida. Quem tá fora...(...) É que isso aqui cresceu muito. An-ti-ga-men-te [fala bem pausada para dar noção de longe, distante, passado] ela cuidava de todo mundo que morava aqui, Primavera, Saracuruna, Cangulo, ia até Morabi, mas a população cresceu muito e aí não tem como... Aí ela cuida só de quem mora em Campos Elíseos. Eu, graças a Deus, eu tenho muita alergia, muita alergia mesmo, mas graças a Deus, minha mãe tem um bom plano de saúde e eu vou lá em Caxias [fazendo referência ao primeiro distrito, que é uma forma de expressão muito comum], faço meus exames, tomo meus remédios e fico bem. Mas eu sei que tem pessoas que nem sabe que tem esse direito, quando tem. E quem não tem, sofre. (...) as pessoas se acomodam... como vão lutar com uma empresa tão grande? Quando elas conseguirem provar alguma coisa já terão morrido, ou seus filhos... Eles (Petrobras) podem pagar os melhores advogados! Eles já têm os melhores advogados. E também recorrem em todas as instâncias. O pobre, morador, nem sabe onde pode ir. Não sabe nem por onde começar, aí ele fica sem saber usar os seus direitos, nem sabe que tem. (...) [um silêncio pairou no ar, meio que serviu para concordar ou ratificar o que havia sido dito, um reconhecimento que nem sempre “Davi” tem forças pra sempre lutar contra “Golias”]

A sensação, pelos relatos e fotos é de que a queima e a derrubada de árvores são elementos intimamente ligados ao crescimento da região, como vemos nas duas seguintes:



Fonte: Arquivo pessoal do morador e engenheiro da Prefeitura de Duque de Caxias.

Foto 43 – Amanhecer no Jardim Primavera, em 1951



Fonte: Arquivo pessoal do morador e engenheiro da Prefeitura de Duque de Caxias.

Foto 44 – Em 1951, algumas árvores não estavam no caminho

Expusemos até este ponto do estudo o olhar do governo, da principal empresa presente no pólo e da comunidade ao redor do empreendimento. Essa tríade serviu para demonstrar os diferentes olhares existentes que podemos incidir na região, principalmente naqueles que contrapõem os discursos oficiais e contam uma nova história, obtida a partir dos relatos e

fotos (VERGARA, 2010) até aqui expostos. No capítulo seguinte, tratamos da análise dos dados para assim prepararmos o terreno para nossas reflexões finais, apresentadas no nono capítulo.

CAPÍTULO 8 – Análise dos dados

A refinaria Reduc da Petrobras é apenas mais uma, das múltiplas obras grandiosas contempladas no projeto desenvolvimentista brasileiro. Este se fez presente em todos os governos da República Nova, desde Getulio Vargas (CSN, Petrobras), Dutra (rodovias), JK (REDUC, Brasília), passando pelos da ditadura militar (Transamazônica, metrô no Rio de Janeiro e São Paulo), até os mais recentes, incluindo os atuais empreendimentos de transposição das águas do rio São Francisco e as usinas hidrelétricas, em Rondônia. Mas em que medida estes megaprojetos nacionais refletem verdadeiramente os anseios da população? Será que eles, realmente, resulta(ra)m em benefícios à população local ou foram (são) meros instrumentos para o fortalecimento político e econômico de uma minoria?

Descobrir quais foram os impactos da instalação da Reduc no território em que ela se instalou, segundo a ótica dos habitantes locais e identificar de que forma eles percebem o desenvolvimento alcançado pela cidade foi o objetivo da pesquisa aqui apresentada. Ontologicamente, amparamo-nos nos fundamentos da pós-modernidade crítica, os quais contemplam a coexistência de múltiplas identidades (LYOTARD, 2003), textualidade (DERRIDA, 2004), resistência (BAUDRILLARD, 2004), bem como os pressupostos da teoria crítica (HORKHEIMER, 1937; RAMOS, 1981).

Metodologicamente, valemo-nos da etnografia, da autoetnografia (ALVESSON, 2003), dado que um dos pesquisadores é nascido e vive na região desde sua infância, e incorporamos, ainda, uma variação da etnografia: a fotoetnografia.

As fotos tiradas pelo pesquisador residente refletem não apenas seu olhar, mas toda sua história de vida e impressões, as quais foram construídas por meio de suas interações sociais, do uso de uma racionalidade comunicacional (HABERMAS, 1972).

As fotografias revelaram que a Reduc é, metaforicamente, a máscara de Dionísio, a qual reflete a metamorfoseabilidade da vida. Isto é, paradoxalmente, além da bela planta, do alto índice de eficiência em sua produção e sinais luminosos, ela esconde sonhos frustrados, promessas não cumpridas e vidas suprimidas.

Os dados coletados foram tratados por meio da análise do discurso, pois permitiu apreender não só a mensagem, mas também explorar seu sentido, seus significados: o que se fala e como se fala, o que está explícito e o que está implícito, a linguagem empregada no discurso, as dimensões enfatizadas (PUTNAM, FAIRHURST, 2001; VERGARA, 2010). Nesta pesquisa, utilizou-se a análise do discurso como estudo do uso real da linguagem, por

locutores reais, em situações reais e a linguagem considerada como uma atividade ancorada em um contexto.

Grande parte dos trabalhadores atraídos para a construção da planta foi demitida logo após o término da obra, o que resultou na favelização no perímetro da refinaria. Este novo espaço sócio-geográfico não foi assumido nem pela Petrobras, nem pelo poder público, o que abriu campo político para o narcotráfico e igrejas, especialmente, protestantes e pentecostais.

Do ponto de vista social, pelo discurso oficial do Governo e da empresa, a Reduc tem gerado benefícios à nação, o que é inegável pela lógica da racionalidade instrumental; contudo, à população local restou o ônus deste projeto: risco de vida (como na mega-explosão de 1972), degradação ambiental e falta de políticas de inserção social de forma plena.

Há dificuldade da população desprivilegiada de Campos Elíseos em entender seu próprio interesse político (HORKHEIMER, 1937), dado que, apesar da sensação de abandono por ser privada de serviços básicos, como água encanada, esgoto, escolas, hospitais e transporte, disponibilizados de forma satisfatória, há uma naturalização da ordem social vigente. Contudo, seria um equívoco associar esta naturalização à aquiescência. Os conflitos sociais, os quais são resultantes de relações de poder assimétricas, se fazem presentes: as leis são burladas, as propriedades públicas e privadas são invadidas e a própria polícia não entra em determinadas áreas, dominadas pelo narcotráfico. Neste contexto, os moradores de Campos Elíseos e regiões próximas já estabeleceram, através de associações de moradores ou ONGs locais, conflitos com a refinaria, quando quiseram suspender uma obra em uma tubulação que contribuía para enchentes na localidade.

O campo também revelou que não há observância de sustentabilidade social por parte da Reduc e que a população se sente abandonada pelo poder público e enganada pelos discursos organizacionais não concretizados. Podemos constatar que até mesmo as histórias de acidentes não foram encaradas como ensinamentos para promoverem ações preventivas.

Entendemos que a atual ordem social seja desnaturalizada, suas idiossincrasias trazidas a público, seus conflitos revelados e o paradigma da universalidade dos interesses gerenciais desmistificado. Acreditamos que a lógica da produção não deva ser elaborada e metrificada quantitativamente, mas também, e principalmente, qualitativamente. Esta mudança de paradigma pressupõe o resgate da razão substantiva, que revela percepções das inter-relações de acontecimentos e que constitui a base da vida humana e ética (MANNHEIM, 1940).

CAPÍTULO 9 – CONSIDERAÇÕES FINAIS - Reduc: Herói ou Herodes?

No livro de São Mateus (2, 16), Herodes ordena o extermínio de todas as crianças menores de dois anos em Belém, na Judeia, para não perder seu trono àquele anunciado como o recém-nascido rei dos judeus, Jesus Cristo. CASTRO (2010, p.1286) "Herodes mandou matar algumas dezenas de recém-nascidos". Na tentativa de impedir que seu povo fosse governado por outro rei, Herodes comete um grande erro e o povo passa a criticar suas atitudes.

A Petrobras e a Reduc foram epifanias do modelo desenvolvimentista dos governos que antecederam a instalação da refinaria. Como heróis, o petróleo e depois a Petrobras foram dados como a salva-guarda para o atraso no desenvolvimento do país.

Os resultados econômicos serviram de base para os governos federais seguintes ao governo Vargas. Porém, são evidentes as lacunas no seu desenvolvimento o que deixa claro que as bases dos investimentos não privilegiaram a infra-estrutura para propiciar melhores condições de vida aos trabalhadores e seus residentes. Em nossas reflexões finais, podemos intuir que a empresa, para aqueles que estão nos hiatos de desenvolvimento, não enxergam a parte heróica da história.

A Petrobras ocupa a 8ª posição em valor de mercado e está presente em 28 países. Sua forma integrada de atividades permite que a empresa explore, produza, refine, comercialize e transporte petróleo e seus derivados e ainda atue na área da petroquímica, distribuição, de gás natural, biocombustíveis e energia elétrica. São mais de 100 plataformas de produção e 16 refinarias, 30 mil quilômetros de dutos e mais de 6 mil postos de combustíveis. Com a perspectiva de dobrar o volume atual de reservas, hoje em 14 bilhões de barris de petróleo, a empresa pode levar o país à quarta posição no ranking de produção mundial.

A empresa está entre as mais sustentáveis do mundo e participa do índice *Dow Jones* de Sustentabilidade (SAM, 2011) e se destaca no aperfeiçoamento contínuo das práticas de governança corporativa e na adoção de padrões internacionais de transparência (PETROBRÁS, 2009a).

A política de SMS da Petrobras revela que, no que tange ao discurso organizacional, há o comprometimento com as comunidades, a necessidade de controlar os riscos à saúde humana e ao meio ambiente inerentes aos processos produtivos, como se evidencia pelas seleções lexicais “responsabilidade social” e “investimento social sustentável”.

Essa busca por legitimação se revela também na inserção ao projeto do Pacto Global (*Global Compact*) proposto pela ONU, no Fórum Econômico de Davos, em 1999, cujo objetivo foi mobilizar as lideranças da comunidade empresarial internacional para apoiarem as Nações Unidas na promoção de valores fundamentais nas áreas do meio ambiente e dos direitos humanos e trabalhistas. A idéia da criação do Pacto Global jaz na consideração de que as empresas são protagonistas fundamentais no desenvolvimento social das nações e devem agir com responsabilidade na sociedade com a qual interagem. Na medida em que se envolvem nesse compromisso e compreendem mais profundamente as oportunidades existentes num contexto social complexo e dinâmico, contribuem para criar uma sociedade mais justa. Por isso, todas as empresas do mundo, sem distinção da área em que atuam ou do tamanho que tenham, estão convidadas a participar (ONU, 2009).

A Petrobras é signatária do Pacto desde 2003, e sua adesão é um marco fundamental à condução de ações para o desenvolvimento sustentável. No campo da gestão, em 2004, a responsabilidade social passou a ser um dos três pilares da estratégia corporativa da Petrobras. Já em 2007, tornou-se uma função corporativa na empresa e, no mesmo ano, foi lançada a política de responsabilidade social, reforçando o comprometimento e baseada nos princípios do Pacto que compromete a empresa a, voluntariamente, cumprir e comunicar seu desempenho em relação a dez princípios relacionados a Trabalho, Direitos Humanos, Meio Ambiente e Transparência.

Ao subscrever o apoio ao Pacto Global, a Petrobras tornou-se responsável em divulgá-lo entre empregados, acionistas, clientes e fornecedores. Viu-se necessitada a integrar os dez princípios ao seu programa de desenvolvimento corporativo, a incorporar estes princípios à declaração da missão da companhia e a incluir o compromisso em seu relatório anual.

Discursos organizacionais têm por objetivo disseminar uma visão coerente e unívoca da organização; ademais, sua ação comunicacional (HABERMAS, 1972) revela, invariavelmente, um processo de engenharia organizacional, cujo objetivo é alinhar a empresa ao que há de mais moderno e valorizado pelo mercado (SARAIVA; IRIGARAY, 2009). No limite, os discursos são uma estratégia de legitimação da organização e suas práticas pelo mercado (LOUNSBURY; CRUMLEY, 2007) e clientes (WAILES; MICHELSON, 2008).

Tradicionalmente, a história é escrita pelos vencedores, cheia de ausências e silêncios (BOURDIEU, 2007). No entanto, o estudo aqui apresentado revelou outro olhar, o da

comunidade em torno da Reduc e as lacunas ocorridas na história desse empreendimento. E, neste sentido, a pesquisa se mostra relevante, pois tais lacunas poderão ser evitadas em obras futuras, incluindo a do pólo petroquímico em construção no município de Itaboraí, mencionada na introdução deste artigo.

Essa nova realidade impõe aos administradores a necessidade de elaborarem estratégias que harmonizem justiça social e lucro com as práticas organizacionais (ROBINS; COULTER, 1998) e, aos empregados, o desafio de conviverem com indivíduos de identidades sociais distintas (IRIGARAY, 2006), as quais podem ser visíveis (gênero, etnia) ou invisíveis (religião, doenças crônicas) que, não são incomuns, apesar de dificilmente mensuradas ou subestimadas.

A estratégia da empresa de se posicionar como uma empresa socialmente responsável tem rendido frutos. Por exemplo, ela foi considerada a quarta empresa mais respeitada do mundo (PETROBRAS, 2009c) e, também, consta na lista das 10 empresas que mais se valorizaram no primeiro semestre de 2009 (PETROBRAS, 2009c). Todavia, uma parada para reflexão é exigida aos que adotam visão crítica. Será que, na realidade, observa-se um fechamento da linguagem (BAHKTIN, 1992; MARCUSE, 1973), isto é, o discurso técnico se sobrepõe à realidade social?

Ontologicamente, a pós-modernidade significa reconhecer múltiplas realidades (BAUDRILLARD, 1968), que permite dar voz e restaurar as vozes de minorias esquecidas e silenciadas pelo *mainstream* (BENHABIB, 1999), e considera a desorganização, o desarranjo e a flexibilidade existentes no tecido social (HASSARD, 1993).

Não somos desencantados com o futuro (FOUCAULT, 2007), acreditamos que, ao trazermos à discussão a centralidade dos discursos oficiais, a racionalidade baseada em mitos funcionalistas (GUERREIRO RAMOS, 1981), os quais defendem os interesses das classes dominantes, podemos contribuir para a construção de um mundo que viabilize a concretização das esperanças dos que, atualmente, estão desesperançosos e desesperados.

As implicações do presente estudo colocam-se para a academia, para as organizações e para a sociedade como um todo. No que diz respeito à academia, é papel dos pesquisadores buscarem compreender melhor a realidade dos indivíduos cujas vozes são silenciadas pelos discursos organizacionais.

No que tange às empresas, há a necessidade de uma melhor compreensão por parte dos administradores, a fim de que possam formular políticas e práticas organizacionais

conducentes à melhoria da qualidade da saúde física e mental, qualidade de vida, condições de trabalho e dignidade dos empregados.

Em relação à sociedade, espera-se que seja responsável pelo reconhecimento da cidadania da população residente nas imediações do empreendimento e que o município desfrute do desenvolvimento prometido, obviamente com vistas para que se construa uma sociedade mais equânime, com pautas políticas e agendas de discussão que não naturalizem os fenômenos obscuradores das relações de poder. A igualdade entre os cidadãos não deve se conceber como a ausência ou a eliminação da diferença, mas como o reconhecimento da diferença e a decisão de ignorá-la ou levá-la em consideração.

No que concerne as implicações sociais, consideramos que outras pesquisas, no encaminhamento dessa aqui apresentada, também podem trazer à discussão e provocar a construção de estudos que objetivem o entendimento de situações e empreendimentos que dificultam a existência de um mundo melhor.

Enveredar-se por essas implicações parece ser uma adequada sugestão para futuras pesquisas sob o olhar de outros pesquisadores no objeto de pesquisa deste estudo, a Reduc, poderá diminuir suas limitações. Aplicado a outros empreendimentos, na apreensão do tema sob outras perspectivas, até que ponto o “respeito às comunidades locais ” contribui para que uma organização seja percebida como socialmente responsável? Ademais, como auferir esse respeito sob as óticas dos diferentes actantes? Pode-se ainda extrapolar essa pesquisa para outras áreas geográficas do país: interior, regiões Sul, Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho**. Porto Alegre: Tomo Editorial: Palmarinca, 1997.

ACSERALD, H. Justiça ambiental – ação coletiva e estratégias argumentativas. In: ACSELRAD, H.; HERCULANO, Selene; PÁDUA, José Augusto (org.). **Justiça Ambiental e Cidadania**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: 2004. p.23-39.

ADORNO, T. **Minima Moralia**. Rio de Janeiro: Edições 70, 2001.

ALVES, M.; GALEÃO-SILVA, L. A **Crítica da Gestão da Diversidade nas Organizações**. RAE – Revista de Administração de Empresas, v. 21. São Paulo: julho / setembro 2004; p. 18-25.

ALVESSON, Mats. **Methodology for close up studies**: struggling with closeness and closure. Higher Education, v. 46, n. 2, p. 167-193, 2003.

ALVESSON, M.; DEETZ, S. Teoria crítica e abordagens pós-modernas para estudos organizacionais. In: CLEGG, S.; NORD, W. (Orgs). **Handbook dos Estudos Organizacionais, v. 1: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, 1999.

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade: Educ, 2002.

ANTÔNIO, L; JUNIOR, J. **Lata D'Água**. Intérprete: Marlene. [S.I.], p1952

APELL - PROCESSO APELL CAMPOS ELÍSEOS. **Mapa das Empresas**. Disponível em: http://www.apellce.com.br/mapa_empresas.php. Acesso em 06 out. 2009.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. NBR 6023: **Informação e Documentação – Referências – Elaboração**, agosto 2002

BACON, Francis. **O Progresso do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

BAKTHIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo:Hucitec, 1992.

BALALAI, Roberto. Notas e Subsídios para a Análise do Discurso: Uma Contribuição à Leitura do Discurso da Administração. In: **Fórum Educação**. Rio de Janeiro, 1º - 2º trimestre, fev-maio, 1989, p. 57-62

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENHABIB, Seyla. **Postmodernism and Critical Theory: On the Interplay of Ethics, Aesthetics and Utopia in Critical Theory**. Cordozo Law School Review 11,p. 1435-1449, julho / agosto 1990.

BOJE, D. **Stories of the Storytelling Organization : A Postmodern Analysis of Disney as “Tamara-Land”**. Academy of Mangement Journal, 38:4, p. 997-1035, 1995.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. 5a. edição. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2007.

BRAGA, Odilon. **Bases para o Inquérito sobre o Petróleo: Exposição feita ao Sr. Presidente da República em Março de 1936 pelo Sr. Odilon Braga**. Rio de Janeiro Ministério da Agricultura, 1936

BRANDÃO, André. **Miséria da Periferia: as Desigualdades Raciais e Pobrezas nas Metrópoles do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004

BRIGHAM, John. *Views of Black and White Children concerning the distribution of personality characteristics*. Journal of Personality, 42, 1974, p. 144-158

BROVERMAN, Inge; VOGEL, Susan; BROVERMAN, Donald; CLARKSON Frank; ROSENKRANTZ, Paul. *Sex stereotypes: A Current Apraisal*. Journal of Social Issues, 28, 1972, p. 59-79

BRUYNE, P.; HERMAN, J; SCHOUTHEETE, M. **Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: F. Alves. 2ª. 1982

CALAS, M.; SMIRCICH, L. *Past Modernism? Reflections and Tentative Directions*. Academy of Management Review, Vol. 24, No. 4: 649-671, 1999.

CARLOS, ANA F. A. **Espaço e Indústria**. 8 ed.. São Paulo: Contexto. 2000, p. 15

CASTRO, J. J. P. (Frei). **Bíblia Sagrada**: Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges, 194 ed., São Paulo: Ave Maria, 2010 (claretiana)

CAULFIELD, J. *Visual Sociology and sociological vision*. *American Sociologist*, 11 (3), p. 56-68, 1996.

CENTRO DE INFORMAÇÕES DO ESTADO (CIDE). Disponível em <http://www.cide.rj.gov.br>. Acesso em: 30 de abril de 2010.

COLLIER, J. **Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo: Editora da USP, 1973.

COMPANHIA DE ÁGUA E ESGOTO (CEDAE). Disponível em: <http://www.cedae.com.br/>. Acesso em: 28 abr 2011

CONFEDERAÇÃO DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Que todos sejam um**. São Paulo: Mitra Diocesana do Brasil, 2007.

CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE (CONAMA). **Resolução CONAMA Nº 001/1986** - Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/>>. Acesso em 28 abr. 2011

CORPO DE BOMBEIROS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (CBMERJ) – Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro. **Grupo de Operações de Produtos Perigosos**. Disponível em <<http://http://www.bm3.cbmerj.rj.gov.br/modules.php?name=Content&pa=showpage&pid=134>>. Acesso em 20 ago, 2011.

DEETZ, J. *In Small Things Forgotten: The Archaeology of Early American Life*. New York: Doubleday. 1977.

DaMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Rocco: 1979.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. *The Sage Handbook of Qualitative Research*. 3a., New York: Sage, 2005, p. 217-233.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DISNEY, W. **Three Little Pigs**, 1933. Desenho Animado

DRAIBE, S. **Rumos e Metamorfoses: um estudo sobre a constituição do Estado e as alternativas da industrialização no Brasil, 1930-1960**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

DURAND, Gilbert. **A Imaginação Simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1993

EDWARDS, M; WATSON, A.C. H. *Psychosocial Aspects of Cleft Lip and Palate*. In: EDWARDS, M & WATSON, A. C. H. (Eds.). **Advances in the Management of Cleft Palate**. New York: Churchill Livinstone, 1980, p. 108-122

FÈBVRE, Lucien. La Terre et l'Evolution Humaine. In: *Introduction Géographique à l'Histoire*. Paris: La Renaissance du Livre, 1922.

FLEURY, M. **Gerenciando a Diversidade Cultural: experiência de empresas brasileiras**. RAE – Revista de Administração de Empresas, v. 40, n.3: 18-25. São Paulo: julho / setembro 2000

FOLEY, D.; VALENZUELA, A. Critical Ethnography: The Politics of Collaboration. In: FREITAS, M. E. **Como Vivem os Executivos Expatriados e Suas Famílias?**. São Paulo: EAESP/FGV/NPP. Relatório de Pesquisa, 7, 2000

FOLEY, James. *Effect of Labeling and Teacher Behavior on Children's Attitudes*. American Journal of Mental Deficiency, 83, 1979, p. 380-384.

FREITAS, M. E.; DANTAS, M. *The Foreigner in the Group: The bridge and the door to intercultural interation*. 2005

FREITAS, M. E. de. **Como vivem os executivos expatriados e suas famílias: franceses em S.Paulo**. Relatório de pesquisa, EAESP, São Paulo, 2000.

_____. **Identities and Interculturality: The Expatriated Professional is Always a Foreigner**. X Colóquio Internacional Sobre o Poder Local. Salvador, 2006.

_____. **Cultura organizacional: evolução e crítica**. São Paulo: Thomson-Learning, 2007.

_____. **O Imperativo Intercultural na Vida e na Gestão Contemporânea**. *Revista Organizações & Sociedade*. Salvador, v. 15, n. 45, p. 79-89, abr-jun de 2008.

FREUD, S. **O futuro de uma ilusão; o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Maia Schmidt, 1933.

FOUCAULT, M. **A Palavra e as Coisas**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2007.

_____. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

_____. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **Ditos e Escritos**, vol. IV. São Paulo: Galimard, 1994.

_____. **The History of Sexuality**. New York: Pantheon Books, 1978.

GAGLIETTI, Mauro. **Guerreiro Ramos e o paradigma da autopoiese: um anúncio na história intelectual brasileira**. IX Encontro Estadual de História. Anais... Porto Alegre:ANPUH-RS, 2008.

GARCIA, Afrânio e PALMEIRA, Moacir. Rastros de Casas Grandes e Senzalas: Transformações Sociais no Mundo Rural Brasileiro. In: Brasil: **Um Século de Transformações**. São Paulo: Schwarcz. 2003, p. 38-78

GAROTO, MORAES, V.; HOLANDA, F. Gente Humilde. Intérprete: Chico Buarque. In: Chico Buarque, **Volume 4**. São Paulo: Cara Nova Edições Musicais, p1969, 1 disco sonoro,

GIL, G. Andar com Fé. Intérprete: Gilberto Gil. In: **Um Banda Um**, p1982

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (GERJ). **A História do Rio de Janeiro**. Disponível em <[http:// www. egp.rio.rj.gov.br](http://www.egp.rio.rj.gov.br)>. Acesso em: 20 jul, 2009.

_____. **Índice de Desenvolvimento Humano**. Disponível em <<http://www.rio.rj.gov.br>>. Acesso em 20 ago, 2011.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1963.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1998.

GRAU, E. R. **A Ordem Econômica na Constituição de 1988**. São Paulo: Malheiros Editores. 8ª , 2003

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 11ª 2006

HABERMAS, J. **Knowledge and Human Interests**. Londres: Heinemann, 1993.

HARPER, D. **Visual Sociology: expanding sociological vision**. American Sociologist, 19 (1), p. 54-70, 1988.

HARRIS, Mary; HARRIS, Richard & BOCHNER, Stephen. ***Fat, Four-eyed, and Female: Stereotypes of Obesity, Glasses and Gender***. Journal of Applied Social Psychology, 12, 1983, p. 503-516.

HASSARD, J. ***Sociology and Organization Theory: Positivism, Paradigms and Postmodernity***. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HEREK, Gregory. ***Beyond “Homophobia”: a Social Psychological Perspective on Attitudes Towards Lesbian and Gay Men***. Journal of Homosexuality, 10, 1984, p. 1-21

HJELMSLEV, Louis. ***Le Language***. Paris: Minuit, 1966

HOBBS, T. ***Os Elementos da Lei Natural e da Política***. São Paulo: Ícone, 2002.

HOMERO. ***Odisseia***. São Paulo: Martin Claret, 2002.

HORKHEIMER, M. ***Eclipse da Razão***. São Paulo: Centauro Editora, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS RENOVÁVEIS (IBAMA). ***Licenciamento***. Disponível em: < <http://www.ibama.gov.br/licenciamento/>>. Acesso em 25 jul. 2011

IBASE/CUT-RJ/IPPUR-UFRJ. ***Ambientes de Trabalho, Ambientes de Vida***: capítulos da poluição industrial no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IBASE/CUT-RJ/IPPUR-UFRJ, v. 1 2000,

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). ***Censo Demográfico 2000 e Pesquisa de Orçamentos Familiares - POF 2002/2003***. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 28 abr. 2011

INSTITUTO ESTADUAL DO AMBIENTE (INEA). ***Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental***. Disponível em: < http://www.inea.rj.gov.br/fma/eia_rima_apresentacao.asp>. Acesso em: 28 abr. 2011

IRIGARAY, H. A. R. ***A Diversidade nas Organizações Brasileiras***: Estudo sobre orientação sexual e ambiente de trabalho. 2008, 331 f. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo: FGV, 2008.

JANESICK, V. J. ***The choreography of qualitative research design: minuets, improvisations and crystallization***. In: DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. (Eds.). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage Publications, 2000.

JODELET, D. ***A alteridade como produto e processo psicossocial***. In: ARRUDA (Org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1998. p.69-82.

JORNAL DO BRASIL, ***Acidente na Refinaria de Caxias***, 1972, capa

JUCY, N. ***Conheça o Petróleo e Outras Fontes de Energia***. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na Trama Fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 3ª. 2002. p. 19.

_____. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial. 2ª , 2003.

LACERDA, Stélio. **Uma Passagem pela Caxias dos anos 60**. Duque de Caxias: do autor, 2001

LAFER, Celso. O Brasil e o Mundo. In: Brasil: **Um Século de Transformações**. São Paulo: Schwarcz. 2003, p. 162-184

LINDLOF, T; TAYLOR, L. **Qualitative Communication research methods, 2a**. Thousand Oaks: Sage, 2002.

LOUNSBURY, M; CRUMLEY, E. T. **New practice creation: an institutional perspective on innovation**. Organization Studies, v. 28, n. 7, p. 993-1012, 2007.

LYOTARD, J.F. **A Condição Pós-Moderna**. São Paulo:Gradiva, 2003.

MADEIRA, M. **Um aprender do viver: educação e representação social**. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Orgs.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 1998. p. 239-250.

_____. **Representações sociais e educação: importância teórico-metodológica de uma relação**. In: MOREIRA, A. S. P. (Org.). *Representações sociais: teoria e prática*. João Pessoa: EDUFPB, 2001. p. 123-144.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas, SP: Pontes, 3ª. , 1997

MARCUSE, H. **O Homem Unidimensional**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1973

_____. **Razão e Revolução: Hegel e o Advento da Teoria Social**. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 2004.

MENDONÇA, M. G. **Progresso e Autoritarismo no Brasil: raízes das revoltas de 1904**. Rio de Janeiro: Pensieri. 1992

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). **Política Nacional de Recursos Hídricos**, 1989. Disponível em:
<<http://www.mma.gov.br/sitio/index.php?ido=legislacao.index&idEstrutura=157&tipo=0>>.
Acesso em 25 de jul. 2011

MORIN, E. **O método**. vol. IV. As idéias: sua natureza, vida, habitat e organização. Lisboa: Publicações Europa-América, 1991.

MORIN, Violette. **L'écriture de Presse**. Paris: Mouton & Co, 1969.

NISKIER, A. **Educação Brasileira: 500 anos de História (1500-2000)**. São Paulo: Melhoramentos. 1989

NETO, Waldemar Alvarenga. O Princípio da Goméia. In: Revista **Pilares da História de Duque de Caxias e Baixada Fluminense**. Duque de Caxias: Instituto Histórico Vereador Thomé Siqueira Barreto, Câmara Municipal de Duque de Caxias. Ano 8, no. 9. maio. 2009

NEWMAN, Joseph. *Faculty Attitudes Toward Handicapped Students*. Rehabilitation Literature, 37, 1976, p. 194-197

ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Emergency Projects** . Disponível em <http://www.un.org/News/oss/sg/pages/sg_office.html> Acesso em 12 ago. 2009.

PERROUX, François. O conceito de pólo de crescimento. In: FAISSOL, Speridião (Org.). **Urbanização e regionalização, relações com o desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: IBGE, 1978.

PETROBRAS [on line 2009a] <http://www.blogspetrobras.com.br/fatosedados>. Acesso em 28 de dezembro de 2009

PETROBRAS [on line 2009b]. <http://www2.petrobras.com.br/portugues/index.asp>. Acesso em 10 de agosto de 2009

PETROBRAS [on line 2009c] [http://www2.petrobras.com.br/ ResponsabilidadeSocial/ portugues/ pdf/BSA2008.pdf](http://www2.petrobras.com.br/ResponsabilidadeSocial/portugues/pdf/BSA2008.pdf). Acesso em 12 de agosto de 2009

PETROBRAS [on line 2011a] <http://www2.petrobras.com.br/> Acesso em 03 de março de 2011.

PETROBRAS. **Instalação do Terminal Aquaviário da Ilha Comprida, Adaptações do Terminal Aquaviário da Ilha Redonda e Dutos de GLP na Baía de Guanabara. Relatório de Impacto Ambiental**. Revisão 00, Set, 2007.

PETROBRAS. **Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro**. Sem data

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO BRASIL (PNUD). **Ranking do IDH-M dos municípios do Brasil, versão Excel. Índice de Desenvolvimento Humano - Municipal, 1991 e 2000**. Disponível em: <[http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/IDH- %201991%20e%202000%20Ranking%20decrecente %20\(pelos%20dados%20de%202000\).xls](http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/IDH-%201991%20e%202000%20Ranking%20decrecente%20(pelos%20dados%20de%202000).xls)> Acesso em 24 de julho 2011.

PREBISCH, Raul. **Crecimiento, desequilibrio y disparidades: interpretación del proceso de desarrollo económico**, in *Estúdio Económico de América Latina, 1949*. Nova Iorque: Nações Unidas. 1950.

RAMALHO, Zé. **Admirável Gado Novo**. Intérprete: Zé Ramalho. Rio de Janeiro: EMI Songs do Brasil Edições Musicais, p1980.

RAMOS, A. G. **A nova ciência das organizações: uma nova reconceituação da riqueza das nações**. Rio de Janeiro: FGV, 1981.

RAULINO, S. F. **Construções sociais da vizinhança: temor e consentimento nas representações dos efeitos de proximidade entre grandes empreendimentos industriais e populações residentes**. 2009. 338 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.

RIBEIRO, Luiz Cesar Queiroz. Cidade, Nação e Mercado: gênese e evolução da questão Urbana no Brasil. In: **Brasil: Um Século de Transformações**. São Paulo: Schwarcz. 2003, p. 132-162

SUSTAINABLE ASSET MANAGEMENT (SAM). **Dow Jones Indexes**. Disponível em <<http://www.sustainability-index.com>>. Acesso em 24 ago, 2011

SANTOS, B. **A Crítica da Razão Indolente**. Rio de Janeiro: Cortez, 2002

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**, 4ª. São Paulo: Universidade de São Paulo. , 2006.

SANTOS, T. C. F.; BARREIRA, I.. **O Poder Simbólico da Enfermagem Norte-Americana no ensino da Enfermagem na Capital do Brasil (1928-1938)**; Rio de Janeiro: Anna Nery/UFRJ. 2002

SARAIVA, L.; IRIGARAY, Hélio Arthur. Políticas de Diversidade: Uma Questão de Discurso? **RAE – Revista de Administração de Empresas**, v. 49, n.3. São Paulo: FGV, jul-set 2009

SAUSSURE, Ferdinand. **Cours de Linguistique Générale**. Paris: Payot, 1968

SCOTT, Robert. **The Making of blind men: A Study of Adult Socialization**. New York: Russell Sage Foudation, 1969

SECRETARIA DO ESTADO DA FAZENDA. Disponível em: <<http://www.fazenda.rj.gov.br/porta/index.portal>> Acesso em: 10 ago. 2009

SMITH, A. **A Riqueza das Nações**. Rio de Janeiro: Edições Revista, 2007.

SIMÕES, M. R. **Reestruturação Econômica e Emancipações Municipais na Baixada Fluminense**. Mesquita, RJ: Entorno. 2007

SINGER, Paul. Evolução da Economia e Vinculação Internacional. In: **Brasil: Um Século de Transformações**. São Paulo: Schwarcz. 2003, p. 79-131

SCHUCHARDT, U.; RIBEIRO M.; GONÇALVES, A. A Indústria Petroquímica no Próximo Século: como Substituir o Petróleo como Matéria-Prima?. In: **Química Nova**, 24, 2, 247-251, 2001.

UNITED NATIONS ENVIROMENT PROGRAMME (UNEP) **Division of Technology, Industry, and Economics**. Disponível em: http://www.unep.fr/scripts/runsearch_en.asp. Acesso em 12 abr. 2011

VERGARA, S. C.. **Métodos de Pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 4ª ed, 2010

_____. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 12ª ed., 2010

_____. **Métodos de Coleta de Dados no Campo**. São Paulo: Atlas, 2009

VERGARA, S. C.; IRIGARAY, H. A.; SANTOS, M. C. F.. Reduc – o Polo Petroquímico e sua Promessa de Desenvolvimento sob o Olhar da Comunidade. In: XI COLÓQUIO SOBRE PODER LOCAL, 2009, Salvador-BA, **Anais...**

VELOSO, Caetano. **Fora de Ordem**, Rio de Janeiro: Som Livre, p1992.

VIANA, DJAVAN CAETANO. **Esquinas**. Rio de Janeiro: Luanda Edições Musicais, p1984

VICTOR, M. **A Batalha do Petróleo Brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970

VIEIRA, M.; CALDAS, M. **Teoria Crítica e Pós-Modernismo: Principais Alternativas à Hegemonia Funcionalista**. RAE, v. 46, n.1. São Paulo: FGV, jan/mar 2006, p. 59-70

VIEIRA, M.; CALDAS, M. **Teoria Crítica e Pós-Modernismo: Principais Alternativas à Hegemonia Funcionalista**. RAE, v. 46, n.1. São Paulo: FGV, jan/mar 2006, p. 59-70

VIRGÍLIO. **Eneida**. São Paulo: Ateliê, 2005.

WAILES, N; MICHELSON, G. *The transfer of management ideas to a western “periphery”: the case of corporate social responsibility in Australia*. International Studies of Management and Organization, v. 38, n. 4, p. 100-118, 2008.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2011**: Os jovens do Brasil. Brasília: Ministério da Justiça, 2011

WEBER, Max. *The protestant ethic and the spirit of capitalism*. New York, Charles Scribner’ Sons, 1958.

WELSCH, W. *Transculturality: the puzzling forms of cultures today*, in *Spaces of Cultures: Citys, Nations, World*. Londres: SAGE Publications Ltd. Parte V, 1999.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos. **Um Século de Favela**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 2006